

PAULLA ROSÂNE PEREIRA

Os Faróis do Saber e seus agentes de leitura em Curitiba –
Paraná

Dissertação de Mestrado
Agosto de 2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO – UFRJ – ESCOLA DE
COMUNICAÇÃO - ECO

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA - IBICT

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO - PPGCI

PAULLA ROSÂNE DOS SANTOS COELHO PEREIRA

OS FARÓIS DO SABER E SEUS AGENTES DE LEITURA EM CURITIBA - PARANÁ

RIO DE JANEIRO

2016

PAULLA ROSÂNE DOS SANTOS COELHO PEREIRA

**OS FARÓIS DO SABER E SEUS AGENTES DE LEITURA EM CURITIBA -
PARANÁ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Gilda Olinto

Rio de Janeiro

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Paulla Pereira – CRB7/6088

P436 Pereira, Paulla Rosane dos Santos Coelho.
Os Faróis do Saber e seus agentes de leitura em Curitiba – Paraná /
Paulla Rosane dos Santos Coelho Pereira. – Rio de Janeiro, 2016.
140 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação e Negócios. Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Programa de Pós-
graduação em Ciência da Informação, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Gilda Olinto.

1. Faróis do Saber. 2. Biblioteca Pública. 3. Biblioteca Escolar. 4.
Competência em Informação. 5. Inclusão Digital. I. Olinto, Gilda
(orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Comunicação. III. Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e
Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação. IV.
Título.

CDU 027.481

PAULLA ROSÂNE DOS SANTOS COELHO PEREIRA

OS FARÓIS DO SABER E SEUS AGENTES DE LEITURA EM CURITIBA -
PARANÁ

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro/Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em: 29 de agosto de 2016

Profa. Dra. Gilda Olinto (Orientadora)
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Profa. Dra. Jacqueline Leta
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Profa. Dra. Simone Weitzel
UNIRIO

Dra. Ana Lígia Medeiros
Fundação Casa de Rui Barbosa

Profa. Dra. Lena Vania Pinheiro
PPGCI/IBICT – ECO/UFRJ

Ao Fabio, por ter insistido.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, por sempre ter acreditado na educação que me deu, e aceitado meus caminhos (tortos). E por ouvir, em primeira mão, cada apresentação que eu planejava, cada texto que eu escrevia, e emitir suas opiniões sobre, sempre.

Ao meu pai, por me lembrar que investir em mim mesma e em minha educação não é “mais que minha obrigação”. Com certeza essa dissertação é para você.

À minha orientadora, Gilda Olinto, por ter acreditado e persistido.

À minha banca, que me acompanhou na qualificação e na defesa, emitindo contribuições válidas e abrindo meus horizontes acadêmicos com suas sugestões.

Ao Gestor dos Faróis do Saber de Curitiba, pela atenção e cooperação para a pesquisa.

Aos amigos do Café Epistemológico, que dividiram comigo as dúvidas, as disciplinas, as agruras e as alegrias da academia. Em especial ao Rodolpho e ao Bruno, pelos papos esclarecedores, e à Ursula, pelo apoio profissional, excelentes conselhos e visão de mundo.

Mas principalmente, ao Fabio. Por ter me ensinado que eu posso escolher fazer (ou não) o que decidir. Por ter apoiado meus passos, ouvido as reclamações, e me incentivado a andar com minhas próprias pernas. Pelas sugestões no decorrer do trabalho. Por não ter saído correndo mesmo nos períodos de maior loucura acadêmica. Se não fosse você, com certeza a pesquisa não teria sido concluída. Obrigada por tudo.

RESUMO

PEREIRA, Paulla Rosane dos Santos Coelho Pereira. **Os Faróis do Saber e seus agentes de leitura em Curitiba – Paraná**. Orientadora: Gilda Olinto, 2016. 141f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2016.

Esta dissertação apresenta uma visão panorâmica dos Faróis do Saber da cidade de Curitiba – PR e do perfil dos agentes de leitura lotados em tais unidades. O objetivo é delinear um perfil da instituição e de seus colaboradores diretos, trazendo visibilidade a esta iniciativa bem-sucedida na área de bibliotecas públicas e escolares, envolvendo a utilização de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC). As indagações gerais foram: o que são os Faróis do Saber? Como eles são administrados? Qual é o perfil dos agentes de leitura neles alocados, e como eles interagem com seu público? Para embasamento da pesquisa foram abordadas reflexões teóricas sobre bibliotecas públicas, bibliotecas escolares e a aplicação das TIC nesses ambientes. Também abordam-se teoricamente o conjunto de habilidades e as potencialidades reunidas sob a alcunha da competência em informação, no contexto escolar e para o profissional que lida com informação. Os métodos empregados para a obtenção de dados sobre os Faróis do Saber foram a análise dos documentos pertinentes levantados junto à Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber da Prefeitura Municipal de Curitiba, a entrevista junto ao gestor das unidades e o questionário online aplicado aos agentes de leitura que trabalham nos Faróis. O exame do material existente sobre os Faróis aponta que eles agem como bibliotecas públicas ou escolares, de acordo com a localização em que foi construído. Também acentua a importância do planejamento cultural como um todo, abrangendo diversas facetas de seu impacto na sociedade. Os resultados da entrevista com o gestor indicam que ele busca agregar a comunidade do entorno nas ações dos faróis, e que a gerência está empenhada na disponibilização não apenas de acervo e equipamentos digitais, mas de atividades especificamente elaboradas para cada grupo de usuários, aplicadas e acompanhadas pelos agentes de leitura. Os questionários aplicados aos agentes de leitura revelam que as rodas de leitura e a contação de histórias são as ações que se destacam como atividades regulares. Esses profissionais consideram que os aspectos relativos ao uso do computador, disponibilidade da internet e atualização do acervo deveriam ser desenvolvidos para garantir a sustentabilidade dos faróis. O perfil obtido dos agentes de leitura respondentes revela que estes são formados geralmente em pedagogia; que a maioria possui alguma especialização no currículo, percebendo a importância da educação

continuada em suas atividades e no desenvolvimento de competências em informação. Os agentes de leitura demonstram compreender a importância dos Faróis para a cidade, e do seu trabalho, no apoio à população e na construção da cidadania. Os dados levantados demonstram que há espaço para o desenvolvimento de ações envolvendo TIC e outras atividades culturais como a criação literária.

Palavras-chaves: Farol do Saber. Bibliotecas Públicas. Bibliotecas Escolares. Competência em Informação. Inclusão Digital. Uso de Tecnologias de Informação e Comunicação. Informação para a Comunidade.

ABSTRACT

The objective of this dissertation is to provide a profile of the Faróis do Saber (Knowledge Lighthouses) of the city of Curitiba in Brazil and of their information professionals aiming at promoting greater visibility to this successful public initiative that involves public and school libraries. The research questions include, among others: what are their characteristics as information centers for public school students and for the community in general? What are the basic activities regularly promoted by the Faróis do Saber? How do they use information and communication technology (ICT) in these activities? What are the general characteristics of the information professionals (reading agents) working in these institutions, what is the profile of their information literacy, as well as their evaluation of the Faróis do Saber? As these institutions have a hybrid function as school and public libraries, we consider the literature that reflects about the functions of the public library as a social space and as a space for the promotion of reading abilities. The pedagogical functions of the school libraries, how ICT resources can be used in school and community libraries and what are the required information competences of information professionals in these contexts are also discussed. Empirical data were obtained from documents obtained from the Municipality, from an interview applied to the general manager of the Faróis do Saber and from a questionnaire applied to information professionals responsible for daily activities. The analysis of the interview indicate that the manager tries to involve the community in the activities promoted and that he is concerned with the effective use of the digital equipment provided, as well as with the promotion of activities planned for specific user groups. Data obtained from the reading agents reveal that the main regular activities are the promotion of reading. These professionals perceive the importance of the Faróis for the city and of their work for the community and in citizenship building. They also consider that computer and internet use and collection development should receive more attention to guarantee the sustainability of the institution. Pedagogy is the more frequent professional background and they usually have some specialization in their curricula. As a whole data obtained suggest that there is space for actions involving several cultural activities, as literary creation, with more intensive use of ICT.

Keywords: Farol do Saber. Knowledge Lighthouse. Public Library. School Library. Information and Communication Technology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Quadro esquemático da atuação de diferentes bibliotecas	26
Quadro 2 - Distribuição regional dos Faróis do Saber.....	67
Quadro 3 – Proposta de acervo mínimo dos Faróis do Saber, por área do Conhecimento.....	68
Quadro 4 - Características pessoais dos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba – 2016	104

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Farol do Saber Tom Jobim, localizado no Bairro Santa Quitéria.....	69
Fotografia 2 - Pavimento térreo do Farol do Saber Tradicional.....	70
Fotografia 3 - Mezanino: área de leitura e acesso aos computadores do Farol do Saber Tradicional.....	71
Fotografia 4 - Farol das Cidades.....	72
Fotografia 5 - Farol do Saber Mario Quintana	73
Fotografia 6 - Farol do Saber Casa Encantada	74
Fotografia 7 - Farol do Saber Gibran Kalil Gibran.....	75
Fotografia 8 - Farol do Saber Hideo Handa	76

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Tipos de Farol do Saber. Pesquisa com os agentes de leitura - 2016	88
Gráfico 2 - Finalidade de uso dos faróis. Pesquisa com os agentes de leitura dos Faróis de Saber de Curitiba - 2016	89
Gráfico 3 - Ênfase do acervo do Farol. Pesquisa com os agentes de leitura dos Faróis de Saber de Curitiba - 2016	90
Gráfico 4 - Oferecimento de cursos de treinamento de informática. Faróis do Saber de Curitiba - 2016	92
Gráfico 5 - Atividades desenvolvidas pelos agentes de leitura em 2016. Faróis do Saber de Curitiba - 2016.....	95
Gráfico 6 - Uso de ferramentas de internet pelos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016.....	100
Gráfico 7 - Nível educacional dos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016 ...	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Agentes de leitura respondentes da pesquisa, por Unidade Regional da cidade de Curitiba.....	87
Tabela 2 - Computadores disponíveis aos usuários. Pesquisa com os agentes de leitura dos Faróis do Saber de Curitiba - 2016.....	91
Tabela 3 - Equipamentos tecnológicos disponíveis para usuários. Faróis do Saber de Curitiba - 2016	91
Tabela 4 - Auxílio do agente de leitura no uso da internet. Pesquisa com os agentes de leitura dos Faróis do Saber de Curitiba - 2016.....	93
Tabela 5 - Uso dos computadores como acesso único dos usuários. Faróis do Saber de Curitiba - 2016.....	93
Tabela 6 - Treinamentos frequentados pelos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016	98
Tabela 7 - Formação profissional dos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016	105

LISTA DE SIGLAS

ALA – American Library Association

BRT - Bus Rapid Transit

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEMEI – Centro Municipal de Educação Infantil

CIC – Cidade Industrial de Curitiba

GBFS – Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber

ICI – Instituto Curitiba de Informática

IFLA – International Federation of Library Associations

IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NCLIS – National Commission on Libraries and Information Science

NRE – Núcleo Regional de Educação

OPAC – On-line Public Access Catalog

PNBE – Programa Nacional Biblioteca da Escola

PPU – Plano preliminar de Urbanismo

PUC-PR – Pontifícia Universidade Católica do Paraná

RMBE – Rede Municipal de Bibliotecas Escolares

SESI-PR – Serviço Social da Indústria – PR

SME – Secretaria Municipal de Educação

SNBU – Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias

TICs – Tecnologias de Informação e Comunicação

UEL – Universidade Estadual de Londrina

UEM – Universidade Estadual de Maringá

UNESCO – United Nations Educational Scientific and Cultural Organization

UNESPAR – Universidade Estadual do Paraná

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UTFPR – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	18
2	A BIBLIOTECA E SUAS DIFERENTES FINALIDADES.....	22
2.1	BIBLIOTECA PÚBLICA.....	23
2.1.1	Biblioteca Pública como espaço social.....	27
2.1.2	Biblioteca Pública e formação de leitor.....	30
2.1.3	Biblioteca Pública e as Tecnologias de Informação e Comunicação.....	31
2.1.4	Biblioteca Pública e o perfil do profissional da informação.....	33
2.2	BIBLIOTECA ESCOLAR.....	36
2.2.1	Biblioteca escolar e sua função pedagógica.....	39
2.2.2	Biblioteca Escolar e o perfil do profissional da informação.....	42
3	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO	46
3.1	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR	48
3.2	COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO	50
4	METODOLOGIA	53
4.1	INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS E LEVANTAMENTO DE DADOS.....	54
4.1.1	Sistematização de informações e dados previamente existentes.....	54
4.1.2	Entrevista	55
4.1.3	Questionário	57
5	RESULTADOS.....	61
5.1.	Análise da documentação levantada.....	61
5.1.1	A cidade de Curitiba	64
5.1.2.	Composição da Rede de Faróis	66
5.1.2.1	Faróis do Saber tradicionais.....	69
5.1.2.2	Faróis do Saber em Escola	72
5.1.2.3	Faróis do Saber Especiais	73
5.1.3	Profissionais da informação nos Faróis do Saber.....	76
5.2	ANÁLISE DA ENTREVISTA	80
5.3	ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS	86
5.3.1	Estrutura e atendimento dos Faróis	87
5.3.2	Disponibilidade e uso das TICs.....	90
5.3.3	Atividades implementadas nos Faróis	94
5.3.4	Competência em informação dos agentes de leitura	98
5.3.5	Opiniões dos agentes de leitura.....	101

5.3.6	Perfil pessoal e profissional	103
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
	REFERÊNCIAS	113
	APÊNDICE A - LISTA DOS FARÓIS DO SABER DA CIDADE DE CURITIBA	125
	APÊNDICE B – ARQUITETURA DOS FARÓIS: PROJETO ARQUITETÔNICO	127
	APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA.....	129
	APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS AGENTES DE LEITURA	132
	ANEXO A – MAPA DA CIDADE DE CURITIBA: DIVISÃO ADMINISTRATIVA: 2015	140

1 INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo tema das bibliotecas públicas deve-se às minhas experiências pessoais. Aluna de escolas estaduais desde a alfabetização, frequentei a biblioteca pública de Niterói durante o meu período escolar, tanto no ensino fundamental quanto durante o ensino médio. Perceber a monumental importância da biblioteca para minha formação me fez querer participar ativamente do processo de orientar outras pessoas no uso da informação e, assim, escolher a biblioteconomia como área de graduação.

No decorrer do mestrado, a mudança interestadual do Rio de Janeiro para o Paraná trouxe a agradável surpresa e acolhida: um prédio de arquitetura peculiar e uma lâmpada de farol acesa. Ao buscar informações sobre o que é considerado, à primeira vista, um ponto turístico, descobri que vários “monumentos” como aquele se espalham pela cidade de Curitiba; e, ainda, que funcionam como biblioteca e centro de apoio cultural para a população.

Concebido para ser uma experiência híbrida, unindo desenvolvimento de leitores e inclusão digital para a população, o projeto recebeu o nome Farol do Saber. É uma analogia à função do Farol de Alexandria, que era iluminar o caminho e ser ponto de referência dos navegantes. O Farol do Saber é um ponto de referência e suporte ao conhecimento em geral, particularmente a leitura e acesso à informação pela internet, aos estudantes e à população em geral. E soma às suas funções a de biblioteca, aludindo à também famosa Biblioteca daquela cidade.

Assim, o Farol do Saber não se define como uma biblioteca pública de modo estrito, mas possui atuação semelhante. Concebido para atender à população em geral, foi a princípio erigido em praças públicas; seu planejamento inicial previa a atuação também junto às escolas municipais, através da construção de unidades dentro das escolas, com o intuito de atender prioritariamente, mas não exclusivamente, aos alunos dessas unidades. Cumpre o duplo ofício, de atendimento público e escolar, mesclando papéis de formação de hábito de leitura, pesquisa em geral e formação comunitária.

Apesar de ser uma experiência considerada bem-sucedida em termos de criação e manutenção de biblioteca pública - poucos programas públicos de fomento à cultura conseguem se manter por longo período no país, que apresenta graves problemas de descontinuidade nesse setor (CALABRE, 2012) - o Farol do Saber tem sido pouco estudado, e o desenvolvimento de

pesquisas acadêmicas sobre o tema parece ainda restrito: o levantamento efetuado nos repositórios institucionais e bancos de teses¹ das principais instituições de ensino e pesquisa paranaenses² retornou apenas uma tese e uma monografia de especialização sobre o tema; o levantamento no mais conhecido portal de periódicos brasileiro (Portal de Periódicos CAPES) recuperou apenas dois artigos. A falta de respostas para as perguntas propostas, e o aprofundamento de informações sobre esta experiência, notadamente sobre o perfil do profissional de informação dos Faróis do Saber, são as principais motivações da presente pesquisa.

A natureza do Farol do Saber é híbrida; posiciona-se como biblioteca pública, ao atender a população em geral; e como apoio às unidades municipais de educação, onde grande parte de seu público é constituído de crianças e adolescentes em fase de formação de hábitos de leitura (ensino fundamental), tomando lugar como biblioteca escolar.

É evidente que os profissionais da informação que exercem seu trabalho nos Faróis do Saber estão, na realidade, desenvolvendo atividades comumente relacionadas a diferentes âmbitos, em um amálgama de biblioteca pública tradicional, centro cultural e biblioteca escolar. Essa dupla (ou tripla) responsabilidade aumenta a exigência sobre o profissional responsável por sua administração direta, pois requer diferentes qualificações no momento do planejamento das atividades e do atendimento direto aos usuários.

Durante a observação desse quadro profissional tão específico, diversas questões se impuseram: quais são as características gerais dos faróis em termos de infraestrutura como biblioteca e como centro de informação para alunos e comunidade em geral? Quais são as características de formação e de atuação do profissional de informação que atua nos faróis? Como eles avaliam a experiência? Qual a sua competência em informação? Como tem contribuído para atender ao público escolar e à comunidade?

Para contextualizar a experiência dos Faróis, apresentando um panorama de sua estrutura e funcionamento, e responder as indagações acima explicitadas, o trabalho empírico da dissertação envolveu: 1) Levantamento de dados na secretaria responsável, incluindo

¹ Houve a tentativa de busca em âmbito geral, utilizando o BDTD (bdttd.ibict.br), que reúne as bases das instituições participantes em todo o país; mas durante três semanas de tentativas contínuas, a página estava apresentando a mesma mensagem de erro de aplicação.

² Universidades federais com maior procura no vestibular e universidades particulares com melhores conceitos na avaliação do Ministério da Educação; levantamento nos acervos das bibliotecas da UFPR, UTFPR, UNESPAR, UEL, UEM, PUC-PR e Universidade Positivo.

informações sobre o projeto original dos faróis, e sua modificação no decorrer do tempo; 2) Entrevista com o atual gestor dos Faróis do Saber, visando obter suas opiniões sobre a experiência, considerando em destaque a estrutura administrativa do Farol e a atuação dos profissionais de informação; 3) Levantamento com os profissionais de informação que atuam nos 44 faróis buscando obter informações gerais sobre cada unidade e sobre alguns aspectos das características do profissional de informação que nele atua: sua formação, suas competências, a atuação junto ao público em geral e a segmentos deste, assim como suas opiniões sobre o farol e sobre a sua experiência.

Considerando a correspondência existente entre o Farol do Saber e a Biblioteca Pública, assim como as possíveis contribuições que esse tipo de experiência pode trazer para a atuação da biblioteca pública brasileira, a seção um apresenta uma discussão teórica, em torno do conceito de biblioteca pública, assim como sua influência no meio social em que se localiza; e especialmente, o que é esperado do profissional destacado para atuar nesse tipo de biblioteca, que é apontada como de natureza altamente complexa. Também nos detemos em elencar as características das bibliotecas escolares, atividade inerente à dois terços dos faróis do saber. Seu conceito e evolução, sua importância para o desenvolvimento escolar, e, principalmente, como é a atuação do profissional que trabalha diretamente com escolas e o público infanto-juvenil, elencando as características apontadas como imprescindíveis pela literatura da área. A partir dessa discussão, serão destacados alguns aspectos característicos da atuação destes dois tipos de biblioteca que serão considerados no estudo empírico.

Na seção dois é tratado o conceito de competência em informação, sua importância nos dias atuais, principalmente nos contextos das bibliotecas pública e escolar; e, segundo a literatura, quais são as principais habilidades e competências esperadas que o profissional desenvolva para plenitude da prática da profissão. Questões e estudos já realizados sobre a competência em informação do bibliotecário público e escolar serão aqui considerados e as dimensões da competência em informação que serão focalizadas no estudo serão destacadas.

A metodologia empregada na elaboração e desenvolvimento da entrevista e dos questionários aplicados aos profissionais de informação que atuam nos faróis é explicitada na seção três. Para responder às questões de pesquisa foram empregadas a análise documental, a entrevista semiestruturada com o atual gestor e responsável geral dos faróis e a aplicação de questionários aos profissionais lotados nas 44 unidades de informação. Os conceitos destacados para o trabalho empírico e como foram operacionalizados na entrevista e nos questionários

aplicados são especificados neste capítulo. A etapa do levantamento dos dados – a receptividade à entrevista, assim como a receptividade e retorno obtido aos questionários, são também aspectos descritos na seção.

A seção quatro descreve o Farol do Saber a partir de documentação levantada principalmente junto aos órgãos públicos responsáveis por seu manutenção, em especial a Secretaria Municipal de Educação da cidade de Curitiba. É apresentado em seus aspectos gerais (localização, objetivos, funcionamento), e as especificidades e diferenças entre os três tipos de faróis encontrados. A entrevista com o gestor, parte do levantamento de dados proposto, também será de grande valia para essa caracterização.

A seção cinco é dedicada à análise dos dados levantados na entrevista realizada com o atual administrador dos faróis e explicitação dos resultados obtidos através do levantamento feito com os profissionais de informação dos faróis. Algumas informações gerais sobre as características das instalações, serviços e acervos são inicialmente descritas. Especificamente, visando responder as questões inicialmente colocadas sobre o perfil do profissional de informação atuante no farol, como a sua competência informacional, e suas opiniões sobre o próprio farol e sobre sua experiência profissional, serão também aqui analisadas. A seção seis apresenta uma síntese dos resultados obtidos assim como algumas sugestões para otimização do profissional que está à frente das unidades dos Faróis do Saber.

2 A BIBLIOTECA E SUAS DIFERENTES FINALIDADES

A biblioteca é uma das instituições mais tradicionais no que tange a reunião e organização do conhecimento humano; estudos apontam registros datados de 3.000 a.C.

A biblioteca é a mais antiga e frequente instituição identificada com a Cultura. Desde que o homem passou a registrar o conhecimento ela existiu, colecionando e ordenando tabuinhas de argila, papiros, pergaminhos e papéis impressos. Está presente na história e nas tradições, destacando-se em Alexandria nos tempos de Cristo e proliferando nos interiores dos mosteiros medievais como repositório do saber humano. (MILANESI, 2003, p.24)

Longamente discutida através dos séculos, a biblioteca é o lugar que reúne e armazena o conhecimento humano registrado; os suportes variavam de acordo com a época e o local, iniciando com tábulas de argila e evoluindo, perpassando por rolos de papiro, pergaminho, papel, e enfim o arquivo digital comum na atualidade.

Mais do que uma mera reunião de documentos, outros fatores são responsáveis por tornar uma coleção de livros uma biblioteca, efetivamente; para alguns autores (CUNHA; CAVALCANTI, 2008; MILANESI, 2013a), a mecânica de atribuir formas de organização aos suportes já eleva uma coleção de livros ao patamar de biblioteca: “O que define a condição de biblioteca é a existência de alguma forma de organização que permita encontrar o que se deseja, mesmo que só o proprietário, ou poucos, tenham êxito nessa busca” (MILANESI, 2013a, p.14). Para outros, é a intenção de manter viva a memória da humanidade (BATTLES, 2003; SILVA, 2013), ou seja, sua função social. Lemos define três pré-requisitos para que uma coleção de livros seja considerada uma biblioteca, no sentido social do termo:

Para haver uma biblioteca, no sentido de instituição social, é preciso que haja três pré-requisitos: a intencionalidade política e social, o acervo e os meios para sua permanente renovação, o imperativo de organização e sistematização; uma comunidade de usuários, efetivos ou potenciais, com necessidades de informação conhecidas ou pressupostas, e, por último, mas não menos importante, o local, o espaço físico onde se dará o encontro entre os usuários e os serviços da biblioteca. (LEMONS, 2008, p. 101)

A diretriz inicial das bibliotecas foi, por séculos, a reunião do conhecimento humano (registrado) em sua totalidade; grandes bibliotecas antigas, como a famosa Alexandria (CÂNFORA, 1989), mostravam possuir essa ambição. Com o aumento exponencial da capacidade de produção de títulos, ocorrido por volta do século XIV, se tornou evidente que já

não era possível reunir todas as informações e títulos em uma única instituição e local. As restrições espaciais dos prédios em que se localizavam as bibliotecas tornaram-se restrições para aquisição do acervo, à medida em que já não era possível incorporar qualquer documento sob pena de excluir algum considerado mais importante. Essas restrições serviam, involuntariamente, de filtro de entrada de títulos e, conseqüentemente, passaram a filtrar também os frequentadores das bibliotecas:

Assim como se diz, em medicina, que não há doença e sim doentes, podemos dizer que não há biblioteca no singular e sim bibliotecas, na pluralidade que se impõe em nossos dias. A biblioteca pública é tão diferente da biblioteca nacional quanto a biblioteca escolar da biblioteca especializada. Essas diferentes categorias não existiam na Antiguidade, sendo uma exigência de nossa época: uma época em que o planejamento se impôs como condição *sine qua non* do desenvolvimento. (FONSECA, 2007, p.49).

Portanto, as diversas instituições que carregam a alcunha de “biblioteca” são diferentes entre si, apresentando características únicas que as aproximam ou distanciam, e que atraem um público específico. Segundo Battles (2003, p.15), “Cada tipo de biblioteca incorpora uma certa concepção a respeito da natureza dos livros, na medida em que favorece determinadas funções sociais, culturais ou místicas”. Para a presente pesquisa, dois arquétipos de bibliotecas foram identificados como de interesse, por suas propriedades e similitudes com o objeto estudado: a biblioteca pública e a biblioteca escolar.

2.1 BIBLIOTECA PÚBLICA

A preocupação sobre quem era o público das bibliotecas praticamente inexistia até meados do século XV. Isso porque essas instituições eram fechadas, voltadas para a conservação dos acervos e consultadas quase que exclusivamente por e para fins religiosos; eram, em grande parte, mantidas por comunidades monásticas, que “[...] contabilizavam seu capital pelo tamanho e qualidade de suas bibliotecas” (MILANESI, 2013a, p.25). Produzir cada livro era dispendioso, em tempo e em dinheiro.

A partir do século XV, uma conjunção de fatores possibilitou o barateamento do livro, e sua conseqüente disseminação: o uso de matéria prima barata (papel); o formato de códice (folhas reunidas e costuradas), em detrimento dos rolos; a prensa de Gutenberg; a laicização dos títulos decorrente disso; e, não menos importante, os movimentos sociais dos séculos seguintes (MILANESI, 2013a; MAN, 2004). Esse conjunto de elementos, resultante da

possibilidade técnica e da preocupação social em tornar o conhecimento acessível, possibilitou a criação de bibliotecas abertas a um público heterogêneo, de diferentes condições sociais e econômicas.

Mas a biblioteca pública, como a conhecemos, surgiu apenas no século seguinte:

Foi no séc. XVII que surgiu em alguns países mais adiantados da Europa, de modo quase simultâneo, o conceito de biblioteca pública moderna, aberta gratuitamente para os interessados, funcionando em horários regulares, e que colocavam à disposição dos leitores grandes acervos de livros (LEMOS, 2008, p.105)

Apesar da gênese europeia, e especialmente da forte influência francesa, foi nos Estados Unidos, durante o século XIX, que a biblioteca pública se popularizou (ALMEIDA JUNIOR, 2013). Galvão (2014) expõe que nas unidades europeias, a preocupação sobre a formação de um leitor erudito era prioridade; mas a aquisição massiva de livros clássicos afastava grande parte dos leitores. Simultaneamente, nas bibliotecas estadunidenses, o principal interesse era manter as bibliotecas cheias e os livros circulando; com isso, o acervo de literatura popular, romances e ficção crescia e atraía leitores de classes baixa e média.

Até então, o modelo de biblioteca predominante no ideário da população, tanto para usuários quanto para profissionais da área, era o de posse e armazenamento da informação, com pouca ênfase em sua disponibilização para o público. Por volta da década de 1940, a explosão informacional provocou uma ruptura no paradigma das bibliotecas em geral³, e na pública, em especial. A noção de preservação⁴ foi gradativamente substituída pela noção de acessibilidade da informação, ou seja, o real uso e acesso da informação pelos usuários.

Em 1948, a International Federation of Library Associations (IFLA) publicou, em conjunto com a United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (UNESCO) o Manifesto sobre Bibliotecas Públicas, que as define como “o centro local de informação, tornando prontamente acessíveis aos seus utilizadores o conhecimento e a informação de todos os gêneros” (IFLA/UNESCO, 1994). Ao longo dos anos, o manifesto foi reescrito e reeditado, levando em consideração as evoluções tecnológicas associadas a essas mudanças e o imenso

³ Sobre a questão dos paradigmas na Ciência da Informação, ver. Targino, 2010.

⁴ É importante ressaltar que essa substituição paradigmática não eliminou a necessidade de preservação, que é cada vez mais importante, em especial na era de documentação digital em que nos encontramos. Mas a noção restrita de que a preservação por si era suficiente como objetivo das instituições de informação foi solapada pela consciência de que o acesso ao conteúdo informacional é primordial, e mais do que isso, estratégico ao desenvolvimento pessoal e empresarial.

impacto que essas têm nos serviços informacionais. Em 2010 a IFLA publicou um novo documento⁵, inteiramente revisto, que expandiu a definição original, tornando-a mais abrangente e destacando a ampliação de suas funções com relação ao acesso ao conhecimento e à informação (viabilizando o aprendizado ao longo da vida, o acesso a vários tipos de recursos e serviços, sua atuação na inclusão social), assim como sua estreita relação com a comunidade local:

Uma biblioteca pública é uma organização criada, mantida e financiada pela comunidade, quer através da administração local, regional ou central, quer através de outra forma de organização comunitária. Disponibiliza acesso ao conhecimento, à informação, à aprendizagem ao longo da vida e as obras criativas, através de um leque alargado de recursos e serviços, estando disponível a todos os membros da comunidade independentemente de raça, nacionalidade, idade gênero, religião, língua, deficiência, condição econômica e laboral e nível de escolaridade. (IFLA, 2010, p.1)

A Biblioteca Nacional Brasileira apresenta a seguinte definição, baseada na prática institucional e refletindo o enunciado do Manifesto da Unesco, de 1994:

O conceito de biblioteca pública baseia-se na igualdade de acesso para todos, sem restrição de idade, raça, sexo, status social etc. e na disponibilização à comunidade de todo tipo de conhecimento. Deve oferecer todos os gêneros de obras que sejam do interesse da comunidade a que pertence, bem como literatura em geral, além de informações básicas sobre a organização do governo, serviços públicos em geral e publicações oficiais. A biblioteca pública é um elo entre a necessidade de informação de um membro da comunidade e o recurso informacional que nela se encontra organizado e à sua disposição. Além disso, uma biblioteca pública deve constituir-se em um ambiente realmente público, de convivência agradável, onde as pessoas possam se encontrar para conversar, trocar ideias, discutir problemas, auto instruir-se e participar de atividades culturais e de lazer. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p.18)

Nas definições supracitadas se torna evidente que as atribuições da biblioteca pública superam a mera disponibilização do acervo para uso público. O espaço deve agregar valor à comunidade, fomentando a interação interpessoal, a criação de laços entre os frequentadores e atendendo às necessidades do público de diversas formas.

Milanesi (2013a, p.112) resume, em quadro esquemático, os perfis de quatro categorias de bibliotecas (Quadro 1, a seguir); é interessante notar que a biblioteca pública é classificada com o maior grau de complexidade de operação; isso se deve à heterogeneidade – tanto na

⁵ IFLA Public Libraries Service Guidelines

constituição do acervo e disponibilização das informações, quanto na necessária diversificação no atendimento aos usuários.

Quadro 1- Quadro esquemático da atuação de diferentes bibliotecas

ÁREAS	EDUCAÇÃO	PÚBLICA	UNIVERSITÁRIA	ESPECIALIZADA
PÚBLICO	Grande e delimitado	Grande/heterogêneo	Grande e delimitado	Pequeno/homogêneo
INFORMAÇÃO	Politemática	Politemática	Monotemática, relativamente politemática	Monotemática
ACESSO	Local e virtual	Local e virtual	Local e virtual	Virtual
DEMANDA	Atende e cria	Cria e atende	Atende e cria	Atende
COMPLEXIDADE	Alta	Altíssima	Alta	Baixa

Fonte: Milanesi (2013a, p. 112)

Há atualmente uma forte preocupação com a renovação das bibliotecas públicas e a afirmação de seu papel na sociedade (TARGINO, 2010; MANESS, 2007); a oferta de acervo atualizado e pertinente à comunidade continua importante, mas a instituição não pode se limitar a esse serviço. Johannsen (2014) explica que o avanço tecnológico e as ferramentas de busca *online* formaram, do ponto de vista de parte dos usuários, a imagem de que as bibliotecas não são mais necessárias; e exatamente por isso os profissionais que trabalham no setor devem se mobilizar para agregar valor ao seu trabalho, com auxílio dessa mesma tecnologia, corroborando com a recomendação da Biblioteca Nacional para as bibliotecas públicas:

O novo conceito de biblioteca pública deve ser implementado, promovendo amplamente as facilidades oferecidas pelas novas tecnologias da informação (registros eletrônicos, comunicação e transferência de arquivos) e disponibilizando esses modernos meios de comunicação e informação, através do treinamento e orientação dos usuários para o seu uso cotidiano. (FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL, 2010, p.23)

A biblioteca pública, como instituição complexa com objetivos variados, acumula diferentes funções, identificadas por diferentes autores. Dentre eles destacamos Almeida Junior (2013), que descreve quatro funções da biblioteca pública: funções cultural e de lazer (ou recreacional), onde a biblioteca é apresentada como espaço social; função educacional, que tange a formação do leitor; e o papel informacional, aqui identificado com o uso das tecnologias na busca da informação. Além dessas funções, destacamos ainda o papel do profissional responsável por essa instituição, apontada por Galvão (2014) como uma das preocupações constantes da história da biblioteca pública.

2.1.1 Biblioteca Pública como espaço social

A Biblioteca Pública é um espaço livre de interação social. Por sua própria definição, é um espaço de compartilhamento de informações, ideias e experiências, onde os usuários são acolhidos sem distinções de nenhum tipo, para atividades com propósito social, como educação, cultura, lazer. A partir da definição ampla, ela assume funções diversas, de acordo com o contexto em que está inserida, e as necessidades da comunidade a que ela atende. A questão das relações que se estabelecem entre indivíduos e os objetos e entre os diferentes sujeitos envolvidos é destacada por alguns autores.

As bibliotecas públicas, não são espaços vazios nos quais os indivíduos e coisas (registros gráficos do conhecimento, em particular) são alocados para atender a determinadas funções que a elas são atribuídas, mas o resultado de um conjunto de relações entre elementos (sujeitos e objetos) que confirmam uma espécie de configuração, repleta de conflitos e tensões, em que os papéis atribuídos a biblioteca pública, enquanto uma instituição social, e as apropriações que os diversos sujeitos fazem desses espaços estão em constante diálogo. (MACHADO; ELIAS JUNIOR; ACHILLES, 2014, p.119)

No Brasil, quando a nobreza trouxe a Biblioteca Real e as bibliotecas públicas começaram a ser construídas, a locomoção em distâncias longas foi um obstáculo latente na distribuição de acervo e estabelecimento de bibliotecas em locais mais afastados; ademais, cerca de 80% da população ainda era iletrada. Por isso, seu patrimônio era tratado com desconfiança: “Além de muito rarefeitas nas cidades (e ausentes nas zonas rurais), as bibliotecas públicas eram vistas, muitas vezes, como estranhas ao universo dos moradores pouco familiarizados com a cultura escrita” (GALVÃO, 2014, p.216).

A população considerava as bibliotecas prédios imponentes, mas seu conteúdo como pouco útil ou acessível; essa visão excludente foi sendo transmitida através de gerações. Suaíden (2000) lembra que segmentos sociais diferentes enxergam a biblioteca pública como tendo finalidades diferentes; e que grande parte da classe trabalhadora (maioria no país) não vê a biblioteca como local para solucionar os problemas do cotidiano, para encontrar respostas para problemas que não tenham cunho acadêmico. Um dos desafios das bibliotecas é, ainda hoje, suplantar essa imagem. Como espaço público, a biblioteca deve ser apropriada pela comunidade a que serve; caso contrário, não se tornará um espaço útil e permanecerá vazia de usuários e de significado.

A biblioteca como espaço social também é abordada por Olinto e Medeiros (2013) e Medeiros (2015), que efetuaram um estudo sobre a crescente importância do uso da biblioteca como espaço de promoção do capital social⁶. As bibliotecas públicas, como espaço livre de interação social, estariam em posição de ser o local ideal para a construção de redes de cooperação mútua na comunidade. Assim, a biblioteca pública teria, efetivamente, a função de contribuir para o desenvolvimento da cidadania: “Em outras palavras, a biblioteca pública, apenas pelo princípio da abertura a todos e prestação de serviços universais, promove o desenvolvimento de atitudes cívicas: a tolerância, a abertura à diversidade e, portanto, o desenvolvimento do capital social que estende pontes” (OLINTO; MEDEIROS, 2013, p.243)

Miranda descreveu, em seis pontos, as missões básicas da biblioteca pública; são elas:

1) promover o idioma nacional e a indústria editorial; 2) fornecer publicações oficiais para informar os cidadãos sobre sua participação em políticas públicas; 3) fornecer livros e outros materiais para o estudante; 4) apoiar campanhas de alfabetização e fornecer livros adequados aos neo-alfabetizados; 5) ser depositária do acervo da inteligência e da história do município ou região; 6) prestar serviços de informação técnica, comercial e turística às firmas locais e aos cidadãos. (MIRANDA, 1978, p.69).

O texto “A missão da biblioteca pública no Brasil” se tornou conhecido em todo o país, pois o Instituto Nacional do Livro o publicou como separata e distribuiu nas bibliotecas brasileiras; apesar de escrito há quase 40 anos, podemos perceber que as atribuições descritas por ele permanecem relevantes. Dentre essas missões, duas enfatizam a instituição como espaço social, ou seja, espaço de construção de cidadania e de fortalecimento das relações com a comunidade.

Uma das missões é o fornecimento de publicações oficiais, para que os cidadãos possam obter informações sobre leis, instituições e serviços que afetem e sejam úteis à suas vidas. A biblioteca deve ser o local onde a população encontraria as ferramentas que permitem o exercício consciente de sua cidadania, como as leis que regem sua região e informativos sobre o andamento social e político das instituições públicas. A outra missão relevante nesse tópico é a biblioteca como depositária do acervo da inteligência e da história local; uma maneira de se

⁶ Capital social é um termo de definição complexa, utilizado primeiramente por Lyda Hanifan (1916) e popularizado pelos estudos de Bourdieu (1972), Coleman (1988) e Putnam (1993), que explica que "capital social refere-se aos recursos de organização social tais como redes, normas e confiança social que facilitam a coordenação e cooperação para benefício mútuo." (PUTNAM, 1995, p.3).

integrar à comunidade, armazenando as informações que fazem parte de sua identidade sociocultural, e disponibilizando a quem queira consultar.

Apesar das bibliotecas serem consideradas um espaço de convivência desde o século XIX (MILANESI, 2003, 2013a), os órgãos responsáveis por sua construção e manutenção não se importavam com esse aspecto tanto quanto com o acervo da instituição. É notório que, no Brasil, a ênfase das bibliotecas públicas seja menor em suas funções políticas e sociais, como o apoio informacional ao usuário como cidadão, do que em funções relacionadas aos serviços físicos e técnicos, como a circulação do acervo e o local para estudo. Recentemente, podemos distinguir uma preocupação latente dos governos brasileiros em criar espaços com esse escopo mais amplo de atendimento às necessidades dos cidadãos. É crucial oferecer mais do que apenas comodidade física; palestras, cursos de interesse da população, oficinas, mesas-redondas, além do oferecimento de folhetos com informações sobre saúde pública e atividades culturais locais, tornam o espaço mais atrativo e proveitoso a seu público. Exemplos do investimento governamental em atividades sociais relevantes podem ser vistos nos novos modelos de bibliotecas implantados, como as bibliotecas-parque, no Rio de Janeiro⁷, e a Biblioteca de São Paulo⁸.

A importância da biblioteca pública e seu papel junto à comunidade na sociedade da informação no Brasil é resumida por Suaiden, que vê nesta relação um importante instrumento de superação das desigualdades sociais.

Portanto, à medida que a biblioteca pública se vincular adequadamente com a comunidade, ela passará a ser o caminho que possibilitará a participação efetiva na sociedade da informação [...], pois o acesso à informação, nos novos tempos, significa o investimento adequado para diminuir as desigualdades sociais e as formas de dominação que foram dominantes na história contemporânea. (SUAIDEN, 2000, p.60).

A fomentação do diálogo entre o governo e a sociedade e a disponibilização de instrumentos sociais à população a empoderam-na e auxiliam seu desenvolvimento.

A atuação social da biblioteca pública, alvo de extensos estudos em diversos países e contextos no decorrer dos anos, é então reforçada como um de seus principais papéis

⁷ Modelo de biblioteca importado da Colômbia, cujo objetivo é funcionar como um espaço cultural multifuncional. Disponível em: <<http://www.cultura.rj.gov.br/projeto/bibliotecas-parque>>

⁸ Também concebida para ser um espaço multifuncional, reunindo acervo, espaço livre e atividades socioculturais. Disponível em: <<http://bsp.org.br/>>

(BERNARDINO; SUAIDEN, 2011; MACHADO; ELIAS JUNIOR; ACHILLES, 2014.). Os profissionais da informação responsáveis por essa instituição devem pensar em como demonstrar à sua população seus esforços em desempenhar o papel de congregador comunitário, e em como fazê-los participar ativamente.

2.1.2 Biblioteca Pública e formação de leitor

Ao longo dos anos, diversos autores enfatizaram a importância da leitura e da formação do leitor nas bibliotecas (FREIRE, 2003; SUAIDEN, 2000; BECKER; GROSCHE, 2008; BALZAN; ARENDT, 2015.). Miranda (1978, s.p.) é enfático ao afirmar que “A biblioteca pode oferecer toda sorte de serviços, sem, porém, desvirtuar sua missão fundamental de promover o gosto e o hábito de leitura. Todas as atividades que ela organize devem servir para atrair o leitor para tal missão”. Três das missões por ele atribuídas à biblioteca pública têm relação com esse tópico.

A primeira é que a biblioteca deve promover o idioma nacional, através da aquisição e divulgação de literatura brasileira. O incentivo à descoberta de autores nacionais e a valorização dos autores regionais aumentam a sensação de pertencimento do público à biblioteca, que se vê representada em sua linguagem e cultura (COCCO, 2009; VELLOSO, 1988).

A segunda é o fornecimento de livros para estudantes, tanto os engajados em atividades escolares, quanto para os autodidatas; a forma como essa missão é descrita é pertinente, pois torna diversos usuários, que não frequentam a escola, mas buscam o conhecimento sobre algum assunto específico, “estudantes”. Sobre esta segunda premissa, pode-se mencionar a preocupação de Suaiden (2000) com o que chamou “fenômeno da escolarização da biblioteca pública”; segundo ele está ligado à alienação do público adulto e da comunidade em geral da biblioteca pública. As reformas de ensino não priorizaram a questão da leitura e da biblioteca; e na ausência de bibliotecas escolares disponíveis, os alunos utilizam os serviços das bibliotecas públicas, enquanto o público adulto é desconsiderado:

A implantação, por lei, da pesquisa escolar levou milhões de crianças e adolescentes às bibliotecas à cata de algum texto que, reproduzido, poderia atender à expectativa de professores. Essa prática, quase sempre mera cópia de enciclopédias, tornou-se corrente nas bibliotecas públicas e não nas bibliotecas escolares. E isso pelo simples e dramático fato de existirem muitas escolas sem bibliotecas. (MILANESI, 2013a, p.49)

Em consequência, para atender às demandas do novo público, as bibliotecas passaram a ampliar seu acervo de livros didáticos e juvenis; isso desvirtua de seu foco principal: o atendimento à comunidade como um todo. Deve haver um restabelecimento à biblioteca pública do espaço para a leitura como forma de lazer, para a fruição da literatura (BALZAN; ARENDT, 2015).

A terceira missão, considerada por Miranda, é o apoio às campanhas de alfabetização, através de livros adequados para neoleitores. A instituição deve lembrar que os hábitos da frequência à biblioteca e da leitura estão relacionados com o sentimento de representatividade e identificação, com o local e com o acervo. Diversos autores apontam a “leitura literária” como incentivo imprescindível à otimização da alfabetização (COELI; MOLINA, 2013; CORRÊA; PAIVA, 2015). Leitores ainda em fase de formação devem encontrar livros apropriados à sua condição de iniciantes, evoluindo gradativamente em direção a leituras mais consistentes.

A recuperação de informações sobre a participação de bibliotecas na formação do leitor é bastante expressiva no que tange as bibliotecas escolares, mas não tão numerosa no que se refere aos outros tipos de biblioteca. Levando em consideração que a biblioteca pública recebe uma população heterogênea em diversos aspectos - desenvolvimento cultural, gênero, ideologias, credo religioso -, a instituição precisa aprender a atender, satisfatoriamente, essa ampla variedade usuários. O processo de leitura varia de um leitor para o outro; pois para compreender e assimilar o que está lendo, o usuário se apoia em sua bagagem cultural, suas experiências anteriores, e nas conexões que seu processo cognitivo estabelece no momento da leitura ou posterior (FERREIRA; DIAS, 2004; MOTA, 2015); há tantas “leituras” quanto o número de leitores.

2.1.3 Biblioteca Pública e as Tecnologias de Informação e Comunicação

A popularização das TICs ocorreu no decorrer da década de 1990, com o barateamento gradual dos custos de implementação e consequente disseminação dos aparatos tecnológicos empregados. Os benefícios do emprego das ferramentas tecnológicas logo salientaram-se: pesquisas acadêmicas, troca de informação entre pessoas, acesso a notícias internacionais, consulta a mapas, entre outros exemplos. Esse avanço tecnológico influenciou fortemente o modo como obtemos e compartilhamos informação.

O acesso às TICs é considerado hoje um dos fatores principais para o desenvolvimento das competências humanas, individuais e sociais (OLINTO, 2010; HSIEH; RAI; KEIL, 2008; MARDYKIAN, 2015). A disponibilização de documentos em meio digital possibilita uma maior difusão da informação e facilita a construção do conhecimento, através do intercâmbio de dados entre pessoas e/ou instituições. Entretanto, há uma acentuada discrepância no acesso ao digital, especialmente entre grupos sociais distintos; o desenvolvimento gerado pela ascensão digital é enorme, mas a contrapartida desse desenvolvimento atinge aos que, por motivos financeiros, geográficos ou sociais, não é permitida a apropriação e aplicação das modernas tecnologias. Wellman (2004) cita desigualdades digitais envolvendo gênero, idade, educação e renda.

Para que os benefícios da tecnologia sejam usufruídos por grupos sociais em desvantagem, é preciso garantir que as chamadas minorias sociais tenham acesso à internet, incluindo os municípios do interior e zonas periféricas de grandes cidades, aos idosos, pessoas de baixo nível educacional e de renda, negros, aos grupos de gênero, aos índios e outras etnias etc (BELLINI; GIEBELEN; CASALI, 2010). Apenas a abrangência do acesso caracterizará a efetiva inclusão digital no país, empoderando grupos em desvantagem social, e formando redes de interesses comuns e desenvolvendo a comunidade (OLINTO, 2009, 2010).

O oferecimento do acesso à internet ao público em geral, e particularmente às comunidades em dificuldades socioeconômicas é uma forma eficaz de minimizar as desigualdades sociais contrastantes provocadas pela exclusão digital. Como explica Olinto,

Os indivíduos e grupos socialmente privilegiados tendem a estar e se manter mais bem equipados e mais habilitados a aproveitar as vantagens da internet e da convergência de mídias. Assim, à medida que a tecnologia avança, e multiplicam-se seus recursos, multiplicam-se também as vantagens daqueles que têm melhor condições de aproveitar-se dessa tecnologia (OLINTO, 2010, p.79)

A biblioteca pública, como espaço democrático de acesso à informação, possui papel significativo na disseminação do uso das novas tecnologias (WHITACRE; RHINESMITH, 2015); mais do que oferecer o uso dos computadores, porém, cabe à biblioteca a capacitação digital do seu usuário (XIE; BUGG, 2009). A disponibilidade da tecnologia não quer dizer, necessariamente, que ela está sendo bem empregada; Wellman (2004) comenta que, segundo sociólogos, a tecnologia não é determinante para o desenvolvimento (ou não) de determinada comunidade – no sentido de que as pessoas utilizam a tecnologia de formas que seus

desenvolvedores jamais imaginaram. Então devemos sempre lembrar que “o acesso à internet não garante a qualificação nos processos de busca, recuperação e uso da informação” (MACHADO; ELIAS JUNIOR; ACHILLES, 2014, p.123). Os usuários precisam ser direcionados quanto ao uso das ferramentas e sobre o conteúdo disponibilizado através delas, em benefício próprio e de sua comunidade.

O uso proveitoso das TICs pode ser estimulado através do desenvolvimento de habilidades para, por exemplo: obtenção de informações acadêmicas, profissionais e culturais, prática de outros idiomas, percepção da riqueza cultural obtida através de conversas com pessoas de outras regiões do país ou outros países, engajamento em movimentos sociais de interesse próprio ou comunitário, acesso à bens culturais como música, literatura e espaços virtuais de arte etc. É preciso atentar, ainda para a internet como potencializadora de atitudes empreendedoras e criativas, gerando fontes de renda e auxiliando na construção de projetos sociais (PEREIRA; SILVA, 2010).

As bibliotecas públicas devem, ainda, empregar as ferramentas digitais de que dispõem para atingir maior público, disseminar as atividades programadas na instituição, seu acervo, e oferecer suporte à comunidade em que atua também por meio virtual – seja disponibilizando catálogos de suas obras, digitalizando itens no acervo (sempre observando o respeito à lei de direitos autorais), oferecendo links de obras em domínio público e conjuntos de páginas que incitem o desenvolvimento cívico de seus usuários (BLATTMANN; SILVA, 2007; MILANESI, 2013b).

O principal papel da biblioteca pública em relação às TICs, porém, não deve ser perdido de vista: o acesso da tecnologia direcionado à toda população, especialmente aos que se encontram em desvantagem social e sua capacitação no emprego dessas ferramentas tecnológicas, para geração de conhecimento e desenvolvimento comunitário.

2.1.4 Biblioteca Pública e o perfil do profissional da informação

Durante séculos os profissionais da biblioteca atuavam em uma instituição essencialmente imersa no paradigma de conservação da informação; principalmente, na conservação dos documentos físicos. A fragilidade e raridade dos livros os faziam dignos de cuidados extremos; pela dificuldade em se obter uma obra, a ênfase da época era na preservação dos itens de informação, que deviam permanecer intactos, ano após ano.

O leitor, então, era visto como inimigo, como o agente causador da destruição das obras; através do manuseio inapropriado e desajeitado, do mau uso do suporte ou simplesmente do uso constante de determinado volume. Até o final do século XIX, essa postura rígida dos responsáveis pela guarda da informação não havia sofrido alterações significativas: “Também as bibliotecas frequentemente esquecem sua finalidade. Como surgiram em época de livros raros e nas quais a cultura era privilégio de elites governamentais, religiosas ou econômicas, voltaram-se antes para a preservação do que para a utilização dos acervos” (FONSECA, 2007, p.66)

A popularização das teorias da administração, que ganharam força no início do século, foram fortes influências para as mudanças organizacionais em diversos tipos de instituições, e também na prática biblioteconômica (MACIEL; MENDONÇA, 2006; GOMES, LION, 2012). A informação, e não apenas seu suporte, passou a ser tratada como patrimônio e o profissional responsável por seu tratamento e armazenamento deveria atentar ao uso efetivo desses dados armazenados, de forma a gerar valor através da produção do conhecimento, ou seja, há a efetiva quebra do paradigma do armazenamento de informações, e a criação do paradigma da disseminação da informação, com foco no usuário.

Nesse cenário, o papel do bibliotecário se transfere, de guardião de livros a mediador e incentivador de seu uso e leitura. As atividades inerentes ao cargo, até então consideradas únicas preocupações (criação, ordenação e manutenção dos catálogos), passaram a ser entendidas como atividades-meio; sua atividade fim é fazer o leitor acessar a informação que procura (MIRANDA, 1978; MILANESI, 2003, 2013a). Se antes ele cuidava e armazenava os títulos, em benefício próprio e dos livros, agora ele sabia que deveria ordenar os títulos e saber onde estava a informação, em benefício dos leitores.

Diante da conjuntura de mudanças de paradigmas e postura por parte da instituição, uma necessária mudança de perfil foi introduzida na formação e atuação do profissional da informação. Machado, Elias Junior e Achilles (2014) abordam essa necessidade explicitando a necessidade da mudança da concepção das bibliotecas públicas da forma como é imaginada e tratada pelos governos, ao mesmo tempo que é necessária a mudança de postura dos profissionais bibliotecários. Incluem como parte das funções profissionais necessárias, hoje, a mobilização em redes, tanto entre bibliotecas do mesmo tipo, quanto (em cidades menores) com outros tipos de bibliotecas e outras instituições; e a apropriação das tecnologias, importante para o contato com público externo, mobilização política e inclusão digital. Saber atuar em rede e

adquirir competências no uso de tecnologia de informação são consideradas novas habilidades necessárias na atuação junto ao público e à comunidade local (MACHADO; ELIAS JUNIOR; ACHILLES, 2014).

Enfatizamos o termo “profissional da informação” porque não é apenas o bibliotecário que trabalha com a responsabilidade de orientar usuários da informação. Profissionais com outras formações, como comunicólogos, pedagogos, analistas de sistema, sociólogos entre outros, também podem contribuir para a disponibilização da informação e a formação de pessoas através da biblioteca pública. Como regente de um local com conotação social tão forte, o profissional da informação precisa trabalhar ainda como articulador de planos em sua comunidade, mobilizador social. É, muitas vezes, quem liga os usuários às políticas governamentais e informações concernentes à cidadania, e inclusive trabalha como um “filtro” (voluntário ou não), selecionando as notícias de maior impacto para a comunidade no momento de sua divulgação pela biblioteca.

O profissional que trabalha em biblioteca pública deve desenvolver algumas competências específicas. Kajberg (1997) já enfatizava a necessidade da proficiência tecnológica por parte dos bibliotecários; dentre a gama de habilidades citadas, destacamos: a habilidade de trabalhar em redes, o desenvolvimento de bases de dados locais, desenho de intranet, trabalhar com Catálogos *Online* de Acesso Público (OPAC⁹, em sua sigla em inglês) e criação de *homepages*. Complementamos o autor incluindo as habilidades em lidar com as atuais redes sociais *online*, que constituem um excelente canal de aproximação com o público (MANESS, 2007; RIBEIRO; LEITE; LOPES, 2014) e marketing digital gratuito. Sobre as habilidades não relacionadas à tecnologia, ele destaca: conhecimentos de psicologia, habilidades inter-relacionais (principalmente no trato direto com públicos de diversidade cultural e étnica), assertividade, forte senso de ética e cidadania.

A formação de um profissional da informação, como em diversas outras, demanda tempo e esforço; são necessários conhecimentos multidisciplinares para que o cumprimento de sua função seja satisfatório: aprimorar atitudes, abordagens, conhecimento acadêmico. A educação continuada, e mesmo autodidata, deve ser buscada pelo profissional, e preferencialmente estimulada pelos superiores e pares profissionais (LAI; WANG, 2012); nessa

⁹ Os On-line Public Access Catalog (OPAC) são os catálogos das bibliotecas disponibilizados para acesso remoto através da internet; frequentemente são utilizados para compartilhamento de dados bibliográficos entre instituições. Utilizam interfaces amigáveis, e constituem a maioria dos catálogos disponíveis na internet (CUNHA, CAVALCANTI, 2008, p.73)

empreitada, as modalidades de ensino à distância podem auxiliar a autoaprendizagem e a troca de informações entre pares.

2.2 BIBLIOTECA ESCOLAR

A finalidade mais óbvia da biblioteca escolar é prover suportes de leitura às instituições de ensino fundamental e médio (FONSECA, 2007) atuando como apoio pedagógico ao processo de ensino-aprendizagem e colaborando para a construção de leitores críticos. Mas os estudos de sua função mostram que as atividades desempenhadas podem – e devem! – ir além da “apática e silenciosa” (SILVA, 2003) presença na instituição: “O papel da biblioteca escolar é incentivar a leitura reflexiva, pois através dela o aluno terá outra concepção do texto, não como algo estático, desprovido de sentido e de valor, mas como algo vivo, repleto de significados e informações interessantes” (SANTANA FILHO, 2010, apud CÔRTE; BANDEIRA, 2011). Moro e Estabel ampliam essa definição, descrevendo a biblioteca escolar como “[...] o espaço democrático de formação da cidadania, que propicia o acesso e uso da informação e auxilia na constituição de um sujeito agente do seu processo de aprendizagem e consciente de seu papel na sociedade em que vive” (MORO; ESTABEL, 2011, p.68).

A IFLA, responsável pela edição de um dos mais famosos guias sobre bibliotecas escolares, o IFLA School Library Guidelines, define:

Uma biblioteca escolar é um espaço físico e digital onde ler, argumentar, pesquisar, pensar, imaginar e criar são o centro para a jornada informação-para-conhecimento (termo da área?) e para seu crescimento pessoal, social e cultural. Este espaço é conhecido por uma série de termos (centro de mídia escolar, centro de documentação e informação, centro de recursos literários, biblioteca de aprendizagem cotidiana) porém, biblioteca escolar é o termo usado mais frequentemente e aplicado as instalações e funções (IFLA, 2015, p.16, tradução nossa)

No Brasil, as bibliotecas escolares como as conhecemos são relativamente recentes. As bibliotecas conventuais foram as primeiras empregadas para fins educativos de larga escala, como suporte à escolarização (VÁLIO, 1990; SILVA, 2008). Únicas bibliotecas consideradas “públicas” na ocasião, no sentido de serem mantidas pelo Governo Real e acessíveis pela parcela mais humilde da população, eram então compostas apenas de obras catequizadoras, e consultadas sob o olhar atento dos padres, principalmente da ordem dos jesuítas, os primeiros

“bibliotecários escolares” do país (SILVA, 2008). A primeira biblioteca escolar, no sentido que hoje a concebemos, foi fundada no país em apenas em 1880 (VÁLIO, 1990, p.18).

Durante a primeira metade do século XX, a biblioteca escolar era mantida pelas instituições que desejassem ter o acervo próprio, sem auxílio direto do Estado. Foi apenas na década de 1970 que o governo brasileiro considerou a pesquisa e a leitura como “fator decisivo no processo educacional” (MILANESI, 2013a, p.49). Apesar disso, poucas iniciativas concretas foram implementadas para fomentar os acervos escolares foram tomadas, o que acarretou a escolarização da biblioteca municipal:

A implantação, por lei, da pesquisa escolar levou milhões de crianças e adolescentes às bibliotecas à cata de algum texto que, reproduzido, poderia atender à expectativa de professores. Essa prática, quase sempre mera cópia de enciclopédias, tornou-se corrente nas bibliotecas públicas e não nas escolares. E isso pelo simples e dramático fato de existirem muitas escolas sem biblioteca. (MILANESI, 2013a, p.49).

Na década de 1990, o governo federal lançou o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), cujo objetivo era prover de bibliotecas as escolas públicas de ensino básico, médio e de educação de adultos, incluindo acervo e material de apoio (BRASIL, 2010). Com a proposta de distribuir *kits* de materiais, com diferentes objetivos (da formação do aluno à do professor, como leitores), foi bem acolhido pela comunidade escolar na época de seu lançamento. Como diversas políticas públicas, porém, carece de acompanhamento adequado para que sua disponibilização seja efetiva à todas as escolas (PAIVA; BERENBLUM, 2009).

É importante ressaltar que o Ministério da Educação e Cultura (MEC) atribui grande relevância à biblioteca na formação dos profissionais graduados do país - ao ponto de sua implantação dentro de determinados parâmetros corresponder à um quarto da nota de avaliação dos cursos universitários brasileiros: “Pela forte influência que tem na qualidade dos cursos, a biblioteca mereceu destaque, como categoria de análise específica para fins de autorização de cursos, embora, a rigor, seja um indicador das instalações gerais” (BRASIL, 2002, p.60). Apesar da evidente relevância na educação de nível superior, esse mesmo tratamento não é estendido aos níveis de formação anteriores. Campello, inclusive, aborda a relativização da importância que é dada a esse segmento, citando o educador brasileiro Lourenço Filho:

Teoricamente a biblioteca escolar tem sido, há longo tempo, reconhecida como essencial ao processo de aprendizagem: “Ensino e biblioteca não se excluem, completam-se. Uma escola sem biblioteca é instrumento imperfeito”, já dizia o educador brasileiro Lourenço Filho, na década de 1940 (CAMPELLO, 2015, p.4)

O grifo da palavra “teoricamente” na citação acima é da própria autora; nos discursos sociais são frequentes a defesa da biblioteca escolar, mas a prática mostra sua desvalorização, em geral, (LEAHY, 2006) e até seu sucateamento (SILVA, 2003), no caso das bibliotecas de escolas públicas.

O desconhecimento em relação à importância da biblioteca escolar não é uma postura generalizada; diversos países¹⁰ possuem associações específicas que reúnem profissionais da área em debates sobre a prática profissional e a defesa dos interesses institucionais desse tipo de biblioteca. No Brasil não foi localizada nenhuma associação formal desse segmento à nível nacional; há o Grupo de Estudos em Biblioteca Escolar, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), no estado de mesmo nome, coordenado pela professora Bernadete Campello¹¹.

Observamos que a legislação brasileira avançou na área na última década, com propostas de lei que demonstram sua importância no contexto escolar. A principal iniciativa é a Lei Ordinária nº 12.244/2010, que “Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país” (BRASIL, 2010); ela define que cada escola deve ter um acervo e um responsável por ele, respeitando a profissão de bibliotecário, até dez anos após sua divulgação. Levantamentos provaram que essa perspectiva é irreal, pois o número de bibliotecas a serem construídas, para que atinjam a meta apresentada, chega a quarenta por dia – sem contar com o tempo necessário para ampliar o número de profissionais formados da área (bibliotecários), que também não acompanharia tal demanda (LIMA, 2013).

O Estado do Paraná, onde localiza-se geograficamente nosso objeto de pesquisa, visando a adequação à lei federal, criou, em 2011, o Sistema Estadual de Bibliotecas Escolares, subordinada à Secretaria de Estado de Educação; seu objetivo é aumentar o número de escolas na rede estadual de ensino. Com o mesmo intento, a cidade de Curitiba instituiu, em 2007, a Rede Municipal de Bibliotecas Escolares, unindo as bibliotecas escolares, os faróis do saber em praças e escolas e as gibitecas da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2010).

¹⁰ A American Association of School Librarians (AASL), dos Estados Unidos (www.ala.org/aals.slm); School Library Association (SLA), do Reino Unido (www.sla.org.uk); Australian School Library Association (ASLA), da Austrália (www.asla.org.au), assim como a Internacional Association of School Librarianship (IASL), órgão internacional (www.iasl-online.org) são alguns exemplos de associações bibliotecárias para biblioteca escolar.

¹¹ <http://gebe.eci.ufmg.br/>. Acesso em: 15 maio 2016.

2.2.1 Biblioteca escolar e sua função pedagógica

O propósito da biblioteca escolar está muito além de ser um conjunto de livros armazenados dentro do ambiente colegial. O Manifesto da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares, 1999, apresenta nove objetivos para a instituição:

- apoiar e intensificar a consecução dos objetivos educacionais definidos na missão e no currículo da escola;
- desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, bem como o uso dos recursos da biblioteca ao longo da vida;
- oferecer oportunidades de vivências destinadas à produção e uso da informação voltada ao conhecimento, à compreensão, imaginação e ao entretenimento;
- apoiar todos os estudantes na aprendizagem e prática de habilidades para avaliar e usar a informação, em suas variadas formas, suportes ou meios, incluindo a sensibilidade para utilizar adequadamente as formas de comunicação com a comunidade onde estão inseridos;
- prover acesso em nível local, regional, nacional e global aos recursos existentes e às oportunidades que expõem os aprendizes a diversas idéias, experiências e opiniões;
- organizar atividades que incentivem a tomada de consciência cultural e social, bem como de sensibilidade;
- trabalhar em conjunto com estudantes, professores, administradores e pais, para o alcance final da missão e objetivos da escola;
- proclamar o conceito de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são pontos fundamentais à formação de cidadania responsável e ao exercício da democracia;
- promover leitura, recursos e serviços da biblioteca escolar junto à comunidade escolar e ao seu derredor. (IFLA/UNESCO, 2000, p.2-3)

A partir da observação desses objetivos, é possível afirmar que as atividades da biblioteca escolar devem apoiar e complementar as atividades pedagógicas da instituição de ensino, fomentando nos alunos a capacidade de analisar criticamente e empregar informações na resolução de problemas, além de incentivar a leitura de lazer. Segundo Côrte e Bandeira: “A biblioteca escolar serve de suporte aos programas educacionais, atuando como um centro dinâmico, participando, em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional” (CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p.6).

A biblioteca escolar é um sistema, que, por sua vez, é parte integrante de um sistema mais amplo e ambos os sistemas precisam trabalhar sinergicamente para o desenvolvimento das potencialidades educativas institucionais. As escolas apresentam suas diretrizes, valores e planejamento através do projeto político-pedagógico:

O projeto político-pedagógico da escola é uma expressão da própria organização educativa da instituição, surgindo dos conselhos escolares, os quais se orientam pelo princípio democrático da participação. A gestão da educação e a obtenção de resultados adequados, tanto das metas como dos objetivos desenvolvidos no projeto, envolvem toda a comunidade escolar, desde os professores, alunos, pais, até bibliotecários e demais profissionais da educação. (MACEDO, 2005, p.249).

Assim, a efetividade das funções da biblioteca escolar é alcançada quando em consonância com o projeto pedagógico daquela unidade escolar. Ela trabalha em conjunto com os professores e seus planejamentos de aula, com as propostas de projetos da direção e em iniciativas próprias em conformidade com os objetivos escolares previamente definidos.

Campello (2003) descreve a função educativa da biblioteca escolar representada por três aspectos, considerados por ela o tripé da ação pedagógica da biblioteca: a leitura, a pesquisa e a ação cultural. Braga e Paula corroboram com as funções pedagógicas de leitura e pesquisa:

Por isso que se pode afirmar que, a principal importância da biblioteca no cotidiano da escola é integrar-se com a sala de aula no desenvolvimento do currículo pedagógico escolar, com o objetivo de despertar o interesse pela leitura e atividades de pesquisa, de modo a desenvolver e envolver o aluno pelo prazer e busca constante conhecimento. (BRAGA; PAULA, 2014, p. 249).

Khulthau (1999) considera a leitura uma das habilidades básicas da escolarização, em conjunto com a habilidade de escrita e de cálculo. Hillesheim e Fachin (2003) também descrevem a leitura como habilidade básica:

O objetivo principal da escola consiste em oferecer aos seus alunos habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento pessoal, social e profissional. A leitura é uma destas habilidades básicas, com ampla diversidade de uso e aplicação e pode ser realizada para informar, investigar, aprender, ensinar, divertir, entre outros. (HILLESHEIM; FACHIN, 2003, p.36).

O principal papel educativo do bibliotecário, especialmente o escolar, é implementar e incentivar o hábito da leitura (FREIRE, 2003; CAMPELLO, 2010). Gomes e Bortolin (2011) explicam que “A leitura é um ato que depende da motivação recebida e a sua prática favorece

muito a construção do conhecimento, a opinião e o senso crítico do indivíduo” (GOMES; BORTOLIN, 2011, p.158). É evidente o papel que a biblioteca escolar possui nesse cenário; prover um ambiente agradável aos estudantes, posicionando-se como mediadora de leitura, onde o profissional responsável ajuda os estudantes a identificarem as obras que atendem às suas necessidades, sejam de pesquisa ou de lazer.

Com a prática de pesquisa incentivada por políticas governamentais dos anos 1970, muitos alunos começaram a utilizar as bibliotecas escolares (e por vezes as municipais, na falta das primeiras). Mas não era a frequência prazerosa e consciente de um estudante buscando agregar conhecimento, e sim a frequência imposta aos que precisavam responder uma questão elaborada pelo professor:

Na melhor das hipóteses, ou na menos pior, a biblioteca é o espaço onde os alunos vão copiar verbetes, trechos ou parágrafos dos mesmos livros e enciclopédias “receitados” pelos professores, “desde os tempos imemoriais”... Neste último caso, pelo menos há frequência e consulta à biblioteca, ainda que de forma viciada e acrítica. (SILVA, 2003, p.15).

Carol Kuhlthau dedicou-se, por longo período, ao estudo do desenvolvimento de habilidades de pesquisa e sua influência no desenvolvimento cognitivo pessoal. A pesquisadora aponta três responsabilidades básicas da educação na sociedade democrática: “preparar o estudante para o mercado de trabalho, para exercer a cidadania e para a vida cotidiana” (KUHALTHAU, 1999, p.9). Para atingir esses objetivos, a escola deve repensar seu modelo de ensino-aprendizagem, elaborando uma política educacional que envolva todos os profissionais atuantes no ambiente, unindo bibliotecários, professores e diretores. A autora havia proposto, em 1988, um novo modelo de processo de busca pela informação (KUHALTHAU, 1988), a “Aprendizagem Baseada no Questionamento”, onde o estudante aprende a partir da busca por respostas a questões, geralmente multidisciplinares, propostas pelos professores. O uso da informação de forma autônoma e criativa é considerado fator essencial ao desenvolvimento educacional discente:

A biblioteca escolar é, sem dúvida, o espaço por excelência para promover experiências criativas de uso da informação. Ao reproduzir o ambiente informacional da sociedade contemporânea, a biblioteca pode, através de seu programa, aproximar o aluno de uma realidade que ele vai vivenciar no seu dia a dia, como profissional e como cidadão (CAMPELLO, 2001, p.8).

A biblioteca escolar, contudo, não deve se deter nas práticas de leitura e pesquisa. Há diversas atividades que podem ser empreendidas visando o desenvolvimento pedagógico dentro do campo de atuação da biblioteca. Flusser (1983) apresenta duas definições propostas para ação cultural: como acervo, reunido para consulta e desenvolvimento de cultura; e como contexto, fundamentando-se nas relações inter-humanas. A biblioteca escolar pode ser desenvolvida como espaço de cultura nos dois aspectos levantados, tanto na constituição do seu acervo, em sua função tradicional, quanto como espaço para ações culturais dentro do contexto escolar: “Nota-se, então, que a biblioteca escolar como um espaço do leitor deve ter uma função educativa crítica, constituindo-se em um local de aprendizado e de conhecimento, um espaço de acolhimento e de inclusão em todos os sentidos. Acima de tudo, que seja um lugar de prazer” (SOUZA; LOPES; VINHAL, 2013, p. 403).

Durante as ações culturais os usuários ganham voz, transformando a interação passiva alunos-livros (ou homem-texto) em uma construção coletiva de conhecimentos, onde participam ativamente o autor, o leitor e outros leitores. Atividades lúdicas, que funcionem como atrativos para os alunos à biblioteca além de serem geradoras do prazer pelo espaço físico, inclusive, e pela leitura não-coercitiva:

A biblioteca como um fator de inclusão, incorpora informação e ambiente informacional e oferece possibilidade de acesso à informação, ao meio cultural, com projetos construídos a partir do público e com ele. As ações culturais nas bibliotecas escolares envolvem imaginação, ação e reflexão, além de preparação de ambientes propícios à exteriorização de experiências. São ações que geram e instigam interações e apropriação do conhecimento (BIBLIOTECAS, 2011, p.24).

A construção do conhecimento dos alunos é auxiliada assim, pela biblioteca escolar, como um espaço em que o aprendizado de sala de aula pode ser debatido e complementado.

2.2.2 Biblioteca Escolar e o perfil do profissional da informação

O trabalho do profissional da informação no contexto escolar vai além da organização do acervo e do provimento do acesso; ele deve assumir a função de educador, auxiliando os estudantes na ampliação dos conceitos apreendidos em sala de aula, contextualizando e incentivando a busca de informações complementares por conta própria. Para Válio, “Se a biblioteca escolar tem a função de contribuir para a formação de cidadãos, o papel do

bibliotecário escolar seria facilitar tal aprendizagem pra cada estudante” (VÁLIO, 1990, p.21). Kulthau também descreve o papel do profissional de biblioteca: “O papel do bibliotecário em uma escola da sociedade da informação não é apenas fornecer grande quantidade de recursos informacionais, mas também colaborar com os professores como facilitadores e treinadores no processo de aprendizagem em tais recursos” (KUHLTHAU, 1999, p.10).

Segundo Côrte e Bandeira, o perfil do bibliotecário escolar engloba as seguintes competências:

- possuir curso de biblioteconomia, conforme a lei n. 4084/02
- ser um investigador permanente
- possuir atitudes gerenciais proativas
- possuir espírito crítico e bom senso
- ser participativo, flexível, inovador, criativo
- facilitar a interação entre os membros da comunidade escolar
- possuir capacidade gerencial e administrativa
- possuir capacidade de comunicação e relacionamento interpessoal
- saber que a informação é imprescindível à formação do aluno
- dominar as modernas tecnologias da informação
- estar em constante questionamento
- estar atualizado na sua área de atuação
- ter consciência de que o usuário é seu fim último
- saber que a informação é imprescindível à formação do cidadão
- reconhecer sua profissão como um agente de transformação social
- ser um leitor crítico, que distingue, no momento da seleção e da indicação de livro, a literatura infantil e juvenil que é de qualidade

(CÔRTE; BANDEIRA, 2011, p. 15).

Com relação à primeira competência apontada, é preciso dizer que não é possível ignorar o impacto que a falta de planejamento para contratação de bibliotecários para escolas (e de concursos públicos, para escolas públicas) provoca na alocação de professores nas salas de leitura e bibliotecas escolares do país. O pequeno número de profissionais formados pela área

anualmente (cerca de 1.800¹²) também impacta sua alocação, pois o mercado possui forte atrativo para as instituições de Ensino Superior, para centros de documentação, e para instituições públicas, mediante concursos.

Desta forma, é comum que o cargo de mediador de leitura e responsável pela biblioteca escolar seja atribuído à profissionais do corpo docente. O docente que assume o cargo, em geral, não foi preparado para a função, tanto nas tarefas técnicas (correta preparação e organização do acervo) quando nas tarefas socioculturais (mediação de leitura, desenvolvimento de atividades específicas em competência de informação e leitura no ambiente da biblioteca):

Está claro que a personalidade do professor e, particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças; sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce. Infelizmente o treinamento do professor no período de sua formação e quando já no exercício da profissão, na maioria dos países, não dá ao papel desempenhado pela leitura a mesma atenção que dá ao ensino da ortografia ou da composição (BAMBERGER, 1988, p.75).

Assim, o professor responsável pela biblioteca, sala de leitura ou mediação em leitura em sala de aula, deve buscar cursos complementares e estudos independentes que o auxiliem no desenvolvimento das competências necessárias ao empreendimento no cargo.

A IFLA também apresenta as competências consideradas necessárias ao bibliotecário escolar:

- analisar os recursos e as necessidades de informação da comunidade escolar
- formular e implementar políticas para o desenvolvimento de serviços
- desenvolver políticas de aquisição e sistemas para os recursos da biblioteca
- catalogar e classificar materiais da biblioteca
- oferecer instrução no uso da biblioteca
- capacitar professores e alunos no conhecimento e uso da informação
- prestar atendimento a estudantes e professores no uso dos vários recursos da biblioteca e das tecnologias de informação
- responder a questões de referência e informação, utilizando materiais apropriados
- promover programas de leitura e eventos culturais

¹² Levantamento para o Guia de Profissões. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/guia-de-profissoes/biblioteconomia/4edcfaef00e467e72300000b.html>>. Acesso em: abr. 2016.

- participar do planejamento de atividades relacionadas à implementação do programa escolar
- participar do preparo, da implementação e avaliação de atividades de ensino
- promover a avaliação dos serviços da biblioteca escolar, como parte integrante do sistema geral de avaliação da escola
- efetuar parcerias com organizações externas
- preparar e implementar orçamentos
- desenvolver planejamento estratégico
- gerenciar e promover treinamentos da equipe da biblioteca

(IFLA/UNESCO, 2005, p.14).

As funções educacional, social e cultural são reunidas sob um mesmo espaço e responsabilidade de forma ainda mais latente do que em outros tipos de biblioteca, devido ao caráter intrínseco de formação cidadã e acadêmica do ambiente escolar. É esperado do agente de leitura que desempenhe o papel de mediador, enquanto auxilia os professores no desenvolvimento das habilidades de pesquisa e uso da informação; e ainda que apresente sensibilidade para perceber as necessidades e dificuldades de seu público. A maioria das qualificações supracitadas são intrinsecamente ligadas à competência em informação do profissional, sendo essas duas facetas (perfil esperado e nível de competência em informação almejada), por vezes, indiscerníveis entre si.

Assim, podemos divisar que a biblioteca apresenta características distintas, de acordo com o público alvo, os objetivos listados para aquela comunidade e a forma como suas práticas são abordadas. Os Faróis do Saber podem ser inseridos em duas classificações de bibliotecas, a Biblioteca Pública, estritamente, e a Biblioteca Escolar, dependendo de sua localização física e das parcerias que realiza.

3 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

A ideia de “educação do usuário” em unidades de informação (bibliotecas, principalmente), não era inédita quando o termo foi empregado pela primeira vez, por Paul Zurkowski, em 1974. Segundo Figueiredo (1994), os primeiros estudos e treinamentos datam da década de 1940, mas possuíam um espectro muito menos amplo do que o proposto por Zurkowski. Enquanto as unidades de informação treinavam seus usuários de forma a usufruírem de seus acervos, especificamente, o autor propunha que estimulassem os usuários de informação em geral a aprenderem a aprender, assimilar e utilizar informação. Em seu relatório, apresentado à National Commission on Libraries and Information Science (NCLIS), Zurkowski expõe:

Pessoas treinadas na aplicação de recursos de informação em seu trabalho podem ser chamadas de informacionalmente alfabetizadas. Eles aprendem técnicas e habilidades para utilizar a vasta gama de ferramentas de informação, assim como recursos primários do modelo informação-solução para seus problemas. (ZURKOWSKI *apud* EISENBERG; BERTOWITZ, 1990, p.3, tradução nossa).

Nos anos 1980, com a disseminação do uso dos computadores pessoais e maior acessibilidade à tecnologia, o termo foi associado à capacitação tecnológica dos usuários em relação ao acesso à informação. Estudos realizados então, e a observação de desempenho dos usuários evidenciaram que a tecnologia é uma ferramenta para os usuários, e apenas um entre todos os componentes integrantes da *information literacy*. Não é um fim em si mesma, e o uso mais vantajoso dessas ferramentas se dá quando aprendemos a aplicar o que a tecnologia recuperou.

No início da década de 1990, o esforço dos profissionais da área foi concentrado na definição teórica e metodológica do termo *Information Literacy*. O Committee on Information Literacy, da American Library Association (ALA), publicou a seguinte definição que foi, posteriormente, base para desenvolvimento de outras definições: “Para ser informacionalmente alfabetizada, uma pessoa deve ser capaz de reconhecer quando informações são necessárias e deve ter a habilidade de localizar, qualificar, usar de forma eficaz a informação requisitada” (ALA, 1989, p.1, tradução nossa).

A partir de então, o termo evoluiu, sendo discutido, expandido e abordado por especialistas de áreas relacionadas - bibliotecários, pedagogos e profissionais cujo estudos

remetem à informação, em geral. Sua definição mudou no decorrer dos anos, de acordo com a vertente metodológica que o tem por objeto de estudo. A *information literacy* ainda é um termo relativamente novo; apesar dos esforços conjuntos e análise intensiva por parte de algumas entidades, sua interdisciplinaridade latente traz uma gama de olhares e interpretações variadas; e há uma dificuldade intrínseca em unir e significar um termo cujas palavras que o compõe já são, individualmente, bastante complexas (informação e competência).

Adotamos aqui o conceito de Dudziak (2003, p.28), que define “information literacy” como “[...] um processo contínuo de internalização de fundamentos conceituais, atitudinais e de habilidades necessário à compreensão e interação permanente com o universo informacional e sua dinâmica, de modo a proporcionar um aprendizado ao longo da vida”. Destarte, a *information literacy* não trata apenas de como acessar uma informação, mas o desenvolvimento do discernimento de onde e quando aplicá-la, de forma a solucionar problemas; visa tornar o usuário um autônomo na busca por informações que lhe sejam úteis. A autora também enumera algumas características que considera peculiares ao termo:

É um processo de aprendizado contínuo que envolve informação, conhecimento e inteligência. É transdisciplinar, incorporando um conjunto integrado de habilidades, conhecimentos, valores pessoais e sociais; permeia qualquer fenômeno de criação, resolução de problemas e/ou tomada de decisões. (DUDIZIAK, 2003, p.29).

Sobre a tradução do termo para língua portuguesa, recorremos à Dudziak (2003) e Hatschbach e Olinto (2008), que realizaram revisões de literatura acerca do tema no país. Ambas chegaram à conclusão de que não há, ainda, consenso na tradução da expressão. Entre os termos correspondentes encontrados pelas autoras, encontram-se: alfabetização informacional, fluência informacional, competência informacional, competência em informação, entre outros. Campello (2003), pesquisadora do campo das bibliotecas escolares e biblioteconomia na educação básica, defende outra abordagem, com o uso da expressão letramento informacional; letramento deriva da área pedagógica, indicando a construção da capacidade de entender as letras (ler e escrever).

Mais recentemente, Almeida (2014) também empreendeu seus esforços em uma revisão da literatura nacional na área, e corroborou essas informações, chegando à conclusão que dois termos se destacam quando nos referimos ao conjunto interligado de habilidades e comunicação informacionais, e são letramento e competência.

Para fins do presente trabalho, e a fim de evitar discrepâncias interpretativas, será adotado o termo “competência em informação” como tradução para *information literacy*. Essa opção é respaldada pela proposição e reconhecimento do termo na primeira mesa-redonda do XIII Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) do ano de 2005 (HATSCHBACH; OLINTO 2008).

3.1 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

A capacidade de lidar com informações é uma competência de uso prático na vida cotidiana. Pessoas com capacidade de localizar e empregar informações de maneira proveitosa costumam ser mais independentes e melhores cidadãs. A escola, por seu objetivo formativo, é o ambiente ideal para o desenvolvimento de competências no que diz respeito à localização e uso da informação

A busca pela formação de cidadãos competentes no uso da informação deve ser iniciada na pré-escola, acentuando-se no período do ensino fundamental, fase introdutória dos educandos ao ambiente da biblioteca escolar e com as fontes de informação, sendo o período propício para a realização da instrução da competência em informação. (MATA; SILVA, 2008, p.28).

Um aspecto relevante acerca da competência em informação é que o desenvolvimento de competências de cunho informacional deve transcender o ambiente escolar e o aspecto formal da educação, que é o aprendizado escolar propriamente dito. As habilidades desenvolvidas em âmbito escolar devem ser úteis para a vida do indivíduo, e não construídas para serem utilizadas exclusivamente para a execução de tarefas escolares e ao aprendizado profissional, como ressaltam Weitzel, Calil Junior e Achilles:

Se um jovem aprende sistematicamente a identificar, a localizar e usar as fontes de informação por meio de uma busca em um ou vários sistemas de informação, bem como a interpretar os resultados obtidos para aplicá-los no seu cotidiano, esse jovem estará mais preparado para desempenhar seu trabalho e também para exercer sua cidadania munido de dados, informação e conhecimentos necessários para articulá-los em seu benefício seja no plano social, político e econômico. (WEITZEL; CALIL JUNIOR; ACHILLES, 2015, p.218).

Estudos difundidos no exterior (BRUCE, 2004; GROSS; LATHAM, 2012) apontaram que a aplicação de técnicas que auxiliem os estudantes a buscarem, tratarem e empregarem informações é benéfica para todo seu desenvolvimento cognitivo.

Kuhlthau (1988) apresenta a formação de capacidades informacionais como inerentes à educação dos alunos nas escolas e ressalta a relevância do acesso que eles têm às informações para a construção de seu universo cognitivo. Destaca que os sentimentos e habilidades relacionados ao ato de buscar uma informação, desde a percepção da lacuna informacional até o suprimento dessa lacuna pela obtenção da informação necessária, é um processo cognitivo que deve ser explicado aos estudantes, estimulando à autognosia: “os alunos precisam tomar conhecimento de como é o processo de busca de informações” (KUHLTHAU, 1988, p.241, tradução nossa).

Para Hatschbach e Olinto, a construção de aptidões relacionadas ao uso da informação deve ser estimulada nas escolas:

Os estudantes têm sido o principal público-alvo das ações de competência em informação (...). O desenvolvimento de habilidades para o uso da informação tem um grande impacto no desempenho do estudante, pois fortalece sua capacidade de acessar, selecionar, avaliar e incorporar a informação. Essa competência vai agir ativamente no processo de assimilação, criação e transmissão do conhecimento, elementos-chave para o crescimento intelectual (HATSCHBACH; OLINTO, 2008, p.25-26).

Além do desenvolvimento individual dos alunos, elas apontam a implantação de planos de competência em informação como fator de desenvolvimento social, “um recurso para acelerar a superação das defasagens, no acesso e no uso da informação, que acompanham as grandes desigualdades sociais do país” (HATSCHBACH; OLINTO, 2008, p.24).

A maioria das instituições de ensino ainda não está preparada para capacitar seus estudantes em competência em informação (DETLOR et al., 2012; GROSS; LATHAM, 2012); isso porque utilizam as mesmas técnicas e ferramentas tradicionais, como as palestras não-participativas e tutoriais estáticos para informação auto induzida. A remodelagem das exposições, de forma a torná-las participativas, e o estímulo à autoaprendizagem são fatores importantes, e segundo a autora, “a educação voltada para a competência em informação é aquela que valoriza tais práticas, socializa o acesso à informação, ao conhecimento e ao aprendizado” (DUDZIAK, 2003, p.32).

Dudziak (2003) cita duas práticas curriculares comuns às instituições que pretendem desenvolver as competências em informação de seus alunos: 1) o currículo integrado, onde temas/problemas são propostos, e a busca pelas respostas leva o aluno por um caminho transdisciplinar e 2) o aprendizado baseado em recursos (KUHLTHAU, 1988), no qual o

aprendiz tem controle sob seu aprendizado, e o docente, bibliotecário, ou outro adulto formado responsável é visto como facilitador desses estudos. A competência em informação não é ministrada nas escolas como uma disciplina isolada, mas como modelo conceitual que entranha os métodos didáticos de toda a instituição de ensino; uma prática pedagógica para ensinar aos alunos a lidar com a informação em todos os âmbitos, e empregá-la em benefício próprio e de outros, independente do escopo disciplinas em que esse conteúdo será aplicado.

Como outros autores cujo campo de estudo é o desenvolvimento educacional, Campello (2003) apresenta o conceito de ampliação da função pedagógica da biblioteca, de repositório de informações à agente educacional ativo. As bibliotecas não devem ser excluídas dos processos educacionais, sob o risco de ficar à deriva, sob o ponto de vista de alunos e professores; conseqüentemente, a função do agente de informação responsável deve ser repensada nessa cadeia educacional.

Para alcançar o objetivo de desenvolvimento e estímulo da competência em informação nos discentes, deve não só haver um esforço conjunto de todos os profissionais que lidam com educação e informação (docentes e administradores de unidades de ensino aliando-se a profissionais que lidam diretamente com informação, como bibliotecários e agentes de leitura), como o próprio profissional deve estar atento ao auto aperfeiçoamento de suas habilidades, como usuário e como tutor de usuários de informação.

3.2 COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO E O PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

A postura dos bibliotecários e agentes de leitura como educadores ativos no desenvolvimento de aptidões para processamento de informação requer habilidades específicas de entendimento e uso dessas ferramentas (MOSELEN; WANG, 2014). Presume-se que o profissional cujo labor relaciona-se com guarda, uso e disseminação da informação apresente determinadas características que o capacitem no cumprimento de seus objetivos. Segundo Miranda,

A competência profissional é um processo de ativação de recursos, de reunião de condições favoráveis à realização e de superação dos possíveis obstáculos. É a tomada de iniciativa e o assumir responsabilidade, por parte do indivíduo, sobre problemas e eventos que ele enfrenta em situações profissionais, referindo-se a recursos que possuímos ou adquirimos e que sabemos como colocar em ação em uma situação prática (MIRANDA, 2006, p.107).

Farias e Vitorino (2009) classificam as competências do profissional bibliotecário em quatro dimensões: técnica, em que a realização do ofício na biblioteca seja realizada com determinação e consciência; estética, onde a sensibilidade, criatividade e apreciação sensorial são consideradas estímulos à prática profissional; política e ética, dizendo respeito à participação na construção da cidadania dentro de princípios morais e para o bem-estar coletivo.

Dudziak (2001, p.61) aponta seis facetas de que a competência em informação é formada: o processo investigativo, o aprendizado ativo, o aprendizado independente, o pensamento crítico, o aprender a aprender, e o aprendizado ao longo da vida. É evidenciado que essas competências não são processos estáticos, mas sequências gradativas de saberes complementares que devem ser alimentadas.

Rasteli e Cavalcante (2013), baseados em diversos autores, compilaram um rol de competências consideradas necessárias ao bibliotecário que atua em bibliotecas públicas, especialmente como mediador de leitura; são as seguintes:

- a) ser leitor ativo;
- b) conhecer as teorias da leitura;
- c) valorizar as narrativas orais (mediação oral da leitura);
- d) viabilizar o acesso à informação em seus diferentes suportes;
- e) desenvolver a *advocacy* (processo político de incentivar políticas e orçamentos públicos, através da visibilidade e participação da instituição solicitante) em biblioteca pública;
- f) conhecer as políticas públicas para o livro e a leitura;
- g) estar atento às multiplicidades culturais;
- h) estabelecer relações afetivas com o leitor;
- i) trabalhar em equipe;
- j) estabelecer parcerias;
- k) ter competências aplicadas às TIC;

l) conhecer e utilizar ferramentas da web 2.0;

m) buscar a educação continuada.

Essas aptidões devem ser desenvolvidas, e uma das vias para tal é o investimento em educação continuada, onde o profissional, baseado na listagem de competências apresentada, identifica as lacunas em seu perfil técnico e busca supri-las adequadamente. Além disso, a experiência e as atividades cotidianas no ambiente da biblioteca possibilitam a evolução das competências através da prática diária.

A competência em informação é um conjunto de habilidades que auxilia o indivíduo a desenvolver sua aptidão em buscar e tornar útil as informações a que tem acesso. As atribuições do agente de leitura o compelem a desenvolver essas perícias de forma a maximizar a eficiência de seu trabalho junto à sua comunidade.

4 METODOLOGIA

O projeto do Farol do Saber em Curitiba foi proposto para suprir três lacunas nas prioridades de acesso público à informação: suprir a comunidade de bibliotecas suficientes para disseminação democrática da informação; dotar as unidades municipais de educação de bibliotecas; e oferecer acesso digital gratuito. Para obter êxito em tais objetivos, a Secretaria responsável efetuou seu planejamento focando no espaço físico, no acervo oferecido, nos equipamentos de informática, e, em especial, na alocação de profissionais preparados para lidar com os diferentes aspectos do trabalho proposto. Devido à escassez de profissionais bibliotecários no mercado em Curitiba, especialmente após o fechamento do curso de biblioteconomia na cidade, a Secretaria Municipal de Educação decidiu recrutar e alocar professores municipais para o cargo de agente de leitura.

Considerado um projeto de sucesso e com expressiva longevidade, se comparado a outros projetos brasileiros acerca de bibliotecas, o Farol do Saber constitui um excelente objeto de estudo (apesar disso, poucas pesquisas acadêmicas foram efetuadas sobre o tema¹³). As principais questões propostas na presente pesquisa visam a formulação de um perfil da instituição e a conhecer aspectos da atuação profissional, da competência em informação e das opiniões do ponto de vista dos profissionais responsáveis. O que é o Farol do Saber? Quem são os responsáveis pela sua manutenção? Como ele atua junto à biblioteca e à comunidade? Qual é o perfil esperado para os profissionais que conduzem as atividades previstas? Qual é o perfil real dos profissionais hoje empregados? Qual é a opinião destes profissionais acerca de seu trabalho?

A partir das questões levantadas, foi delineado o objetivo principal do trabalho de pesquisa: trazer visibilidade ao programa dos Faróis do Saber da cidade de Curitiba (Paraná), através da apresentação da instituição (histórico, atuação e organização atual) e dos profissionais que a integram (perfil, prática profissional e competências).

¹³ A tese “A relação entre lugares e não-lugares na cidade: um estudo da apropriação do serviço de acesso à internet nos Faróis do Saber de Curitiba”, de Karin Sylvia Graeml, apresentada no Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento da Universidade Federal do Paraná; e a monografia de especialização “O projeto Farol do Saber e a formação de leitores”, de Silvana do Carmo S. Moreira, apresentada no Curso de Especialização em Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Portuguesa da Universidade Federal do Paraná. A tese “Farol da Educação e os desafios da formação de leitores no Maranhão”, Cristiane Dias Martins da Costa, apresentada no Doutorado em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais apresenta um capítulo sobre os Faróis do Saber de Curitiba.

Os Faróis do Saber da cidade de Curitiba são mantidos conjuntamente pela Secretaria Municipal de Educação e pela Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber. Dentre as 193 bibliotecas da Rede Municipal, 44 são qualificadas como Faróis do Saber (a lista completa dos Faróis e sua distribuição geográfica está disponível no Apêndice A). Além de uma entrevista com o gestor responsável pela GBSF, um questionário foi aplicado aos agentes de leitura responsáveis pelos Faróis. Esses agentes responsáveis pelos faróis foram definidos como população alvo do estudo.

4.1 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS E LEVANTAMENTO DE DADOS

Para obtenção dos dados empíricos necessários escolhemos aplicar uma entrevista estruturada junto ao gestor atualmente responsável pelo setor e elaborar um questionário, aplicado aos agentes de leitura. Trata-se de um estudo exploratório, onde utilizamos os meios de coleta para traçar um perfil tanto dos Faróis da cidade quanto para o profissional responsável, o agente de leitura.

A seguir apresentamos as estratégias utilizadas no levantamento bibliográfico e de dados previamente disponíveis existentes sobre os faróis; a descrição dos temas tratados na entrevista e dos conceitos utilizados nos questionários. A fase do levantamento de dados é também aqui descrita.

4.1.1 Sistematização de informações e dados previamente existentes

Por sua natureza híbrida, que privilegia públicos distintos – os Faróis de Praça, que atendem ao público em geral, e os Faróis de Escola, que atendem especialmente alunos da rede pública do ensino fundamental – os tópicos intrínsecos ao entendimento do assunto foram divididos nos quatro temas abordados no levantamento bibliográfico do presente trabalho: bibliotecas públicas, bibliotecas escolares, a competência em informação e o Farol do Saber.

É de responsabilidade da RMBE, órgão subordinado à Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, conceder acesso às informações públicas sobre os Faróis do Saber. Atendendo pesquisadores e estudantes interessados, mediante contato (telefônico ou por e-mail) prévio, o órgão se mostrou interessado no escopo da pesquisa apresentada, e disponibilizou todos os dados alocados em sua sede: propostas, resoluções, relatórios e dados estatísticos não tratados, relativos aos primeiros anos de funcionamento, em tabelas impressas; os dados mais

recentes obtidos são referentes aos anos de 2008 e 2014, e nos foram entregues em formato digital. Esse referencial constituiu uma relevante fonte primária de pesquisa.

Uma ponderação necessária é que cada Farol é responsável por recolher os próprios dados estatísticos e encaminhá-los, mensalmente, à gerência da RMBE. Mas os únicos itens obrigatórios no relatório enviado são os empréstimos de material (acervo) e agendamento do uso dos computadores. Dados de grande interesse para essa pesquisa, como faixa etária média, gênero e tempo de permanência no local, não são exigidos, e cada unidade do Farol possui autonomia para conduzir o estudo de uso que lhe aprouver. Então, mesmo que haja coleta de dados socioeconômicos em algumas unidades, ela não é efetuada de maneira consistente para ser empregada na pesquisa.

4.1.2 Entrevista

A entrevista foi o instrumento de coleta escolhido para levantar dados junto ao atual gestor da rede dos Faróis do Saber de Curitiba. Há diferentes tipos de entrevistas, que variam conforme o objetivo do entrevistador e a forma como ela é efetuada. A presente pesquisa empregou a entrevista denominada estruturada (MARCONI; LAKATOS, 2010; GASKELL, 2002), em que há um roteiro prévio que deve ser seguido. Esse diálogo teve por objetivo traçar o perfil dos Faróis, de sua gestão e esmiuçar o desenvolvimento de atividades a partir do ponto de vista do responsável pelo planejamento e gerenciamento das unidades como um todo.

A entrevista foi aplicada no dia 23 de março de 2016, na sede da Secretaria Municipal de Educação da cidade de Curitiba, entre as 09h30 e as 12h. Foi utilizado um gravador de áudio e as reações comportamentais do entrevistado foram anotadas no decorrer do encontro, mediante observação do entrevistador. Composta de 30 perguntas, com intenção de reunir o uma série de informações dos Faróis sob o ponto de vista do Gerente das unidades.

Foi dividida em quatro blocos: o primeiro sobre o Farol do Saber em seus aspectos institucionais na opinião do entrevistado; o segundo sobre os tipos de Farol, o público e as atividades distintas para cada um; terceiro bloco é focado em questões sobre os profissionais que atuam para o funcionamento dos faróis, e nos faróis, com ênfase no agente de leitura; e o quarto e último levantou informações pessoais sobre o gestor, seu perfil como gestor e sua formação profissional.

Os aspectos institucionais abordados englobam a opinião do gestor sobre a missão dos faróis; o sucesso da continuidade da iniciativa; a gestão financeira das unidades, assim como a autonomia no estabelecimento de parcerias; as características dos Faróis e os problemas que têm sido enfrentados em sua gestão. O objetivo desse bloco é a caracterização dos faróis, criando uma imagem da realidade da gestão atual, assim como os problemas enfrentados em sua manutenção de seu funcionamento.

O tema abordado no segundo bloco da entrevista trata de questões sobre os tipos de Faróis e suas atividades; visa esclarecer o impacto que essa diferença intrínseca – a unidade ser lotada em praça ou anexa à escola – ocasiona em sua gestão, no funcionamento, nas atividades e em seu planejamento de longo prazo. Para fins administrativos, os Faróis especiais são considerados do mesmo tipo que os Faróis em Praça, tanto por sua subordinação a um mesmo setor, quanto por sua localização também ser em logradouros públicos (e não ligados a unidades escolares). Alguns dos tópicos abordados incluem: a definição da comunidade alvo em cada tipo de farol; diferença entre as atividades de um e de outro, de acordo com o público; tipos de projetos e projetos que estão se destacando como modificadores da realidade da comunidade; interação entre unidades, e o papel dos Faróis em diferentes âmbitos junto aos usuários, como desenvolvimento de habilidades de leitura e de acesso à informática. O objetivo é complementar as informações do bloco anterior e permitir a elaboração de um perfil fidedigno de ambos os tipos de Faróis.

O terceiro bloco reúne as questões sobre os profissionais que trabalham nos Faróis; tanto diretamente, atendendo ao público, quanto nas atividades de técnicas, de planejamento e de gestão. Questões de extrema importância na construção do perfil desses colaboradores incluem: quem são esses agentes; o perfil ao qual é dada preferência na escolha do pessoal; quais são as competências e atitudes esperadas pela gestão dos funcionários alocados nos faróis; como a gestão investe no desenvolvimento dos profissionais, e especialmente, como avalia esses agentes.

O quarto e último grupo de questões aborda as referências pessoais do Gestor, e como isso influencia sua gestão. As questões desse bloco abrangem desde sua formação inicial até os cursos complementares que fez; sua visão do cargo; e como sua jornada profissional impactou em sua conduta na gestão atual.

Para efetuar a análise dos dados levantados pela entrevista foi empregada a metodologia da análise de conteúdo. É consenso entre autores que essa técnica apresenta como característica principal a inferência a partir dos textos. A entrevista pode ser definida como: “Uma metodologia de pesquisa que utiliza um conjunto de procedimentos para produzir inferências válidas de um texto. Essas inferências são sobre emissores, a própria mensagem, ou a audiência da mensagem.” (WEBER, 1985, p.9 apud BAUER, 2002, p.192). A entrevista foi analisada levando em consideração as referências pessoais do entrevistado sobre as informações coletadas.

O roteiro da entrevista pode ser encontrado no Apêndice C.

4.1.3 Questionário

Foi selecionado o questionário autoaplicável como instrumento de coleta de dados, no levantamento de informações necessárias à análise do perfil do profissional responsável pelos Faróis do Saber, os agentes de leitura. O software escolhido para recolhimento e tabulação dos dados foi o SurveyMonkey.

As perguntas que o compõem foram elaboradas com base na literatura específica da área, explorada para construção do referencial teórico do trabalho; na entrevista efetuada com o gestor; e na observação *in loco* do objeto de estudo, de forma a responder às questões de pesquisa previamente descritas no trabalho.

O questionário, composto de 45 questões (grande parte delas objetiva), foi fracionado em cinco grandes blocos, visando cobrir os diversos aspectos de interesse sobre o profissional, incluindo sua formação e suas atividades: informações gerais sobre o Farol em que atua; informações sobre a interação farol-escola e farol-público; atividades no papel de agente de leitura; informações sobre seu perfil e capacitação profissional; informações pessoais.

O primeiro bloco tem por objetivo construir o perfil da unidade em que o agente atua, assim como sua percepção do público frequentador. É composto por dezesseis perguntas, abertas e fechadas. As questões 1, 2 e 8 visam mensurar a frequência e uso dos serviços locais sob a ótica do agente de leitura; as questões 3 e 5 buscam saber mais sobre a finalidade do uso pelo público; a 4 indaga sobre a formação de parcerias entre o farol e outras instituições. O bloco também inclui indagações relacionadas ao uso da tecnologia: as questões 6, 7, 10, e 14 levantam informações sobre a disponibilização das TICs no Farol e sobre a relação do agente

com os usuários sob esse aspecto; as questões 9, 11 e 13 buscam estabelecer um perfil dos usuários frequentes, enquanto a questão 12 averigua sobre o uso efetivo do computador pelos usuários. Por fim, as questões 15 e 16 se destinam a caracterizar o Farol, perguntando sua localidade e classificação. Cada unidade administrativa da cidade apresenta seu próprio núcleo de apoio educacional, e uma possível discrepância entre os dados levantados pode ser reflexo da gestão de uma unidade específica.

O segundo bloco de questões é específico para os respondentes alocados nos Faróis de Escola, e tem por base a discussão teórica apresentada na seção 1.2.1 (A biblioteca escolar e sua função pedagógica). Tem por objetivo averiguar a relação do profissional do Farol com os alunos (questão 18), os professores (questões 19, 20 e 22) e a coordenação da escola (questão 22) à qual ele está ligado. É dada especial atenção à prática de pesquisa, atividade esperada e fomentada no ambiente escolar (questões 17 e 21).

O terceiro bloco contém perguntas sobre as atividades que o agente de leitura costuma desenvolver no exercício de seu cargo; para fins desta pesquisa, nos limitamos às atividades realizadas no ano de 2016 (questões 23, 24 e 25). O objetivo desse bloco é demonstrar quais atividades foram efetivamente realizadas, em comparação às atividades elencadas como do escopo deste profissional pela literatura da área e em especial pela Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber (seção 3.4).

O quarto bloco versa sobre o perfil do profissional, sua capacitação e suas opiniões, críticas e sugestões sobre o trabalho no Farol. O objetivo é traçar um paralelo entre as características que o agente de leitura apresenta em comparação com as características apontadas pela literatura especializada e pelos documentos regentes dos Faróis do Saber – a discussão teórica presente nas seções 1.1.4 (Biblioteca Pública e perfil do profissional), 1.2.2 (Biblioteca Escolar e perfil do profissional), em toda a seção 2 (Competência em informação) e na seção 3.2 (Profissionais da informação nos faróis do saber) do presente trabalho. As questões 26, 27, 28 e 29 visam descobrir a opinião dos agentes de leitura sobre a atuação dos faróis, assim como ouvir suas sugestões para melhoria das atividades; as questões de 30 a 37 averiguam as competências profissionais do agente, relacionadas ao uso das TICs, à leitura e às habilidades de comunicação e administração. As questões 38, 39, 40 e 41 pretendem averiguar a formação do profissional, incluindo seu nível educacional e experiência laboral. As últimas questões desse bloco pretendem estabelecer o perfil social dos agentes sem, no entanto,

individualizá-los; inclui questões sobre identificação de gênero (questão 42), faixa etária (questão 43), e grupo racial com o qual se identifica (questão 44).

O quinto e último bloco é um espaço para opiniões e críticas sobre a pesquisa e o questionário; apresenta uma única questão (45), que convida os agentes de leitura a deixarem seus comentários.

O objetivo das questões é traçar um breve perfil do agente de leitura nos Faróis, assim como sua percepção de seu público, do atendimento, e da importância da unidade em que trabalha para a comunidade do entorno. O questionário completo pode ser encontrado no Apêndice D.

3.1.4 Aplicação dos questionários

O pré-teste do questionário foi aplicado entre os dias 15 e 22 do mês de junho para cinco bibliotecárias voluntárias, ativas em suas áreas: três trabalham exclusivamente em bibliotecas universitárias, uma trabalha em bibliotecas universitária e escolar concomitantemente, e uma trabalha exclusivamente em biblioteca escolar. A aplicação do pré-teste visou a verificação de problemas no entendimento das perguntas, e a subsequente adequação das questões, caso necessária. Esta etapa metodológica revelou que houve bom entendimento das questões e não houve necessidade de alteração das perguntas formuladas.

O período selecionado para a aplicação da versão final foi o mês de julho de 2016. Durante o primeiro contato com o gestor chegamos à conclusão de que o melhor período para aplicação do questionário seria neste mês que coincide com as férias escolares do município de Curitiba. A época foi escolhida para que os agentes de leitura dos Faróis de Escola pudessem dispor do tempo necessário para responder às questões, sem a preocupação de acidentalmente prejudicar o atendimento dos alunos em período escolar. O questionário foi enviado para o e-mail institucional de cada unidade, e acompanhado durante cinco dias; após esse período, foi realizado contato telefônico individual, para confirmar o recebimento da mensagem enviada e convidá-los pessoalmente a participarem da pesquisa. Essa etapa foi realizada durante a primeira quinzena do mês de julho de 2016.

No presente ano, porém, aspectos financeiros do município provocaram a alteração do horário de funcionamento, quando o fechamento dos Faróis de Praça passou a ser às 18h, e os Faróis de Escola encontram-se fechados pela primeira vez durante as férias de julho. As

mudanças ocorridas não foram veiculadas por nenhum meio de comunicação, pois o atual período político (período antecedente às eleições municipais) não permite nenhum tipo de informação, que possa ser considerada propaganda, de nenhum órgão ligado à prefeitura.

Devido ao período de férias escolares, porém, os Faróis respondentes foram majoritariamente os de Praça (9 Faróis). Dos Faróis especiais, dois estão fechados para reformas, restando apenas um respondente em funcionamento. Um único Farol de Escola retornou. Foi, portanto, 11 o total que questionários respondidos e submetidos a análise apresentada na próxima seção.

5 RESULTADOS

A análise dos dados levantados para o presente trabalho encontra-se abaixo. Como descrito na seção anterior, as principais ferramentas para reunião de dados foram a documentação levantada, a entrevista com o gestor da Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber, e o questionário para agentes de leitura.

5.1. ANÁLISE DA DOCUMENTAÇÃO LEVANTADA

Com a proposta de implantar bibliotecas, descritas no documento inicial como “comunitárias”, o projeto do Farol do Saber foi idealizado em 1993, pelo então prefeito Rafael Greca de Macedo, e apresentado no Ofício 1119/93 da Prefeitura de Curitiba. Essas unidades foram concebidas para funcionarem como centro de acesso a informações para a comunidade, e de apoio às atividades escolares para alunos da rede pública, em especial para escolas municipais. Sua criação é pautada na visão do empoderamento da população através da apropriação de instrumentos capazes de promover o desenvolvimento da cidadania, pela informação e conhecimento:

Um povo, para se fazer soberano, digno e cidadão, precisa apropriar-se de instrumentos capazes de promovê-lo em todas as dimensões. Sua inserção na construção de uma nação verdadeiramente democrática depende fundamentalmente da proposta educacional que se lhe ofereça, a qual deve priorizar o desenvolvimento de habilidades que possibilitem o acesso a informações e ao conhecimento universal. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1993, p.2).

Assinado pela Secretaria de Educação e pelas bibliotecárias responsáveis pela Biblioteca Central da Coordenadoria de Logística, o plano inicial foi aprovado tendo a Secretaria Municipal de Educação como responsável técnica e coordenadora das atividades e de pessoal. O primeiro Farol do Saber foi inaugurado em 20 novembro de 1994, sob o nome “Farol do Saber Machado de Assis¹⁴”, localizado no bairro Mercês.

A proposta de implantação, publicada no início de 1994, aponta a importância de sua concepção em dois âmbitos, que originaram dois arquétipos de Faróis. O primeiro é a união da

¹⁴ Todos os Faróis receberam nomes de autores brasileiros ou de personalidades importantes para o estado do Paraná – com exceção dos faróis temáticos.

biblioteca (armazenamento do saber) com as escolas (construção do saber), e isso se reflete nos Faróis que foram planejados para serem anexos às escolas. O segundo é o foco no trabalho na comunidade, onde a leitura é ferramenta de democratização do saber, na conscientização crítica para participação social, e sua concretização se daria nos Faróis projetados para funcionamento em praças públicas.

É importante ressaltar que o Farol de Escola não foi planejado para ser transformado e funcionar como biblioteca escolar em seu sentido tradicional. Além de atender às necessidades acadêmicas, ele foi projetado para receber a população em geral. Assim, o prédio seria dotado de duas portas: uma ligando-o à escola, e outra desembocando na rua; a comunidade externa teria acesso ao Farol sem interferir nas atividades escolares. Essa interação farol-escola-comunidade é explicitada em um dos objetivos do documento inicial, que cita como meta “Promover condições básicas de acesso ao conhecimento universal, às informações de caráter geral, ao lazer, a toda comunidade em geral e estudantil, através da implantação de bibliotecas comunitárias nas unidades escolares da Rede Municipal de Ensino de Curitiba” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1993).

Em 2007 todas as bibliotecas da rede foram interligadas através do software Sistema Municipal de Bibliotecas, e assim foi estabelecida a Rede Municipal de Bibliotecas Escolares (RMBE), instituída através do Decreto nº 376/2007. Idealizado por Eleonora Fruet, o Decreto reuniu as unidades de bibliotecas escolares tradicionais, os Faróis do Saber localizados em escolas e os Faróis do Saber em logradouros públicos. No ano de 2009 a SME optou por segmentar a responsabilidade da rede, criando a Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber (GBFS). Essa entidade tornou-se a responsável direta pelos faróis em praça e por outras bibliotecas públicas municipais, além de responsável pela gestão dos projetos culturais e pelo processamento técnico de todo o acervo de todas as unidades da RMBE. A responsabilidade administrativa dos faróis em escola, porém, se tornou encargo das equipes diretivas das escolas e dos Núcleos Regionais de Educação de cada região administrativa da cidade.

Outro propósito do projeto a ser ressaltado é a democratização do acesso à internet, preocupação demonstrada desde a concepção do projeto: “[...] este é um passo significativo e necessário na direção de alternativas avançadas de acesso ao conhecimento, visto que os sistemas educacionais não mais poderão prescindir da utilização dos recursos do som, da imagem e da informatização” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1994a, p.1). A

informatização dos Faróis é uma das quatro diretrizes centrais das unidades, juntamente com o processamento técnico do acervo, a programação de eventos e o atendimento ao público.

A aquisição e distribuição dos dispositivos de informática foi efetuada de forma gradativa, devido ao alto custo dos equipamentos aos cofres da cidade. Até junho de 2000, apenas vinte e três faróis haviam recebido os equipamentos anunciados (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2001). No ano 2000 foi estabelecida uma parceria da Prefeitura de Curitiba com a organização sem fins lucrativos Instituto Curitiba de Informática (ICI), e lançado o Programa Digitando o Futuro, cujo objetivo principal era a inclusão digital da comunidade. Além da disponibilização de internet nos Faróis, o projeto previa a implantação de laboratórios de informática nas escolas municipais (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2001). Como resultado do projeto, no ano de 2007 todas as unidades já ofereciam internet gratuita ao público (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2010).

Havia a previsão da substituição do projeto supracitado por outro, mais abrangente, o “Se liga, Curitiba” este deveria ter sido implantado em 2005 (SERPRO, 2005), mas não chegou a ser consolidado. O projeto Digitando o futuro foi absorvido pelo projeto Portal Cidade do Conhecimento, que reúne informações e funcionalidades da área da educação da cidade, e está atualmente vigente:

O programa apresenta conceitos relativos às condições individuais de uso da internet como recurso de visibilidade social, assim como as dificuldades de uso da tecnologia, ou seja, democratiza a informação, oportunizando aos estudantes, aos professores e à comunidade o acesso gratuito aos recursos tecnológicos e internet. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2014, p.15).

O uso dos computadores é condicionado à inscrição prévia no sistema de bibliotecas; e o acesso é concedido através de agendamento (no caso de todos os equipamentos estarem em uso) ou de solicitação à responsável presente no local. Desde o princípio foram oferecidos cursos de capacitação básica e introdução à informática aos usuários leigos; atualmente, com a popularização da internet e dos computadores pessoais, a frequência de agendamentos desse curso diminuiu, mas ainda é procurado pelos usuários.

A descontinuidade do setor cultural é um imbróglio comum no país (CALABRE, 2012); as trocas governamentais e partidárias influenciam a não-continuação de programas estabelecidos como base no governo antecedente. O projeto Farol do Saber, lançado em 1993 e nunca descontinuado, é um modelo de política pública da área cultural que pode ser

considerado um exemplo, por sua longevidade e relativo sucesso. O documento “Rede Municipal de Bibliotecas Escolares”, emitido pela própria RMBE em 2009, explicita pela primeira vez a continuidade e o sucesso do programa. Apresenta como principais aspectos que garantem a continuidade da prática:

- * pedagógico: parceria da biblioteca com o projeto político-pedagógico da escola
- * profissional: apoio à formação do professor e do profissional técnico
- * social: ampliação do acesso à cultura e no lazer
- * inclusão digital
- * humano: envolvimento da família e escola e aproximação de pessoas nas atividades, estabelecendo relações de amizade
- * recursos humanos: agentes de leitura com perfil e qualificação adequados, bibliotecários e gestores da informação que garantem a implantação e catalogação dos acervos, bem como os demais serviços
- * financeiro: recursos que garantem a atualização e renovação de mobiliário, equipamentos e acervos

(PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2010, p.VI).

A continuidade do projeto também pode ser atribuída à adoção da população local desse espaço cultural.

A Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber autorizou o acesso aos principais documentos oficiais relacionados à implantação, manutenção e uso dos Faróis do Saber, que são: a proposta inicial; o primeiro projeto, datado de 1993; os dois projetos revistos, ambos datados de 1994; os relatórios de acompanhamento, dos anos 2001 e 2010; as tabelas estatísticas dos anos de 2014 e 2015. Além dos documentos supracitados, disponibilizados apenas na sede da Secretaria, também foi consultado o “Caderno Pedagógico da Rede Municipal de Bibliotecas Escolares”, de 2014, disponível na internet.

5.1.1 A cidade de Curitiba

Conhecida pelo alto padrão de qualidade de vida que oferece a seus habitantes, Curitiba é considerada uma cidade organizada e planejada. O planejamento urbano era assunto discutido desde a década de 1940, quando o então interventor da cidade, Manoel Ribas, encomendou ao

urbanista francês Alfredo Agache um plano de desenvolvimento para a cidade. Indicado por sua contribuição em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, apresentou uma proposta de remodelação curitibana, o Plano Agache, de 1943 (CORNELSEN, 2004).

Em 1964, a cidade promoveu um concurso público, com objetivo de escolher um novo plano de desenvolvimento para dar continuidade às mudanças estabelecidas pelo Plano Agache. A proposta vencedora estabeleceu o Plano Preliminar de Urbanismo (PPU), cujo objetivo era “dotar racionalmente a cidade dos atributos técnicos e espaciais necessários ao progresso econômico” (SOUZA, 2001, p.111); e era assessorado pelo recém-criado Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC). O legado de sua implementação é inegável; grande parte das obras e decisões urbanas que tornaram Curitiba uma cidade considerada exemplo veio desta época: o plano de mobilidade urbana, exportado para diversas cidades do mundo (o Bus Rapid Transit, ou BRT), o planejamento da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), a modernização da cidade.

Apesar das vantagens apresentadas, há diversos impactos sociopolíticos advindos dos planos de construção. O principal lapso apontado por diferentes pesquisadores urbanos da cidade é que, mesmo com o fluxo migratório crescente, parte significativa da população não foi contemplada no então plano desenvolvedor da cidade. “A população pobre, habitante de uma região insalubre, foi representada como insignificante em termos estatísticos e tornou-se invisível para o planejamento” (SOUZA, 2011, p.111). Pode-se apontar hoje que o desequilíbrio da ocupação populacional da cidade é efeito, e não causa, dos problemas do PPU; os bairros menos planejados, e consequentemente com menor valor imobiliário (como Sítio Cercado, Uberaba e Cajuru), foram sendo paulatinamente ocupados pela população migrante nacional de baixa renda.

Em 1986, o então prefeito Roberto Requião descentralizou os serviços da Prefeitura de Curitiba em polos de Administração Regional. Segundo informações da instituição, são esses polos que identificam e estabelecem as prioridades para seus bairros, desenvolvem o planejamento daquela área e o interliga aos planos da cidade como um todo. Curitiba é composta por 76 bairros, agrupados em 9 unidades administrativas, denominadas Núcleos Regionais¹⁵.

¹⁵ O mapa da cidade, em suas divisões administrativas regionais, pode ser consultado no Anexo A.

O entendimento da divisão socio-financeira da cidade é relevante para o presente estudo. A construção da imagem da cidade, alardeada por seus pontos fortes no desenvolvimento e planejamento urbano, oculta de sua própria população os problemas estruturais alimentados desde a implantação do PPU. A falta de diretrizes e de atenção especial para os grupos populacionais de renda mais baixa funcionou como potencializador da discrepância econômica e cultural entre áreas da cidade. Apesar da renda média da maioria das regionais ser considerada elevada em relação ao salário mínimo brasileiro, a renda mediana por bairro consegue demonstrar a discrepância apontada.

O problema da ênfase dadas às alcunhas da cidade (“Cidade modelo”, “Capital da qualidade de vida”, “Capital ecológica”, e a recentemente adotada “Cidade humana”), segundo Moura (2004), é a passividade populacional construída sobre uma imagem dada como estabelecida e correta:

A disseminação pela mídia de uma imagem particularizada da cidade, como se fosse de seu todo, criando um imaginário urbano hegemônico, afeta as condições de percepção crítica das mensagens, desencorajando o dissenso, o contraditório, ou a justaposição de alternativas que melhor se ajustem a individualidades ou identidades de grupos. Diante da imagem de uma cidade como um lugar cujos problemas estão solucionados, muitos curitibanos não têm se tornado agentes ativos no processo de desenvolvimento, mas se limitado ao papel passivo de meros receptores de serviços ofertados ou “comoditizados” (MOURA, 2004, p. 5).

Isso quer dizer que parte da população ignora, propositadamente ou não, seu papel ativo no desenvolvimento e na construção da cidadania da cidade; e com isso, há uma baixa procura pelos instrumentos que auxiliam nessa dinâmica, como espaços de saber e convivência pública.

5.1.2. Composição da Rede de Faróis

As necessidades populacionais para a instalação de novas unidades culturais, em especial os Faróis do Saber, são analisadas levando em consideração o bairro solicitante, sua renda média, o número de instrumentos de cultura já instalados na região e sua posição dentro da divisão geográfica da cidade. Apesar de serem agrupados sob uma única gerência e direção, os Faróis do Saber, assim como todas unidades da RMBE, são administrados pelo profissional (o gestor da informação) responsável pelo Núcleo de Educação da regional a qual pertencem;

A RMBE é composta hoje com 193 bibliotecas¹⁶; dentre elas, quarenta e quatro são consideradas Faróis do Saber, sendo trinta e dois vinculados às escolas municipais e nove instalados em praças públicas; e três faróis especiais (bibliotecas temáticas). A lista completa dos Faróis, suas regionais e endereços pode ser encontrada no Apêndice A; no Quadro 2 é apresentado o número de Faróis por regional.

Quadro 2 - Distribuição regional dos Faróis do Saber

FARÓIS DO SABER - DISTRIBUIÇÃO REGIONAL		
REGIONAL	Nº DE BAIRROS	Nº DE FARÓIS
Bairro Novo	3	5
Boa Vista	13	8
Boqueirão	4	5
Cajuru	5	5
Cidade Industrial	4	6
Matriz	18	2
Pinheirinho	5	3
Portão	11	6
Santa Felicidade	13	6
TOTAL	76*	46

* O bairro Campo Comprido aparece em duas regionais, pois suas atribuições são divididas; então a soma total dos bairros de Curitiba é 75

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA (elaboração própria)

A proposta inicial para o acervo mínimo era de duas mil e quinhentas obras. Após a aprovação do projeto arquitetônico, porém, constatou-se que a capacidade média das estantes seria de sete mil obras; assim, o acervo mínimo foi instituído em cinco mil títulos, distribuídos conforme o Quadro 3.

¹⁶ Todos os dados quantitativos e qualitativos acerca dos Faróis do Saber foram retirados dos relatórios da Prefeitura de Curitiba, elencados na bibliografia do presente trabalho; e da entrevista com o Gerente responsável pela Rede de Bibliotecas de Curitiba.

Quadro 3 – Proposta de acervo mínimo dos Faróis do Saber, por área do Conhecimento

ACERVO MÍNIMO - POR ÁREA DO CONHECIMENTO		
Área	Percentual (aprox.)	Nº de títulos
Filosofia e Psicologia	2,5	125
Religião	1	50
Ciências sociais	12,5	625
Linguística	2	100
Ciências puras	8	400
Ciências aplicadas	2,5	125
Esporte e Lazer	2,5	125
Literatura	35	1750
História e Geografia	8,1	405
Referência	25	1300
		5000

Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. *Proposta de implantação das bibliotecas "Farol do Saber", 1994.*

O acervo é adquirido e mantido, segundo critérios do Programa Educacional da Prefeitura, pela GBFS, e conforme o interesse dos usuários. Dentre as obras consideradas fundamentais em todos os Faróis, encontram-se: um exemplar da coleção completa da Enciclopédia Barsa; dicionários de língua portuguesa, inglesa e espanhola; a bíblia sagrada; e os 500 livros considerados imprescindíveis para o conhecimento da cultura brasileira e universal, listados pelo antropólogo Darcy Ribeiro.

Cada unidade possui relativa autonomia na ampliação de seu acervo, seja através da consolidação de parcerias com empresas ou do recebimento direto de doações; mas deve observar as necessidades dos usuários e consultar as bibliotecárias lotadas na sede administrativa do GBFS, especialistas no desenvolvimento de coleções. Estas orientarão sobre a validade do título para aquela unidade e efetuarão o processamento técnico das novas obras.

Da mesma forma que o desenvolvimento do acervo, há uma proposta mínima para disponibilização de equipamentos digitais; a previsão inicial era de 8 computadores de acesso público e uma impressora, compartilhada pelos profissionais do Farol e para usuários. Assim como o acervo, a autonomia no estabelecimento de parcerias pode levar à variação desse número nas unidades.

Essencialmente, os Faróis podem ser classificados de três formas: os Faróis Tradicionais (conhecidos como Faróis de Praça), são localizados em logradouros públicos e sua arquitetura

é a proposta no projeto original; os Faróis de Escola, anexados às escolas públicas municipais; e os Faróis especiais, que contam com características únicas – desde a arquitetura ao desenvolvimento do acervo disponibilizado.

5.1.2.1 *Faróis do Saber tradicionais*

Os Faróis do Saber tradicionais são facilmente identificáveis pela cidade por sua arquitetura particular. A Fotografia 1 apresenta a arquitetura original projetada para ser replicada como padrão; mais imagens sobre a arquitetura dos faróis no Apêndice B. A fachada envidraçada foi projetada para captar a maior quantidade de luz natural possível, tornando o ambiente mais agradável e viabilizando um custo menor com energia elétrica. O Farol tem capacidade prevista de atendimento para até 30 pessoas, simultaneamente.

Fotografia 1 - Farol do Saber Tom Jobim, localizado no Bairro Santa Quitéria



Fonte: Fotografia da autora, 2016

O Farol do Saber em seu formato tradicional possui aproximadamente 88 m², e seu formato toma por referência um livro aberto. É constituído por um pavimento térreo, de alvenaria, que abriga o acervo (Fotografia 2); um mezanino metálico, onde há uma mesa de leitura e computadores de acesso público com acesso à internet (Fotografia 3); e a torre, que abriga uma escada em caracol responsável por interligar os andares. Mede dezesseis metros de

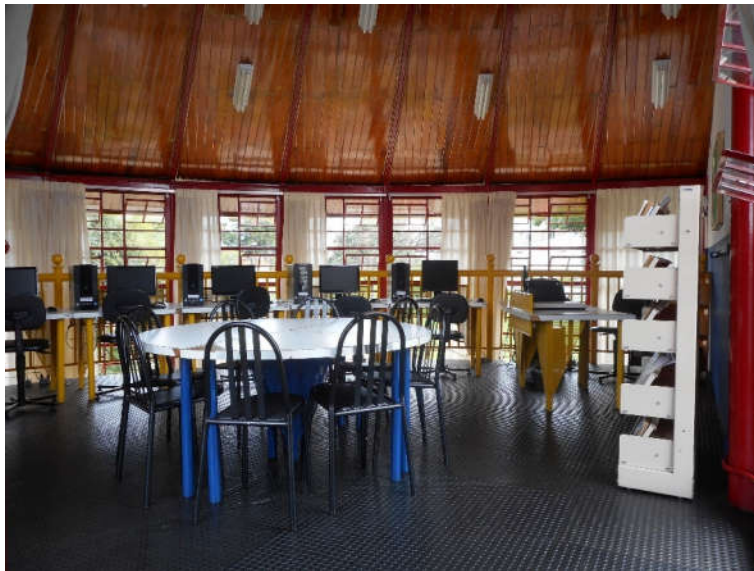
altura, e apresenta em seu topo uma pequena sacada metálica – a intenção inicial era que servisse de guarita para a guarda municipal, apesar do intento não ter se concretizado.

Fotografia 2 - Pavimento térreo do Farol do Saber Tradicional



Fonte: Fotografia da autora, 2016

Fotografia 3 - Mezanino: área de leitura e acesso aos computadores do Farol do Saber Tradicional



Fonte: Fotografia da autora, 2016

Uma lâmpada amarela em plataforma rotativa no alto da torre enfatiza a imagem de “Farol”; e o conjunto é coroado por uma escultura em formato de galo, para “acordar” e chamar a população para o saber (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1994a). As cores escolhidas para os faróis são vermelho, amarelo e azul, em consonância com grande parte do equipamento urbano da cidade.

Dentre os Faróis de Praça, o Farol das Cidades (Fotografia 4) deve ser destacado; possui foco no debate sobre centros habitacionais, e seu objetivo é fornecer os instrumentos para fomentação de discussões e busca de soluções para problemáticas relativas à ocupação urbana. Inaugurado em 1995, seu acervo compreende, principalmente, obras sobre arquitetura, urbanismo, engenharia civil, paisagismo e sustentabilidade. É descrito no projeto como “o primeiro espaço público de disponibilização de internet gratuita na América Latina” (mas tal informação carece de fontes).

Fotografia 4 - Farol das Cidades



Fonte: Blog Farol das cidades (faroldascidades.blogspot.com.br)

Sua arquitetura é semelhante à dos faróis tradicionais, mas sua estrutura é maior, contando com 98 m² de área e torre de 17 metros de altura.

5.1.2.2 *Faróis do Saber em Escola*

Semelhantes em arquitetura aos Faróis do Saber tradicionais, a diferença marcante é a instalação de uma segunda porta de entrada; assim, uma porta na parte interna liga o Farol à Escola, e outra, voltada para a parte externa, liga o Farol à rua e à comunidade. Na Fotografia 5 é possível ver o portão voltado para a rua, e o muro que circunda a escola tocando as laterais. O uso do espaço interno também varia de acordo com as necessidades de cada Farol e da unidade de educação em que está anexado.

Fotografia 5 - Farol do Saber Mario Quintana



Fonte: Google Maps, julho de 2016.

5.1.2.3 *Faróis do Saber Especiais*

Os Faróis do Saber especiais apresentam arquitetura distinta dos Faróis tradicionais. Eles homenageiam três importantes grupos de imigrantes que ajudaram a construir a cidade de Curitiba: os alemães, os árabes e os japoneses.

- Farol do Saber Casa Encantada

Primeira das bibliotecas temáticas, fundada em março de 1996. Voltado para o público pueril, o Farol do Saber localizado no Bosque do Alemão é sediado em um casarão, e denominado “Casa Encantada” (Fotografia 6). Abriga uma biblioteca de títulos infantis, e sua programação cultural inclui encenação de peças e contação de histórias, aos finais de semana e feriados. Espalhados pela trilha que leva ao casarão, há painéis de azulejos que apresentam a história de João e Maria, história tradicional da cultura germânica.

Fotografia 6 - Farol do Saber Casa Encantada



Fonte: Fotografia da autora, 2016

- Farol do Saber Gibran Kalil Gibran

Também conhecido como “Memorial Árabe”, é uma homenagem à cultura do oriente médio. Fundado em dezembro de 1996, chama a atenção de turistas e moradores pelo formato cúbico do prédio (Fotografia 7); mas internamente, a arquitetura é inspirada nas edificações mouriscas, apresentando elementos como abóbada, arcos e vitrais. Por sua localização privilegiada, possui grande circulação, e sedia eventos diversos. Seu acervo é especializado em obras árabes, israelenses, islamitas, e de outras culturas do Oriente Médio, e inclui ainda uma pinacoteca.

Fotografia 7 - Farol do Saber Gibran Kalil Gibran



Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

- Farol do Saber Hideo Handa

Última biblioteca especial a ser considerada Farol do Saber, foi inaugurada em junho de 2008. Localizada na Praça do Japão, tradicional homenagem aos imigrantes nipônicos da cidade, sua arquitetura é inspirada no tradicional pagode japonês (fotografia 8). Oferece cursos, oficinas e outras atividades de temática relacionada à essa cultura, como japonês básico e desenho de mangás (estilo gráfico de desenho comum no Japão). Parte do acervo também é temático, tanto em língua portuguesa quanto em japonês.

Fotografia 8 - Farol do Saber Hideo Handa



Fonte: Fotografia da autora, 2016

5.1.3 Profissionais da informação nos Faróis do Saber

A equipe administrativa responsável pelos Faróis do Saber pode ser separada em dois grupos distintos; os colaboradores da Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber, e os colaboradores alocados nos Núcleos Regionais de Educação. A equipe da GBFS é composta pelo Gerente; pelas bibliotecárias, que tratam da gestão bibliográfica e especificações técnicas da área de biblioteconomia; e os produtores culturais, responsáveis pela seção de atividades direcionadas à população. As equipes dos NRE são lideradas pelo gestor da informação designado ao núcleo; e colaboradores que elaboram, supervisionam e oferecem suporte às práticas pedagógicas das escolas, e consequentemente dos Faróis anexados às escolas¹⁷.

Nos projetos iniciais (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1993, 1994a, 1994b) é explicitada a intenção de que houvesse um bibliotecário responsável em cada unidade dos faróis; seria o agente principal, que teria por função o processamento técnico do acervo, a organização das atividades culturais, o atendimento ao público e a gestão da equipe de sua unidade. Essa configuração de trabalho, porém, precisou ser repensada, especialmente após o ano de 2001, quando o curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Paraná (UFPR)

¹⁷ Informações obtidas em entrevista com o Gerente de Bibliotecas e Faróis do Saber.

efetuiu uma atualização curricular, modificando sua grade e a nomenclatura do curso para Gestão da Informação. Como previsto por lei, bibliotecários só podem exercer a profissão mediante registro no Conselho Regional de Biblioteconomia, e o curso de Gestão não seria chancelado pelo Conselho Federal de Biblioteconomia. Essa modificação baixou drasticamente o já reduzido número de bibliotecários disponíveis no mercado profissional Paranaense, que só possui o curso de graduação em duas universidades: a Universidade Estadual de Londrina e a Universidade Estadual de Maringá.

Como forma de contornar essa situação, a SME decidiu que os bibliotecários seriam centralizados na sede da GBFS, e realizariam as atividades relativas ao processamento técnicos, de todas as unidades – não apenas dos faróis, mas também das bibliotecas escolares. Os profissionais efetivamente alocados nos faróis, que são responsáveis pelo atendimento ao público e manutenção das atividades são denominados “agentes de leitura”, e são, em geral, professores concursados da Rede Municipal de Educação da cidade de Curitiba.

A seleção do profissional que virá a ser agente de leitura nas unidades deve levar em consideração algumas características que podem auxiliá-lo no sucesso de sua futura empreitada; estas reunidas formam um perfil “ideal”, a que os profissionais interessados serão comparados e considerados compatíveis ou não. Os documentos e relatórios da SME apresentam algumas observações sobre esses atributos, que variam de acordo com o período que o relatório foi redigido; mas duas qualidades podem ser ressaltadas como comuns a todos os relatórios: o gosto pela leitura e o bom relacionamento interpessoal:

O gosto pela leitura é básico a ser levado em conta, pois aos apaixonados pela leitura, o livro não se apresenta como um mero produto, mas sim, como um objeto cultural, gerador de conhecimento e prazer aos leitores. [...]. Outra característica a ser considerada é a facilidade de a pessoa em se relacionar com o público de forma dinâmica e eficiente, passando uma boa imagem do Farol do Saber. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 1994a, p.4)

O gosto e até mesmo a paixão pela leitura define o perfil básico a ser levado em conta na escolha deste pessoal, pois a socialização do valor da leitura é impossível de ser realizada por alguém que não gosta de ler. Nota-se que aos apaixonados pela leitura, o livro se apresenta como um objeto cultural, gerador de conhecimento e prazer. Outra característica a ser considerada é a facilidade de a pessoa em se relacionar com o público de forma dinâmica e eficiente, passando uma boa imagem da biblioteca. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2001, p.9-10)

A capacitação desses profissionais é valorizada, de forma a adequá-los às funções que os esperam no cargo, “Uma vez que não basta que o indivíduo tenha os requisitos necessários

para a função, é preciso que se faça um treinamento objetivando o ajuste indivíduo/função, por meio de uma capacitação dirigida ao trabalho que irá fazer” (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2001, p.10).

O relatório de 2001 apresentou escopo mais elaborado e explicações um pouco mais detalhadas sobre as funções. Aqui já é explícita a especificação dos bibliotecários como equipe centralizada responsável pelas tarefas técnicas de biblioteconomia; e os agentes de leitura, de formação variada, como responsáveis pelo atendimento ao público. Dentre as atividades elencadas para cada a função de bibliotecário, estão: o processamento técnico (seleção e aquisição de acervo, representação descritiva e classificação, e automação da rede); a restauração de livros, quando necessária; e o auxílio nas programações culturais, no que tange a organização e seleção de acervo.

Já as atividades para os agentes de leitura têm escopo mais abrangente:

a) Atendimento ao público:

- Organização de sistemas de empréstimo;
- Conferência e controle do empréstimo;
- Serviço de referência;
- Auxílio a consultas e pesquisas bibliográficas.

b) Divulgação e desenvolvimento de atividades e eventos, tais como:

- Hora do conto;
- Dramatização;
- Concursos de contos e poemas;
- Exposição de trabalhos;
- Programação de atividades para as férias;
- Exposição de livros novos, de fatos históricos ou fatos da atualidade;
- Jornal comunitário (mural ou impresso);
- Atividades com uso de dicionários e enciclopédias;
- Palestras e entrevistas;
- Lançamentos de livros;
- Digitação em geral;
- Arquivamento em geral, etc.;

- Cursos relacionados a leitura, escrita e internet.

c) Agendamento de horários para uso da internet.

(PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2001, p.12-13)

Os resultados das ações dos Faróis do Saber são acompanhados pela gerência da RMBE:

Os principais resultados qualitativos são observados na produção artística e cultural, no relato de experiências, na observação das produções com análise e comparação de habilidades, na maior procura e acesso ao livro e no desenvolvimento de potencialidades de leitura dos usuários e dos demais envolvidos. Esses resultados provêm de avaliações informais realizadas pelos agentes de leitura, pedagogos e diretores das unidades, através de relatos e observações. (PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA, 2010, p.VII)

O monitoramento das ações resultantes das atividades de cada Farol é efetuado por observação *in loco* e através dos relatórios preparados pelos agentes de leitura; mas não foi localizada a especificação sobre avaliação do profissional já alocado, ou os resultados esperados de sua atuação junto à comunidade. Esse relatório de acompanhamento é gerado pelo Núcleo Regional em que o Farol está localizado, no caso dos Faróis de Escola, e pela GBFS, no caso dos Faróis de Praça e Especiais.

Os Faróis do Saber foram concebidos como solução para a centralização de informações notada na época, quando havia apenas uma biblioteca pública na cidade de Curitiba (a Biblioteca Pública do Paraná, mantida pelo governo estadual). Hoje, os Faróis são especificados de acordo com sua localização e público, mas todos concedem acesso a livros físicos e a computadores com internet. Os agentes de leitura são o ponto focal do sucesso a iniciativa, orquestrando as atividades e auxiliando a comunidade no suprimento de suas necessidades informacionais.

5.2 ANÁLISE DA ENTREVISTA

A entrevista com o responsável pela Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber foi fundamental para o entendimento do funcionamento e dos mecanismos públicos para o manutenção da instituição. A análise de informações da entrevista explicita a relevância dos Faróis do Saber para a cidade de Curitiba.

Agregar a comunidade é a principal missão dos Faróis, segundo seu gestor; tal missão inclui ainda a disponibilização de títulos, a promoção de projetos ativos e assegurar acesso à internet completam a função das unidades. Para ele, o sucesso da iniciativa e sua longa continuidade podem ser creditadas ao projeto, inovador e realista e, em especial, ao sentimento de pertencimento que o ambiente proporciona, ainda hoje, aos cidadãos curitibanos. Nas palavras do gestor:

Por mais que a gente saiba que hoje muitas pessoas já têm seu próprio computador em casa, maior acesso à informação pelo meio digital ou até mesmo poder de compra, acesso maior a livrarias, eu percebo que ainda existem pessoas que se sentem atraídas **por algo que é seu**. O Farol do Saber representa muito aquela comunidade, então existe uma questão de pertença por parte dos cidadãos que estão em volta (informação oral)¹⁸.

A gestão dos Faróis é compartilhada: são 32 faróis em escola, administradas pelas unidades escolares com respaldo da Secretaria Municipal de Educação através dos Núcleos Regionais de Educação; os 9 faróis em praça juntamente com os 3 faróis especiais são responsabilidade exclusiva da secretaria do Gestor. Por conta dessa divisão administrativa, manter a unidade do sistema e dos objetivos dos faróis como rede colaborativa é um desafio. A responsabilidade financeira das unidades escolares também fica a cargo de sua equipe diretiva, mesmo que ocasionalmente haja aporte da GBFS; em geral, a programação padrão de manutenção da escola já inclui a manutenção do Farol nela instalado.

Sobre a questão acerca da cooperação institucional, o gestor explicou que cada Farol possui autonomia para estabelecer suas próprias parcerias com outras instituições, públicas ou

¹⁸ Todas as citações verbais desta seção (5.1) são excertos da entrevista do Gestor dos Faróis para a presente pesquisa (Entrevista I. [mar. 2016]. Entrevistadora: Paulla Rosane Pereira. Curitiba, 2016. 1 arquivo .mp3 (146 min.). O roteiro da entrevista encontra-se no Apêndice E.

privadas, através de um Termo de Cooperação Técnica. O gestor apresenta como exemplo um projeto a ser implantado em um Farol no bairro Santa Felicidade, em conjunto com os alunos de arquitetura da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC PR), para revitalização da unidade; e uma parceria com o Serviço Social da Indústria (SESI PR), para fomentação de leitura em quatro unidades da rede, escolhidas através de estudo da vulnerabilidade social do local.

Apesar de tentar manter certo nível de isonomia entre Faróis de Praça e de Escola, o gestor assume que projetos e ações implementadas dos faróis escolares surtem maior efeito na comunidade, por atingir um maior número de pessoas com regularidade. A interação com a escola já oferece um público frequente, enquanto nos Faróis de Praça o profissional responsável precisa elaborar atividades que ele acredita serem de interesse da comunidade do entorno. É visível então o encargo do agente de leitura lotado na unidade em praça, que precisa ir de encontro ao seu público. Alguns exemplos de atividades são relatados:

Dependendo da região onde ele [o Farol do Saber de praça] está, algumas agentes de leitura precisam traçar estratégias até muito mirabolantes. Eu tenho um Farol que tem um posto de saúde ao lado; não tem escola, então é com o posto de saúde que elas vão fazer parceria. Elas vão até o posto de saúde, em algum momento, e trazem uma palestra sobre saúde para dentro do Farol... a ideia é tentar agregar a comunidade que esteja ali próximo. Outro Farol, por exemplo, que faz ações culturais, com música e contação de história, com a terceira idade durante a semana. O bairro, Santa Felicidade, tem um grande número de idosos concentrados, então as agentes de leitura fazem essa composição (informação oral).

Através do excerto supracitado é perceptível a forma enfática com que o gestor percebe a imagem do Farol como componente ativo da construção social.

O gerente aponta como característica de sua coordenação a preocupação em manter o foco do projeto inicial (o oferecimento de um espaço dinâmico, com acervo e acesso digital), ao mesmo tempo em que torna o ambiente mais dinâmico para acompanhar as evoluções sociais que ocorrem ao longo do tempo. Outras características apontadas foram o destaque na elaboração de projetos, a revitalização física dos Faróis – pela primeira vez desde sua inauguração – e o estabelecimento de um caderno pedagógico (documento que orienta os processos dos Faróis no apoio ao desenvolvimento de atividades de cunho pedagógico) para nortear os profissionais no desenvolvimento de atividades.

Os principais desafios apontados pelo gestor, foram a manutenção e a revitalização dos espaços. A divisão de responsabilidades pelos Faróis (parte da Gestão de Bibliotecas e Faróis

do Saber e parte ligados à Secretaria Municipal de Educação) torna difícil a equidade de tratamento da estrutura física e de acervo entre os Faróis, pois há discrepâncias na visão das necessidades prementes. A aquisição de acervo, por exemplo, possui muitas variáveis a serem consideradas, que mudam de uma unidade para outra. A profissionalização dos agentes de leitura é outro ponto delicado considerado um problema pela gestão: por não serem profissionais da área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, e sim profissionais do magistério, a dificuldade em lidar com alguns aspectos informacionais do espaço é evidenciada. Há apoio centralizado por parte de um pequeno grupo lotado na Secretaria, mas o impacto é diferente desse profissional estar efetivamente dentro do espaço em seus momentos de uso.

O segundo bloco de questões visou a caracterização e diferenciação dos tipos de faróis. O gestor lembrou que apesar de serem separados em seu atendimento inicial – os Faróis de Praça voltados para a comunidade e os de escola aos discentes – é efetuado um esforço para que ambos os faróis atendam aos dois tipos de público. Novamente ele nota que os Faróis de Escola são mais movimentados com uma demanda maior em termos de preocupação estrita com desenvolvimento dos pequenos leitores (recomendação escolar, livros para séries específicas); atendimentos para grandes grupos em cada intervalo de aulas; e ainda há demanda da comunidade, e inclusive de alunos de outras escolas circundantes. As atividades precisam ser minuciosamente planejadas para atender ao objetivo da biblioteca escolar.

Para elaboração e desenvolvimento das práticas nas unidades escolares, há o gestor da informação responsável, lotado no NRE; para os Faróis de Praça, a equipe de projetos culturais é a do GBFS. Segundo o gestor, há uma parceria, e na medida do possível, os gestores dos núcleos e a equipe das praças tentam manter contato, inclusive visitando as unidades vizinhas para conferir rotinas que possam ser replicadas. Ele descreve uma iniciativa de reunir os responsáveis pelos faróis com certa regularidade para troca de experiências e sugestões de novas atividades – até porque, o desenrolar dessas tarefas depende da resposta da comunidade de cada unidade, ou seja, há diferenças na execução para adaptar ao seu público.

As unidades estão conectadas nominalmente (como sugere o título “Rede de bibliotecas”), e pela rede informática, que é integrada; as atividades em conjunto são estimuladas, mas nem sempre efetivadas, principalmente por questões de logística.

Ao ser perguntado sobre os projetos que estão sendo executados no momento da entrevista, o gestor não pôde conter os sorrisos, explicitando sua satisfação. Ele destaca o

“Projeto Vestibular”, que consiste na leitura guiada, em grupo, das obras cobradas no vestibular da Universidade Federal do Paraná (UFPR); e as parcerias com os Centros Municipais de Educação Infantil (CEMEIs), que ocorrem em diversos faróis, e têm por objetivo aproximar as crianças dos livros desde os dois anos de idade.

A disponibilização de tecnologias de forma gratuita faz parte do projeto original dos Faróis; segundo o gestor, “os Faróis do Saber já foram pensados justamente para congregiar todos os tipos de dispositivos informacionais e possibilitar o acesso e o aprendizado como um todo”. Ele lembra também que tecnologias de informação não estão apenas no acesso ao computador, mas na oferta de vídeos, filmes, músicas, e outras mídias menos óbvias. O acompanhamento do uso dos computadores é um dos problemas apontados; a Secretaria aguarda o desenvolvimento de uma forma de verificação do conteúdo acessado, tanto para coibir acessos indevidos (em especial em sites que constriam outros usuários) quanto para levantamentos estatísticos de uso.

As questões sobre o corpo de colaboradores estavam elencadas no terceiro bloco da entrevista. O quadro é formado pelos agentes de leitura, os gestores dos NREs, alguns estagiários de ensino médio e pelas bibliotecárias alocadas na central da GBFS, lideradas diretamente pelo gestor. Por serem poucas profissionais para muitas unidades, seu trabalho é centralizado na sede, onde efetuam o processamento técnico e o desenvolvimento do acervo, realizando visitas periódicas às unidades para tratar do desbaste e auferir a necessidade de renovação.

Um aspecto muito enfatizado pelo gestor é o motivo da alocação do funcionário no Farol. Ao responder à questão sobre a escolha e alocação dos agentes de leitura (questão 18), ele observa que a biblioteca é um espaço comumente associado aos professores que não querem mais ministrar aulas, ou estão sofrendo com alguma enfermidade, e ainda, em vias de aposentar. Como o gestor fez questão de comentar, essa é a receita para o fracasso nos Faróis, em especiais nos de Escola:

Existem profissionais que querem deixar a sala de aula para ir para o Farol do Saber achando que vão ver menos crianças, e essa é a maior prova de que o profissional não está apto a atuar lá. Porquê? Quando ele é professor na sala de aula, ele tem aquela turma, durante aquele ano; estando no Farol do Saber ele terá todas as turmas, toda semana [risos], durante todo o ano. E terá que desenvolver ações com todas elas, e muitas vezes as ações vão se repetir, porque tem escolas que tem quatro primeiros anos [quatro turmas de primeiro ano de ensino fundamental], e é a mesma ação para todas as turmas (informação oral).

Assim, o nível de exigência de um profissional no Farol é muito maior do que em sala, e não menor, como alguns professores e diretores de unidades imaginam em um primeiro momento. Os Faróis de Praça abrigam os agentes de leitura mais antigos, alguns presentes desde a implantação do projeto; na abertura dos Faróis, explica o gestor, eram identificadas características específicas de acordo com o Farol. A segunda língua, por exemplo, era requisito nos Faróis especiais, devido ao grande número de turistas atendidos – assim como habilidades sociais de atendimento ao público.

Apesar de ver um problema na alta rotatividade dos profissionais, o gestor procura ver o lado positivo deste fato: devido à grande quantidade de treinamentos ministrados, muitos professores da rede municipal de ensino foram minimamente capacitados em um curto período, potencializando especialmente o trabalho da biblioteca escolar. Este argumento é destacado por ele:

A gente estava chegando em um ponto em que a gente estava formando a rede toda [risos]. Eu dizia ‘Olha só, que legal, vamos olhar pelo lado positivo: todos os professores estão entendendo o que é uma biblioteca escolar, como é o trabalho da biblioteca escolar’, e ele começa a se ver como agente de leitura, e como é que ele tratava esse agente de leitura (informação oral).

É relevante comentar que o gestor aponta que a presença de bibliotecários nos Faróis seria o procedimento correto, tanto pelo projeto inicial quanto pela legislação vigente no país. Apesar disso, ele também lembra que há vantagens em ter professores nesse cargo, como a prática em lidar com o público infanto-juvenil e o conhecimento em literatura trazido das práticas escolares.

O processo de seleção ocorre entre os profissionais que se ofereceram ao cargo, incluindo seu nome em um banco de profissionais utilizado pela secretaria. Dois fatores relevantes são o perfil pessoal do candidato em relação ao Farol escolhido (em comparação ao perfil identificado da comunidade atendida) e a facilidade do profissional de chegar ao Farol indicado. Outras características são consideradas relevantes, como certo dinamismo e maleabilidade para lidar com as diversas situações comuns em espaços públicos com público heterogêneo.

Os profissionais escolhidos para ocuparem os Faróis têm à sua disposição três tipos essenciais de treinamentos e possibilidades de formação: a formação nos núcleos (formação oferecida dentro de cada Núcleo Regional), o Centro de Formação Continuada (mantido pela

Secretaria Municipal de Educação, para todos os profissionais de educação da cidade), e as parcerias com outras instituições. Conforme explicação do gestor, respondendo à questão sobre treinamento dos agentes (questão 18), a formação específica dos Núcleos é planejada para acontecer continuamente durante o ano, e engloba atendimento ao público, formação em gêneros literários e linguagens; aqui, os formadores são a própria equipe interna. O Centro de Formação Continuada, localizado na sede da SME, oferece cursos de temas mais abrangentes, como educação infantil, elaboração de mangás, técnica vocal, pintura etc. São cursos não obrigatórios, frequentados de acordo com o interesse e a disponibilidade dos profissionais, ministrados por convidados e que emitem certificados de participação. O terceiro tipo é a realização de parcerias com instituições de ensino superior para a concessão de descontos em cursos de pós-graduação para os servidores interessados.

Em complemento a essa resposta, o Gestor enumera três competências específicas que ele almeja que todos os agentes de leitura possam desenvolver através de capacitações: a formação específica em literatura infanto-juvenil e infantil (incluindo contação de história); o desenvolvimento de projetos culturais, desde a captação de recursos e estabelecimento de parcerias até a implantação e prática; e uma capacitação mínima em conhecimento técnico de biblioteconomia, como a organização e os códigos de classificação – apontados como cerne de dificuldades para a maioria dos agentes atuais.

O acompanhamento dos profissionais é efetuado através da observação das práticas e da participação nas reuniões (segundo o entrevistado, o planejamento de 2016 prevê reuniões quinzenais nos NRE, e visitas mensais para os Faróis de Praça); ali é verificada a necessidade de treinamento, acompanhamento mais próximo, ou mesmo uma possível transferência de unidade ou remoção do cargo.

O gestor entende que o profissional alocado no Farol precisa compreender a importância de seu trabalho naquela comunidade para conduzir seu trabalho com mais satisfação e realização pessoal. Respondendo à pergunta 25, que trata sobre o nível de satisfação do agente de leitura do Farol, ele exprime:

Se esse profissional entende que ele é um mediador, que é ele quem vai proporcionar essa abertura de olhos por meio daquilo que aquele autor pensou no livro; é a partir do momento em que, se ele consegue enxergar que ele é essa ponte e que vai proporcionar que essa criança seja escritor da sua própria história, a partir de conversas com outras pessoas que elas muitas vezes nem conhecem, mas que estão pensando como ela, ou que estão discordando dela, ou que fazem ela sair daquela zona de conforto... a partir do momento que ele entende que esse é o papel dele e que ele

sabe como fazer, ele não quer mais largar. Entende? Ele não quer mais sair, por mais difícil que esse trabalho seja (informação oral).

Questionado sobre a ênfase que dá ao público jovem, em detrimento do adulto, o gestor comentou que a relação é semelhante, e que o enfoque no jovem é devido à generalização comum pela quantidade de Faróis em Escolas. O público adulto busca um acolhimento maior e, muitas vezes, estabelece relações de amizade com os agentes de leitura dos Faróis que frequenta.

A entrevista tornou óbvio o entusiasmo do Gestor pelo Equipamento da prefeitura da cidade, em especial quando ele narra a relação que construiu com os Faróis desde a educação básica. Ele demonstra ter ainda muitas ideias e um esforço concentrado para dinamizar e popularizar ainda mais os espaços.

Pudemos confirmar, através da entrevista, um importante aspecto previamente observado sobre os Faróis: eles realmente foram implantados para assumirem o papel de bibliotecas públicas e bibliotecas escolares para suas comunidades. O gestor, através de sua própria definição para os espaços e da distribuição das atividades entre eles, corrobora com essa percepção. Mas não apenas isso; seu posicionamento como centro de informação e cultura para os usuários transpassa e complementa os objetivos básicos das bibliotecas no sentido tradicional. Também é evidente sua posição como centro de acesso às tecnologias de informação, acumulando a função que em outras cidades pode ser atribuída aos Telecentros¹⁹. As palavras do gestor corroboram nossa impressão inicial sobre o peso dos Faróis do Saber no desenvolvimento da competência em informação e dos valores ligados à cidadania da comunidade.

5.3 ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

A análise seguirá, tanto quanto possível, a ordem dos itens conforme apresentados no questionário. Iniciaremos com a estrutura dos Faróis, seguido pelos dados de acesso às TICs e as atividades culturais implementadas no espaço; na sequência serão apresentadas as análises

¹⁹ Sobre os Telecentros, Cf: . Barreto, A. M.; Paradella, M. D.; Assis, S. Bibliotecas públicas e telecentros: ambientes democráticos e alternativos para a inclusão social. **Ci. Inf.**, Brasília, v.37, n.1, p.27-36, 2008.

referentes à competência em informação dos agentes de leitura, suas opiniões sobre alguns tópicos previamente selecionados e seu perfil, pessoal e profissional.

Devemos ressaltar que havia, no questionário inicial, a previsão de perguntas específicas para os Faróis em escola, com objetivo de identificar as características próprias em sua dupla função, de atendimento público ao público geral e como biblioteca escolar. Devido ao baixo retorno obtido por parte deste tipo de farol estes aspectos não serão analisados.

5.3.1 Estrutura e atendimento dos Faróis

Na Tabela 1 apresentamos a distribuição dos faróis por Unidade Regional da cidade de Curitiba:

Tabela 1 - Agentes de leitura respondentes da pesquisa, por Unidade Regional da cidade de Curitiba.

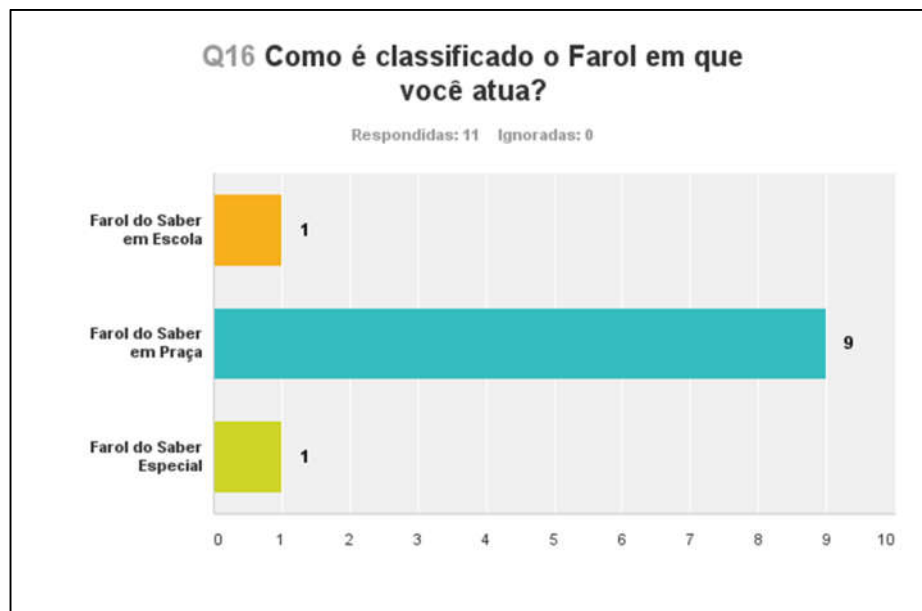
FARÓIS RESPONDENTES POR REGIONAL	
Regional	Frequência
Bairro Novo	1
Boa Vista	2
Boqueirão	1
Cajuru	0
CIC	2
Matriz	1
Pinheirinho	1
Portão	2
Santa Felicidade	1
Total	11

Fonte: Dados da pesquisa

Os dados acima revelam que a quase totalidade das regiões administrativas foram abrangidas no levantamento. As regionais Boa Vista, CIC e Portão apresentaram maior frequência de respondentes (dois para cada regional); a regional Cajuru não apresentou respondentes – é válido apontar que tal regional não dispõe de Farol em Praça, nem Faróis especiais.

A seguir, no Gráfico 1, destacamos a distribuição dos dados levantados por tipo de farol, mostrando que a concentração dos casos se dá nos Faróis de Praça, e que, portanto, a análise se refere basicamente a eles.

Gráfico 1 - Tipos de Farol do Saber. Faróis do Saber de Curitiba - 2016

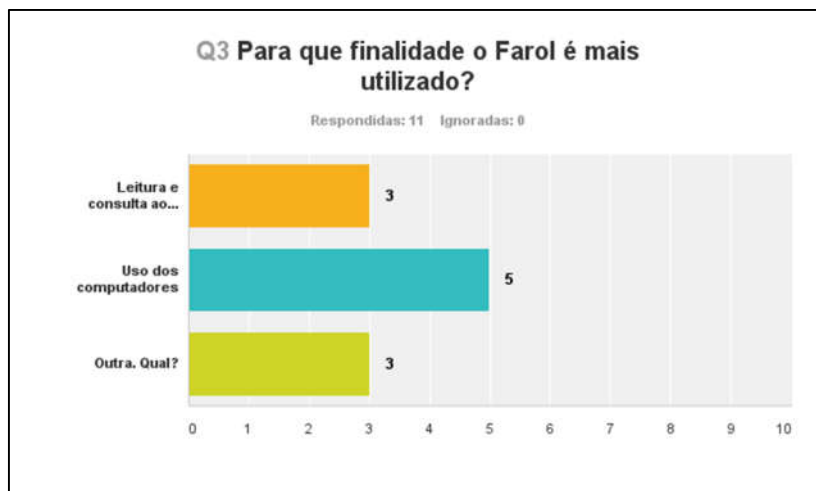


Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados mostram que são realizados nos Faróis cerca de 40 atendimentos diários; apenas um Farol indica uma grande quantidade de usuários, superando os 100 atendimentos/dia. Averiguando essa discrepância em relação aos outros Faróis, observamos que o equipamento em questão é o Farol em Escola, o que sugere um aspecto de diferença entre os dois tipos de faróis o que é, de certa forma esperado, visto que todos os alunos da instituição possuem acesso e atividades ligadas à biblioteca.

Achamos interessante sondar também o motivo da frequência do público ao Farol. São disponibilizados o acervo físico e o acesso gratuito a computadores e internet; os resultados indicam que grande parte do público frequenta o ambiente para acessar internet e fazer uso dos computadores, enquanto um público menor tem por objetivo o empréstimo e uso do acervo. A observação é confirmada pelas respostas obtidas à pergunta sobre finalidade de frequência na visão dos agentes de leitura, conforme o Gráfico 2 a seguir:

Gráfico 2 - Finalidade de uso dos Faróis. Faróis de Saber de Curitiba - 2016

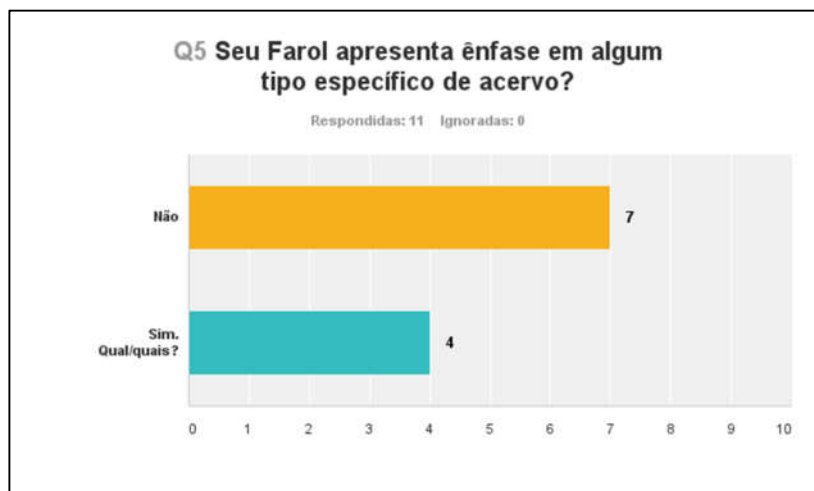


Fonte: Dados da pesquisa

A finalidade de uso com maior frequência, segundo os respondentes é o acesso aos computadores, sendo a finalidade de leitura e uso do acervo menos mencionada. Dos três Faróis que responderam “Outra finalidade”, dois alegaram que há equivalência na procura entre os serviços de acervo e acesso digital; e um indicou da frequência às atividades culturais. Os faróis parecem ter como principal função o acesso às TICs para a comunidade a que servem.

Sobre o acervo físico, questionamos os agentes sobre suas coleções, solicitando que nos apontasse se o Farol enfatiza alguma área de conhecimento; a resposta está apresentada no Gráfico 3.

Gráfico 3 - Ênfase do acervo do Farol. Faróis de Saber de Curitiba - 2016



Fonte: Dados da pesquisa

A maior quantidade dos entrevistados considera que não há especificidade nos seus acervos. Dos quatro Faróis que indicaram possuir acervo com ênfase em algum gênero literário, 3 responderam em literatura (infantil, juvenil e adulta) – o que, na realidade, é comum a todos os Faróis. Um Farol respondeu que a ênfase é em literatura oriental, característica do Farol do Saber Especial.

5.3.2 Disponibilidade e uso das TICs

Uma das propostas do Farol é que ele seja um centro de acesso público e gratuito ao computador e a internet, e uma das indagações desta dissertação é o papel dessas instituições no acesso e uso das TICs pela comunidade. As questões de 6 a 14 são referentes à disponibilização e ao uso das ferramentas tecnológicas oferecidas nos referidos equipamentos.

O número de computadores disponíveis nos Faróis é exposto na Tabela 2:

Tabela 2 - Computadores disponíveis aos usuários. Faróis do Saber de Curitiba - 2016

Q6: Indique o número de computadores disponíveis para os usuários do seu Farol	
Número de computadores	Frequência
0	1
7	6
8	3
10	1
Total	11

Fonte: Dados da pesquisa

As respostas obtidas revelam que há concentração de Faróis com 7 computadores para os usuários. A análise de dados permitiu identificar que o farol que não disponibiliza computadores, aparentemente contrariando um dos principais objetivos do projeto, é um Especial; mas não descobrimos relação aparente do tipo de Farol e a oferta ou não de computadores. Com relação a este fato, convém destacar que as análises das questões relativas ao uso do computador não contarão com 11 respondentes, mas apenas 10.

Conforme informado na entrevista com o gestor, o uso do computador é realizado através de agendamento. A localização dos computadores impede que o acesso seja realizado sem a observação dos agentes de leitura e/ou estagiários, e o acesso se dá mediante a marcação do código de usuário no computador de controle – o chamado “agendamento”. Cada agendamento dura uma hora, podendo ser renovado indefinidamente caso não haja usuários na fila de espera. Solicitamos aos agentes que nos apontassem a média diária de uso do computador, e averiguamos que diariamente cada Farol realiza, em média, 32 agendamentos.

As tecnologias de comunicação e informação não se resumem ao computador; assim, a questão 7 visa descobrir se há outros tipos de equipamento tecnológico sendo dispostos aos usuários dos Faróis (Tabela 3):

Tabela 3 - Equipamentos tecnológicos disponíveis para usuários. Faróis do Saber de Curitiba - 2016

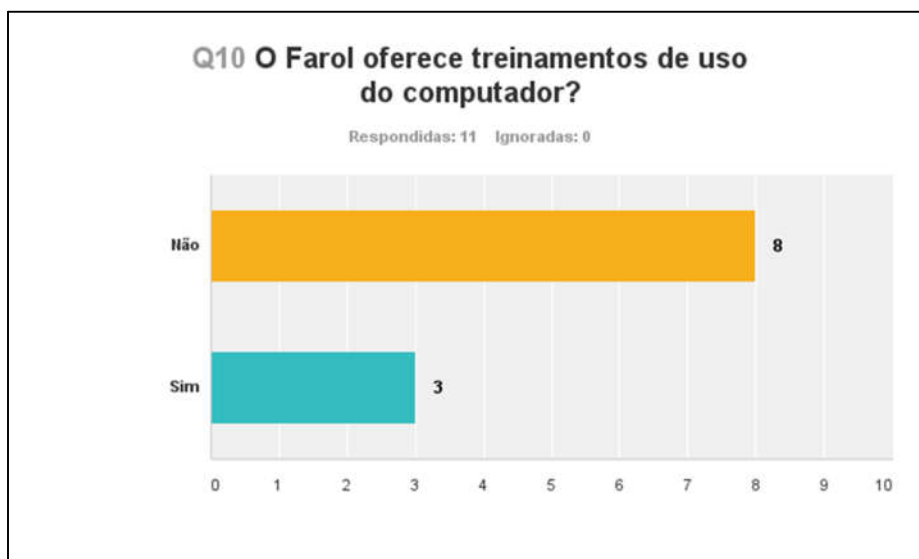
Q.7: Seu Farol disponibiliza outros equipamentos tecnológicos para os usuários?	
EQUIPAMENTOS	Frequência
Não	4
Sim.	6
Total	10

Fonte: Dados da pesquisa

Dos Faróis que indicaram possuir outros equipamentos, seis indicaram a oferta de impressoras para uso do público (duas são indicadas como multifuncionais incluindo fotocópia e escaneamento); e uma unidade indica que possui televisão. Este investimento em equipamentos é sem dúvida uma informação positiva, sugerindo que os Faróis atentam às necessidades dos usuários no que se refere ao uso de equipamentos TIC.

Sobre o apoio do Farol à comunidade que utiliza os serviços de tecnologia, selecionamos as questões 10 e 11, que abordam o oferecimento de treinamentos aos usuários (Gráfico 4). Esses treinamentos tinham grande importância e ampla procura no início do projeto, época em que poucas pessoas possuíam um computador pessoal. A evidência de treinamento também responde às questões desta pesquisa sobre a contribuição dos faróis para a aquisição de competência em informação por parte dos usuários.

Gráfico 4 - Oferecimento de cursos de treinamento de informática. Faróis do Saber de Curitiba - 2016



Fonte: Dados da pesquisa

Os dados do Gráfico 4 sugerem que não há atualmente ênfase neste tipo de atuação dos Faróis. Entre os três Faróis que responderam que oferecem treinamentos, todos indicaram que o público principal abrange os usuários da terceira idade, que o treinamento é ministrado pelo próprio agente de leitura e o conteúdo do curso é a informática básica (uso de editores de texto e acesso básico à internet).

O próximo critério pesquisado, descrito na Tabela 4 a seguir, é o papel do agente de leitura no apoio ao uso da internet:

Tabela 4 - Auxílio do agente de leitura no uso da internet. Faróis do Saber de Curitiba - 2016

Q.14: O agente de leitura costuma ser solicitado para auxiliar no uso da internet?	
Resposta	Frequência
Não	2
Sim.	9
Total	11

Fonte: Dados da pesquisa

Apesar da maioria dos Faróis não oferecer cursos estruturados, os agentes são solicitados pelos usuários em auxílios pontuais. Os dados sugerem, assim, que apesar de não haver treinamento formal no uso das TICs, os agentes de leituras são solicitados a orientar os usuários no uso da internet, exercendo, portanto, papel na habilitação do uso das TIC. Apenas dois agentes responderam que não costumam ser solicitados; 8 indicaram que sim, os usuários precisam de ajuda para uso da internet, e que as principais dúvidas se referem à impressão de objetos selecionados na internet e à procura por sites. As atuações dos agentes na busca por informações indicam que há demanda por ações que podem contribuir para o desenvolvimento da competência em informação dos usuários. Assim, os agentes de leitura ou estão de fato habilitados para essa tarefa ou necessitam de treinamento para exercê-la.

A Tabela 5, a seguir, mostra se os agentes percebem se o Farol como o único local de acesso ao aparelho que os usuários possuem. Buscamos, assim, conhecer o perfil social refletido na disponibilidade de infraestrutura em TIC dos usuários.

Tabela 5 - Uso dos computadores como acesso único dos usuários. Faróis do Saber de Curitiba - 2016

Q.9: Você acha que os computadores do seu Farol têm sido utilizados por pessoas da comunidade que não têm facilidade de acesso em outro local?	
Resposta	Frequência
Não	3
Sim.	8
Total	11

Fonte: Dados da pesquisa

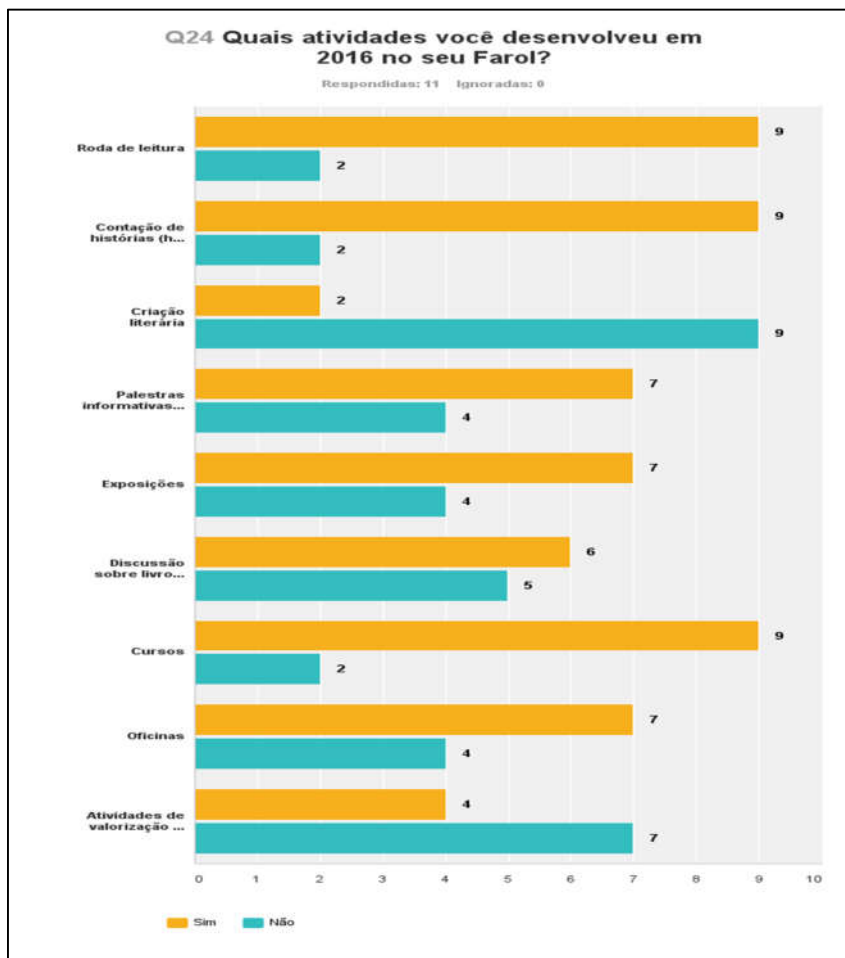
As respostas obtidas reforçam a ideia de que os Faróis têm papel destacado junto a comunidade com poucos recursos tecnológicos, provavelmente, portanto, de nível social desfavorecido: grande parte dos respondentes indicou acreditar que o computador do Farol é seu único acesso ao aparelho. Dentre esses, foram indicados como usuários frequentes: adultos em busca de emprego e de baixo nível socioeconômico; e crianças e adolescentes da comunidade, que utilizam o computador especialmente para jogos.

A percepção dos agentes de leitura sobre as diferenças entre usuários do sexo masculino e feminino no uso dos computadores mostra que, como aponta a literatura sobre gênero no uso da internet, que é percebida a predominância masculina por uso do computador, sendo o interesse por jogos a principal motivação mencionada por 5 dos respondentes. Houve também uma menção de que parece haver predominância feminina por conteúdos culturais.

5.3.3 Atividades implementadas nos Faróis

As próximas tabelas apresentadas, buscam descrever as atividades culturais desenvolvidas nos Faróis, pois, conforme anteriormente apresentado, esta é uma das propostas básicas dos Faróis. O Gráfico 5 apresenta o resumo das atividades:

Gráfico 5 - Atividades desenvolvidas pelos agentes de leitura em 2016. Faróis do Saber de Curitiba - 2016



Fonte: Dados da pesquisa

Observação: a última variável do gráfico acima encontra-se cortada, prejudicando o entendimento. A frase completa é “Atividades de valorização da cultura local”.

As três atividades mais frequentes nos Faróis respondentes são as rodas de leitura, a contação de histórias e o oferecimento de cursos, que 9 em 11 Faróis alegam ter implementado pelo menos uma vez durante o ano de 2016. Estas atividades indicam que os faróis dão ênfase nas atividades que visam o desenvolvimento do hábito de leitura, uma das questões propostas. A referência igualmente destacada a cursos, palestras informativas e oficinas sugere que há também ênfase em outros tipos de ações que podem responder a anseios informacionais da comunidade.

Com relação às ações voltadas para o desenvolvimento de hábitos literários, observamos pouca ênfase na atividade de criação literária que é uma ferramenta importante no

aprimoramento da capacidade de escrita (redação) e na assimilação do conteúdo lido e/ou ouvido, desenvolvendo a criatividade, o senso crítico e a memória dos usuários; porém, é uma atividade trabalhosa, pois requer a participação ativa do público e habilidades interpessoais que envolvem prática pedagógica e gerenciamento de pessoas. Os faróis poderiam empenhar-se mais em tais atividades, assim como em ações que explicitem a cultura local, como meio de fomentar a cidadania dos usuários através do conhecimento (e reconhecimento) das práticas culturais locais.

As respostas obtidas sobre atividades que os agentes executaram, e que valorizam como relevantes, se concentraram em torno de duas atividades: a contação de histórias e a Semana Literária, também chamada Semana Cultural, idealizada pela GBFS e realizada com todos os Faróis pelo segundo ano consecutivo (mas o primeiro ano em que abrange todas as unidades da rede):

[Atividade] Conte um Conto, onde as crianças se fantasiam e elas mesmas contam histórias para as outras (Respondente n.9)

Os alunos gostam de participar das ações de contação, e esperam sempre encontrar a figura da bruxa, que é uma das agentes de leitura que se fantasia no Farol (Respondente n.1)

Semana Literária; sobre Chiquinha Gonzaga (Respondente n.6)

Com certeza a Semana Cultural com os professores da Rede, experiência nova e muito proveitosa. (Respondente n.3)

As atividades mencionadas mostram ênfase em leituras e em cultura em geral. Houve uma atividade que gostaríamos de destacar em relação às apresentadas:

“Dois bonecos de festa junina foram colocados na praça para escolha de seus nomes, atraiu muita gente ao farol e pretendemos repetir com outros personagens” (Respondente n.8)

A referida atividade é um exemplo de proatividade e de tentativa de mobilizar a comunidade na definição de ações do farol. Exemplifica também autonomia dos agentes para selecionar e implementar os projetos culturais.

Sobre o uso do Farol pela comunidade do entorno em atividades de interesses próprios (não sugeridos pela instituição, e sim por iniciativa da própria comunidade) houveram 6 respostas negativas e 5 positivas, indicando que a população faz menos uso do espaço de forma independente do que o esperado, o que nos remete as observações de Miranda que enfatizou a importância da biblioteca pública como espaço social que deveria ser apropriado pela

comunidade. Dentre o porquê das respostas negativas, os agentes destacaram o desinteresse do público; e a não utilização do espaço por desinformação do próprio agente de leitura responsável:

As pessoas vêm na praça tirar fotos do prédio, mas não se interessam tanto pelo Farol – principalmente porque não temos computadores (Respondente n.10)

Não houve procura (Respondente n.6)

Necessitamos de liberação [da Secretaria de Educação] por ser um órgão público (Respondente n.11)

A resposta emitida pelo Respondente n.11 não parece condizente com as informações obtidas sobre os Faróis e com algumas iniciativas apontadas nos questionários. Os Faróis parecem usufruir de autonomia em propor e agendar suas atividades, inclusive solicitadas pelo público. Uma respondente demonstrou o interesse do agente em modificar a situação ante à negativa:

Esse ano ainda não foi usado [o espaço, por solicitação da comunidade]. Eu comecei a trabalhar aqui tem apenas 4 meses... mas acredito que já tenha sido utilizado em anos anteriores. A equipe aqui é nova e estamos buscando parcerias para realização de diversas atividades (Respondente n.3).

As respostas positivas à procura espontânea pela população indicam que o local é usado como espaço para reuniões e oferecimento de cursos:

Principalmente a reunião da Associação de Moradores do bairro (Respondente n.8)

Curso de conhecimento Gnosis e curso de cultivo de plantas (Respondente n.7)

À pergunta sobre se eles gostariam de propor alguma nova atividade cultural, ainda não implementada em seus Faróis (questão 28). Apenas 3 responderam que sim e deram como sugestões:

Debates com professores (Respondente n.4).

Cinema no Farol, palestras com profissionais da saúde, encontro com escritores... (Respondente n.3).

Algumas oficinas de interesse da comunidade (Respondente n.2).

É interessante especular se o baixo número de propostas de novas atividades deve-se ao número já diversificado de atividades implementadas ou se há outra explicação para tal, como falta de interesse, falta de iniciativa ou de percepção de espaço para iniciativas pessoais.

5.3.4 Competência em informação dos agentes de leitura

Várias são as competências em informação apontadas como importantes no desenvolvimento do trabalho nos Faróis. Dentre as capacidades elencadas pela literatura (discutidas na seção 2 do presente trabalho), quatro foram escolhidas como apropriadas para averiguação junto aos agentes de leitura: a atenção à educação continuada – treinamentos, realizados e futuros; o uso de TICs e ferramentas web; o gosto pela leitura e o costume de ler; e a capacidade de trabalhar em rede.

A importância da formação continuada é um aspecto bastante enfatizado pela literatura que aborda o tema da competência em informação; lembrando que educação continuada refere-se à melhoria contínua do profissional em sua área de atuação, independentemente da obtenção de títulos acadêmicos. A instituição empregadora também deve demonstrar interesse na qualificação de seus funcionários, de forma a assegurar a qualidade dos serviços prestados à comunidade. A Tabela 6, abaixo, resume a questão 30, onde perguntamos sobre os cursos de treinamento para atuação nos Faróis:

Tabela 6 - Treinamentos frequentados pelos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016

Q.30: Você fez cursos de treinamento para atuar nos Faróis?	
Resposta	Frequência
Não	3
Sim.	8
Total	11

Fonte: Dados da pesquisa

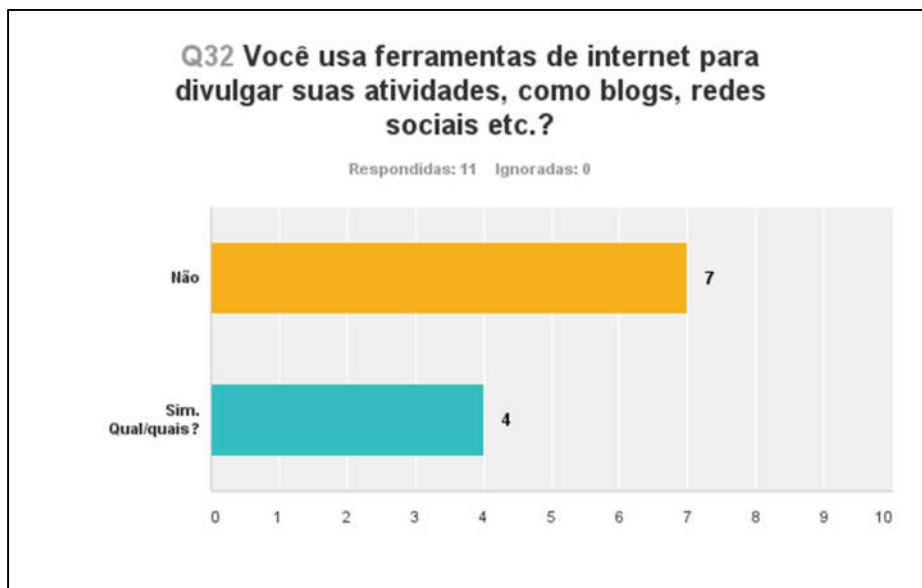
Apenas 3 agentes indicaram não haver realizado algum treinamento para atuação nos Faróis; dentre os 8 que apontaram terem sido treinados, a maior frequência pertence aos cursos sobre preparo técnico em livros (tombamento do patrimônio, etiquetagem, organização do acervo), tipo de treinamento indicados por cinco respondentes. A maioria dos agentes de leitura, por sua formação principal ser na área de pedagogia e licenciaturas, não está familiarizada com

os processos pelo qual os livros passam até poderem ser disponibilizados em seu acervo (processamento técnico); a instituição procura cobrir essa lacuna, ofertando um curso básico de técnicas biblioteconômicas. Outros treinamentos comentados englobam as atividades culturais (como roda de leitura e criação literária) e o atendimento ao público. A preocupação com o desenvolvimento de tais habilidades converge com a posição peculiar do Farol como espaço cultural, além de biblioteca e espaço para computadores. Poucos mencionam treinamento na área de TIC, como no uso da internet em buscas de informação bibliográfica ou no acesso a informações utilitárias, o que sugere mais uma vez o foco dessa instituição no apoio ao hábito de leitura e a atividades culturais em geral.

Complementando a questão acima descrita, os agentes ainda foram indagados se haveria algum curso que eles gostariam de fazer. O objetivo foi verificar se os agentes estão cientes das lacunas em sua formação, e a necessidade do auto aperfeiçoamento através da educação. Cinco agentes responderam que não há treinamento que gostariam de realizar; dos seis agentes de leitura que responderam sentir falta de algum treinamento específico, metade apontou habilidades relacionadas às TICs: desde uso de softwares básicos (aprimoramento no uso do Excel, para desenvolver a capacidade de realizar tratamento de estatísticas) até o emprego de ferramentas Web para produção de vídeos. Apontam ainda a oferta de cursos de idiomas, capacitação em atendimento ao público e contação de histórias aos usuários. Essa última observação nos leva a questionar se há alguma falha no sistema de educação continuada ofertado ou na comunicação entre os profissionais envolvidos, pois a prática de contação de histórias é um dos treinamentos frequentes apontado pelo gestor como regular aos agentes de leitura.

Um aspecto do uso das tecnologias para aproximação com o público, e uma das competências apontadas pela literatura como essenciais para profissionais de informação na atualidade, é o uso de redes sociais como ferramenta de divulgação dos serviços oferecidos pelo Farol a seus usuários. Informações sobre essa atividade é apresentada no Gráfico 6:

Gráfico 6 - Uso de ferramentas de internet pelos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016



Fonte: Dados da pesquisa

A maioria dos respondentes alegou que não utiliza nenhum tipo de ferramenta para divulgação dos serviços oferecidos; é um campo a ser explorado pelos agentes, pois, como indicado nas respostas da questão 12 do questionário, a grande maioria dos usuários dos Faróis utiliza redes sociais. Quatro respondentes indicaram utilizar alguma forma de contato na internet; os quatro apontaram o Facebook, e, dentre eles, dois ainda indicaram o uso de *blogs* informativos.

O gosto pela leitura é indicado não só como competência em informação para funcionários de bibliotecas, como apontado diretamente pelos documentos de gerenciamento dos Faróis como característica fundamental dos agentes de leitura. Não indagamos ao agente se ele gosta de ler, pois a resposta óbvia seria “sim”; mas averiguamos seu hábito de leitura através de duas questões indiretas (questões 33 e 34). A questão 33 referia-se ao tipo de leitura favorito do agente; as respostas foram bastante variadas, indo desde literatura brasileira e estrangeira à autoajuda e romances espíritas. Da mesma forma, a questão 34, sobre leitura, pergunta sobre o autor favorito dos respondentes. A maioria das respostas indica que possui mais de um autor de predileção, dependendo do momento pessoal e do tipo de literatura abordado em questão – há favoritos entre os estrangeiros e nacionais, em não-ficção e biografias, por exemplo. Poucos agentes que citaram autores nominalmente, e dentre os citados estão Mario Quintana, Nora Roberts, Jorge Amado.

Ainda na questão 34 perguntamos qual autor o agente recomendaria a um aluno do ensino médio. O objetivo dessa questão é perceber se o agente tem noção das preferências de seu público e conhecimento de seu acervo, aspectos fundamentais que impactam a qualidade do atendimento. Os agentes responderam de forma variada, alguns indicando os clássicos (como *Ilíada*) e outros apontando a preferência de usuários dessa faixa etária por literatura mais recente. Houve 9 indicações de autores brasileiros, atraindo nossa atenção para a importância da literatura nacional para os agentes de leitura dos Faróis – cuja valorização também é um dos objetivos citados pela discussão teórica das bibliotecas públicas: Pedro Bandeira foi citado duas vezes, e é conhecido pela literatura infantojuvenil; Lygia Bojunga e Machado de Assis também foram lembrados.

O último aspecto da competência em informação dos profissionais que escolhemos dimensionar refere-se à capacidade de trabalhar em rede. Segundo o Gestor da GBFS, o sistema de Bibliotecas Escolares e Faróis do Saber dispõe de uma rede, contando com um sistema único e interligado de acesso aos dados de acervo e de trocas físicas de materiais caso necessário. Esse sistema se propõe a ser empregado pelo agente como catalisador de mudanças e melhorias no atendimento à comunidade local; as questões 35 e 36 investigam se há interação entre os Faróis.

Dos 11 respondentes, a maioria (7 agentes) indica realizar contato com outras unidades dos Faróis; apenas 1 agente apontou esse contato como diário; a maior parte descreveu o contato como eventual (em uma escala que considerou o eventual como o nível mais baixo de uso, pois continha as opções: eventual, mensal, semanal e diário). A principal finalidade do uso da rede salientada pelos respondentes é a troca de experiências e informações, indicada por cinco deles. Observamos que nenhum dos agentes respondentes comentou a parceria e elaboração de projetos em comum com outras unidades. A troca de experiência não substitui outros objetivos do uso da rede que podem dinamizar as atividades dos faróis.

5.3.5 Opiniões dos agentes de leitura

As questões elaboradas para coletar a visão dos agentes de leitura sobre a atuação e a importância dos Faróis de Saber para a cidade de Curitiba, e suas sugestões para melhoria do serviço ofertado foram analisadas. Elas foram elaboradas como questões abertas.

O Farol é considerado um instrumento de desenvolvimento social para a comunidade do entorno, através da disponibilização de informação em seus diferentes suportes. A pergunta 26 questiona o agente de leitura sobre qual ele considera ser a principal contribuição dos Faróis para a cidade. Em geral, os respondentes destacaram o acesso à leitura e aos computadores, com algum destaque para o papel dos Faróis na integração comunitária:

Incentivo à leitura, democratização do acesso ao livro e o pioneirismo na inclusão digital, oferecendo computadores com acesso à internet (Respondente n.8)

Facilitar o acesso à leitura e uso dos computadores (Respondente n.6)

Propiciar acesso a livros, momentos culturais e inclusão digital (Respondente n.2)

Trabalho em Farol desde 1995, passei por todas as fases. O incentivo à leitura, acesso aos livros e pesquisas escolares foi um grande marco. Com a informatização foi a mesma coisa, pois quando começou a maioria da população não tinha acesso como é hoje. Não posso deixar de destacar os inúmeros projetos que são realizados em todos os Faróis, integrando o Farol com a comunidade (Respondente n.3)

Dois respondentes destacaram o desenvolvimento cultural dos usuários, com referência também ao papel no desenvolvimento da cidadania:

Proporcionar cultura e cidadania na comunidade (Respondente n.5)

Acesso à cultura por intermédio dos livros e da internet (Respondente n.1)

E um dos agentes ainda recordou o papel do Farol para o suprimento de lacunas variadas nas necessidades diárias de uso de tecnologia de informação:

Auxílio à comunidade carente, ajudando quando eles estão precisando, imprimindo currículos, por exemplo. O livro está ficando obsoleto (Respondente n.7)

Concluimos que os agentes de leitura consultados tendem a perceber a importância do Farol para a comunidade, tanto através da oferta de informação quanto no desenvolvimento pessoal, cultural e cidadão dos usuários. Apesar desse reconhecimento, as respostas à pergunta 27 (“Como você avalia a atuação dos Faróis ao longo do tempo?”) demonstram que os respondentes notaram a modificação do uso dos espaços; um dos respondentes descreveu certo afastamento da comunidade do acervo, provocado especialmente pela generalização do uso da internet para as pesquisas escolares em detrimento da pesquisa em livros:

As crianças hoje têm muita preguiça em realizar pesquisas por causa da internet. Tentamos fazer com que voltem a usar e procurar livros. O farol também está aqui para isso (Respondente n.9)

A maioria, porém, apenas constatou a modificação do movimento em decorrência da ascensão tecnológica, sem que haja necessariamente uma crítica à nova dinâmica:

Creio que caiu a procura por livros nos Faróis (Respondente n.1)

A instituição se adaptou conforme as exigências da sociedade ((Respondente n.5)

Modificou a importância do Farol; antes as pessoas frequentavam para pegar livros, hoje é para usar a internet. Precisamos dar o que elas buscam para não perder usuários (Respondente n.7)

Torna-se claro que o agente de leitura percebe a modificação no emprego dos instrumentos disponibilizados pelo Farol, com o foco atual na era digital da informação. É considerado natural o uso mais frequente dos computadores e da internet, especialmente pelo acesso ser público e gratuito. Eles percebem que o Farol é atualmente empregado para consultas virtuais e que deve atender a esse tipo de serviço tanto quanto às consultas ao acervo; mas ainda não se mobilizaram na utilização das ferramentas digitais na divulgação dos próprios serviços, como mostrado anteriormente na análise apresentada no Gráfico 6.

Perguntados sobre o que melhoraria o atendimento em seu Farol, os agentes mencionaram modificações em basicamente três frentes: melhora na disponibilidade da internet (incluindo aumento da velocidade e internet sem fio), atualização constante do acervo bibliográfico e o retorno do funcionamento no horário noturno; cada um desses tópicos foi citado duas vezes. As outras opiniões sugerem mais segurança no ambiente, oferta de cursos de informática e artesanato, e melhora no mobiliário. Como descrito anteriormente, o mobiliário é padronizado nos Faróis, excetuando-se os Faróis especiais, que é o caso do respondente que solicitou a melhoria neste aspecto.

5.3.6 Perfil pessoal e profissional

No quadro 4 é possível visualizar um resumo das informações obtidas sobre os respondentes:

Quadro 4 - Características pessoais dos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba – 2016

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DOS AGENTES DE LEITURA	
Variável	Frequência
Q.42: Qual é sua identificação de gênero?	
Masculino	1
Feminino	10
Q.43: Qual é sua faixa etária?	
até 30 anos	0
31 a 45 anos	6
46 a 60 anos	5
Acima de 61 anos	0
Q.44: Você costuma se identificar em qual grupo racial?	
Negros	1
Pardos	1
Amarelos	1
Indígenas	0
Branços	8

Fonte: Dados da pesquisa

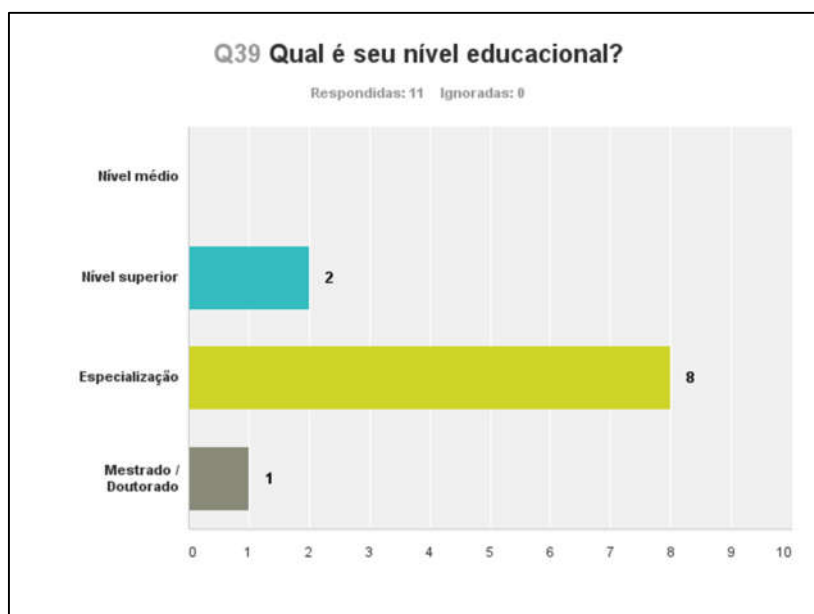
Podemos observar que a esmagadora maioria dos agentes de leitura respondentes pertence ao gênero feminino. Esta característica pode ser explicada pela presença maciça feminina no magistério, em especial nas primeiras séries do Ensino Fundamental – lembrando que os agentes de leitura são, em princípio, professores concursados da rede municipal da cidade de Curitiba. A idade dos respondentes está concentrada, na totalidade, nas faixas etárias de 31 a 45 e de 46 a 60 anos, distribuídos quase igualmente.

Quanto à identificação racial, há o predomínio de autoclassificação do grupo racial “branco”. Este é um resultado esperado para a cidade de Curitiba pois, conforme o relatório elaborado pelo IBGE²⁰, apenas 3,8% da população paranaense são autodeclarados “pretos”, enquanto 18,3% se autodeclararam “pardos”.

O nível educacional e profissional dos agentes é apresentado na Tabela 7 e no Gráfico 7 a seguir:

²⁰ Disponível em: <http://www.seppir.gov.br/portal-antigo/publicacoes/relatorioIBGE_pdf>. Acesso em: maio 2016.

Gráfico 7 - Nível educacional dos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016



Fonte: Dados da pesquisa

Tabela 7 - Formação profissional dos agentes de leitura. Faróis do Saber de Curitiba - 2016

Q. 40: Qual é a sua formação profissional?	
Formação	Frequência
Pedagogia	6
Artes	1
Administração	1
Professora	1
Serviço Social	1
Licenciatura	1
Total	11

Fonte: Dados da pesquisa

Observamos que a maioria dos respondentes são especialistas, ou seja, possuem em seu currículo ao menos uma pós-graduação *latu-sensu* (especialização). Nenhum profissional indicou possuir apenas o Ensino Médio, incluindo o curso técnico de Formação de Professores; e apenas um respondente possui título de pós-graduação *strictu-sensu* (mestrado e/ou doutorado).

Quanto à formação do profissional, seis são pedagogos, e as outras formações são variadas; houve uma indicação ambígua, onde o profissional descreveu-se apenas como “Professor”. Tal descrição abre margem a interpretações, mas cogitamos que tal agente tenha formação em alguma licenciatura.

Assim, podemos verificar que o perfil dos agentes de leitura respondentes é formado predominantemente por mulheres, brancas, que se encontram na faixa dos 31 aos 45 anos (e com uma diferença de apenas um respondente, dos 45 aos 60); a formação predominante é a graduação em Pedagogia, e os profissionais demonstram valorizar a educação continuada, realizando especializações e outros cursos de formação.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Farol do Saber foi escolhido como objeto de estudo por sua representatividade na cidade de Curitiba, com seu icônico prédio reconhecido por toda a população; e também porque, apesar da influência que aparenta ter para sua cidade, poucas pesquisas acadêmicas foram encontradas sobre essa instituição. Devido a essa escassez de informações científicas e embasadas, o estudo teve abordagem exploratória; nos empenhamos em delinear os parâmetros de implantação e funcionamento dos Faróis, suas atividades e percepção de seu público, além de traçar um perfil dos agentes de leitura lotados em tais espaços, caracterizando-os em sua formação, e, especialmente, em suas competências na área de informação. As principais indagações englobavam seu funcionamento e contribuição à comunidade: os Faróis em praça funcionam como bibliotecas públicas? Os Faróis em escola funcionam como bibliotecas escolares? Eles contribuem com o hábito da leitura, e se sim, como o fazem? Eles contribuem com acesso e uso das TICS, e se sim, como?

A informação tem sido destacada, nos últimos anos, como ferramenta para construção da cidadania, em seus aspectos públicos (participação social e comunitária) e particulares (crescimento pessoal e profissional). A biblioteca pública, como espaço democrático, tem papel crucial em sua disseminação, oferecendo acervo condizente com as necessidades de sua comunidade e possibilitando o acesso e inclusão digital. A proximidade da ideia concebida para os Faróis com o aparelho cultural e educacional que costumamos identificar como "biblioteca" induziu o levantamento teórico escolhido. Para servir de base comparativa entre os Faróis, conceituamos as bibliotecas públicas e escolares, suas áreas de atuação e o que é esperado delas. Assim, conseguimos traçar um paralelo entre esses tipos de bibliotecas e os diferentes tipos de Faróis, de acordo com suas especificidades e o público que atendem; pudemos definir o Farol do Saber como um tipo de biblioteca, acrescida de funções culturais que, na prática, são comumente deixadas de lado por esses espaços, apesar de, teoricamente, a ação cultural ser uma das funções atribuídas às bibliotecas.

As bibliotecas públicas são espaços propícios ao livre acesso à informação e o funcionário responsável pela biblioteca é o intermediário entre o acervo físico, os instrumentos tecnológicos disponibilizados, e sua comunidade. Tão importante quanto guardar e tratar esse acervo é efetuar a capacitação da população para o uso proveitoso das ferramentas oferecidas. Esse raciocínio direcionou a segunda parte do levantamento bibliográfico apresentado, onde buscamos elencar os argumentos destacados na literatura sobre o tema da competência em

informação, considerando os aspectos deste conceito a serem abordados na etapa da pesquisa empírica. Considerando a particularidade de que todos os agentes de leitura lotados nos Faróis não possuem formação na área de informação, estritamente, e são majoritariamente professores, buscamos conhecer como esta formação contribui para a sua atuação como agentes de informação e colaborando na construção da competência em informação dos usuários dos Faróis, incluindo o uso das TICs e o emprego da internet.

Na terceira seção levantamos informações pré-existentes sobre os Faróis, incluindo o projeto de implantação e outros documentos que descrevem a iniciativa, sua arquitetura, a disponibilização dos computadores para a população e as especificações de cada tipo de Farol. A seção também encerra as diretrizes para contratação e avaliação dos profissionais designados para o cargo de agente de leitura, as atividades que devem ser realizadas por eles, e as competências básicas que devem apresentar.

Para apoiar o intento de identificar o sistema dos Faróis em suas singularidades e obter subsídios para posterior levantamento junto aos agentes de leitura, escolhemos entrevistar o responsável pela Gerência de Bibliotecas e Faróis do Saber. A rede de bibliotecas é razoavelmente extensa, e cada unidade apresenta peculiaridades, tendo prioridades diferentes de acordo com o público que atende; ouvir o coordenador é obter exatamente a visão panorâmica que faz parte da proposta da pesquisa.

Sua incumbência principal é manter o sistema funcionando em conjunto, equilibrando as necessidades das diferentes células, mantendo uma equivalência mínima nos serviços oferecidos ao mesmo tempo em que ajuda a suprir as particularidades de cada Farol. A atual preocupação da gestão é com a dinamização do espaço, através da revitalização física (reformas) e atenção ao acervo e serviços digitais oferecidos.

Apesar do maior alcance das ações ser apontado aos Faróis de Escola, há um esforço para que haja equanimidade nas atividades oferecidas, e para que isso ocorra há incentivo às trocas de experiências entre as unidades; a elaboração e disponibilização *online* de um caderno pedagógico para o setor, inclusive, visava colaborar com essa interação. Muitos projetos são executados atualmente, alguns comuns às unidades, outros que se enquadram no atendimento às necessidades dos usuários deste ou daquele Farol, nas especificidades do público frequentador.

O gestor elenca as características dos agentes e suas funções; e também aponta a alta rotatividade dos agentes, em particular nas unidades escolares, como um ponto a ser evitado. Ele também é enfático em comentar sobre a necessidade de profissionais bibliotecários nos Faróis, mas demonstra claramente as vantagens da formação de cunho pedagógico dos agentes de leitura.

Ainda explica que o desempenho dos Faróis e de seus agentes é acompanhado e avaliado constantemente, de forma a identificar lacunas formacionais, pontos de melhoria e exemplos de ações bem-sucedidas que devam ser reconhecidas e replicadas.

Os dados levantados com a aplicação do questionário indicam que os Faróis, diariamente, atendem cerca de 40 pessoas, realizam 30 empréstimos e agendam 32 horários para uso dos computadores. A maioria dos respondentes indicaram disponibilizar 7 computadores para uso do público, além de ao menos uma impressora; os agentes de leitura ainda concordaram que o Farol pode ser o único local de acesso ao computador para grande parte da comunidade. Apesar da grande procura pelos equipamentos, a maioria dos agentes indicou não realizar treinamentos voltados ao manuseio da tecnologia; mas grande parte dos respondentes admitiu que são solicitados para oferecer orientações e auxílio aos usuários.

A implementação de atividades culturais é elemento comum às unidades, sendo solicitada e acompanhada pela Secretaria de Educação e pela GBFS. As ações mais comuns são referentes à prática de leitura em grupo, como as rodas de leitura e a contação de histórias. A população costuma frequentar as atividades do farol, mas não é de praxe a solicitação do espaço para que realizem atividades levadas por ela. A maioria dos respondentes não sugeriu novas atividades, talvez pelo número já elevado de práticas realizadas.

Os respondentes destacaram o papel do Farol na integração da comunidade, em especial no uso das ferramentas tecnológicas, atualmente com foco na digitalização da informação. São de opinião que a melhoria dos serviços para a comunidade pode ser alcançada principalmente através da atualização do acervo físico, do aumento da velocidade da internet e do retorno do atendimento em horário noturno.

Os dados também indicaram que o profissional lotado no farol possui uma visão um tanto limitada de seu espaço de trabalho, por vezes não captando a intenção da organização dos Faróis em uma mesma rede. Consideramos que o contato entre as unidades deveria ser mais estimulado pela Gerência e pelos Núcleos Regionais. São óbvios os obstáculos, especialmente

logísticos, desse contato, mas o objetivo da rede é justamente o estabelecimento de parcerias entre as unidades um programa em comum que considere as peculiaridades de cada unidade como agregadoras de conhecimentos e experiências no todo.

A maior parte dos agentes respondentes identifica-se como do sexo feminino, com idade distribuída quase igualmente nas faixas entre 31-45 anos e 46-60 anos, e formação universitária na área de pedagogia. Quase todo apontaram a realização de treinamentos profissionais como preparação ao trabalho nos faróis, em especial referentes ao serviço técnico biblioteconômico. Seus hábitos de leitura indicam inclinação à literatura brasileira, tanto em sua literatura favorita quanto nas indicações de livros para usuários.

Parte das indagações apresentadas na pesquisa são relativas ao funcionamento dos Faróis, sua manutenção e o trabalho realizado junto às comunidades interna (agentes de leitura) e externa (usuários); para obtermos respostas à essas questões, ouvimos a opinião do Gestor e dos próprios agentes. Ao final do trabalho conseguimos divisar os Faróis do Saber e suas características, que se encontram entre dois tipos de bibliotecas, as públicas e as escolares. Há uma concordância sobre a importância do trabalho dos Faróis para a comunidade, ainda que o agente de leitura entenda seu trabalho com um resultado mais local, e o gestor consiga divisar os benefícios dos Faróis de forma menos fragmentada. Comparando a entrevista realizada com os questionários aplicados, concluímos que o gestor demonstra possuir um bom conhecimento acerca de seus colaboradores e suas atividades (as informações de ambos os lados convergem), e isso é refletido na qualidade do trabalho ofertado – ele sabe o que e quem está gerenciando, conseguindo extrair melhores resultados e ajustar as deficiências. Da mesma forma, os agentes expressam entender as missões e motivações de suas unidades, trabalhando em sintonia com o solicitado pela gerência para satisfação das necessidades do público.

Ao analisar os resultados obtidos, algumas sugestões foram suscitadas:

- A busca e utilização das TICs devem ser encaradas pelos agentes de leitura como parte essencial do trabalho nos Faróis; alguns profissionais demonstraram certo ressentimento ao perceberem a opção pelo computador em detrimento do livro. É claro que o uso do acervo deve ser incentivado, a leitura continua como um dos pilares da instituição; ainda assim, os agentes precisam alcançar o crescente (e provavelmente perene) status da tecnologia como um dos recursos para obtenção de informações. Alguns já conseguem visualizar essa realidade, mas

outros precisam ser acompanhados com mais proximidade no desenvolvimento das habilidades de uso das TICS.

- Exatamente pela grande procura dos usuários pelos serviços de informática oferecidos no Farol, achamos que os cursos de formação em informática básica devem ser incluídos novamente na rotina de atividades de parte dos Faróis. Os próprios agentes de leitura descreveram que a maior parte das solicitações de auxílio são para rotinas simples, como utilizar o software Word e selecionar documentos para impressão.

- As atividades de criação literária foram apontadas como frequentes por apenas dois respondentes, e devem ser mais enfatizados. A criação literária é indicada pela literatura técnica como o momento em que os leitores podem externalizar o conteúdo absorvido nas leituras efetuadas anteriormente, concatenando ideias e criando um novo conhecimento; por esse importante papel na construção de competência no uso da informação ela deve fazer parte das ações aplicadas rotineiramente.

- O agente de leitura deve ser conscientizado sobre seu papel no desenvolvimento de projetos, no estabelecimento de parcerias com instituições externas e na captação de recursos federais para projetos de cultura (via editais de fomento). Esse ponto do desenvolvimento profissional também é mencionado pelo gestor, e sugerimos que sejam ministradas oficinas específicas aos colaboradores.

Consideramos que nosso objetivo principal, a colaboração com o aumento da visibilidade da iniciativa do Faróis através da pesquisa dissertativa e apresentação exploratória dos Faróis do Saber foi satisfatoriamente alcançado. A principal missão dos Faróis, sinalizada pelo gestor do órgão por eles responsável, é agregar a comunidade em seu entorno. Esse apontamento é de extrema relevância, pois, vem acrescentar mais uma faceta às prioridades relacionadas às bibliotecas na atualidade – a leitura e o acesso tecnológico. A ênfase de sua atuação, na verdade, é em sua função social.

Os objetivos específicos do presente estudo abrangiam o desenho do perfil dos profissionais agentes de leitura; consideramos o objetivo parcialmente atingido, devido às circunstâncias envolvendo a aplicação do questionário, que restringiram o número previsto de respondentes. Ainda assim, mesmo não tendo alcançado toda a população esperada, consideramos a experiência válida e proveitosa.

É válido registrar, também, o aparente impacto que as conjunturas políticas brasileiras do ano de 2016 acarretaram na administração, gerenciamento e funcionamento dos Faróis do Saber. Foram remanejados gestores, reduzido o horário de funcionamento e diminuídas as verbas de manutenção – e apesar disso, as bibliotecas continuam funcionando, com esperança de que o serviço seja normalizado com a futura estabilização político econômica do país.

O trabalho não teve a intenção de tratar exaustivamente o tema, mas trazer luz e visibilidade aos Faróis do Saber da cidade de Curitiba, um programa bem-sucedido, contínuo e longo para os padrões dos projetos culturais do país.

O próximo passo da pesquisa é sua continuidade imediata, buscando englobar a totalidade dos Faróis e apresentar um resultado mais consistente. Outras questões de pesquisa a serem levadas em consideração incluem: o aprofundamento da pesquisa na contribuição dos Faróis de Escola, comparativamente com as bibliotecas escolares, a verificação do impacto da inclusão digital através dos Faróis do Saber (disponibilidade e capacitação no uso das TICs) e, obviamente, auferir, junto ao público frequentador, suas opiniões sobre os Faróis e seu impacto social para a comunidade.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco. **Biblioteca Pública**: avaliação de serviços. Londrina: Eduel, 2013.

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION (ALA). **Final Report**, 1989. Disponível em: <<http://www.ala.org/acrl/publications/whitepapers/presidential>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

BALZAN, Carina Fior Postingher; ARENDT, João Claudio. (Re)Pensando a função das bibliotecas públicas municipais no contexto da informatização: o caso da Biblioteca Frei Miguel. **Revista Língua&Literatura**, v.17, n.30, p.293-316, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/1943>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o habito de leitura**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W., GASKELL, George (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-215.

BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCH, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, Nova Série, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 35-45, 2008. Disponível em: < <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/59>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BELLINI, Carlo Gabriel Porto; GIEBELEN, Edwin; CASALI, Richélita do Rosário Brito. Limitações digitais. **Informação & Sociedade**, v. 20, n. 2, p.25-32, maio/ago. 2010. Disponível em: < <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/4393>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues; SUAIDEN, Emir Jose. O papel social da biblioteca pública na interação entre informação e conhecimento no contexto da ciência da informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.4, p.29-41, out./dez. 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pci/v16n4/v16n4a04.pdf>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

BIBLIOTECAS: centros de informação e cultura. São Paulo: FTD, 2011.

BLATTMANN, Ursula; SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. Colaboração e interação na Web 2.0 e Biblioteca 2.0. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.12, n.2, p.191-215, jul./dez. 2007. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/530>>. Acesso em: 15 mar. 2016.

BRAGA, Aurineide Alves; PAULA, Rejane Sales de Lima. A biblioteca escolar e sua representação educativa. **Cad. Ed. Tec. Soc.**, v.5, p.245-257, 2014. Disponível em: <<http://cadernosets.inhumas.ifg.edu.br/index.php/cadernosets/article/view/190>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

BRASIL. Lei n. 12.244, de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do país. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 25 maio 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/112244.htm>. Acesso em: 25 mar. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Resolução nº 7, de 20 de março de 2009. Dispõe sobre o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 23 mar. 2009. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br/fndelegis/action/UrlPublicasAction.php?acao=abrirAtoPublico&sgl_tipo=RES&num_ato=00000007&seq_ato=000&vlr_ano=2009&sgl_orgao=CD/FNDE/MEC>. Acesso em: 29 fev. 2016.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. **Manual de verificação in loco das condições institucionais**. Brasília, DF: MEC; SESu, 2002. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/Manual1.pdf>> Acesso em: 26 fev. 2016.

BRUCE, Christine. Information literacy as a catalyst for educational change: a background paper. In: DANAHER, Patrick Alan (ed.). *International Lifelong Learning Conference*, 3. **Lifelong Learning: whose responsibility and what is your contribution?** Queensland: Yeppoon, p. 8-19, 2004. Disponível em: <http://eprints.qut.edu.au/4977/1/4977_1.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2016.

CALABRE, Lia. Problemáticas contemporâneas no campo das políticas públicas. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA (ENECULT), 8, 2012, Salvador: UFBA. Anais. 10 p. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/dados/DOC/artigos/a-j/FCRB_LiaCalabre_Problematicas_contemporaneas_no_campo_das_politicas_publicas.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2016.

CAMPELLO, Bernadete. A competência informacional na educação para o século XXI. In: **A BIBLIOTECA ESCOLAR: temas para uma prática pedagógica**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p.7-9

CAMPELLO, Bernadete. O movimento da competência informacional: uma perspectiva para o letramento informacional. **Ci. Inf.**, Brasília, v.32, n.3, p.28-37, set./dez. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-19652003000300004>. Acesso em: 7 mar. 2016.

CAMPELLO, Bernadete. A função educativa da biblioteca escolar no Brasil: perspectivas para seu aperfeiçoamento. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIENCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. **Anais ...** Belo Horizonte: Escola de Ciência da Informação da UFMG, 2003. CD-ROM.

CAMPELLO, Bernadete. Bibliotecas escolares e biblioteconomia escolar no Brasil. **Bibl. Esc. Em R.**, Ribeirão Preto, v.4, n.1, p.1-25, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106613>>. Acesso em: 21 fev. 2016.

CÂNFORA, Luciano. **A biblioteca desaparecida: histórias da biblioteca de Alexandria**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

COCCO, Marta Helena. O lugar da literatura regional no ensino. **Revista ECOS**, v. 8, n. 1, dez. 2009. Disponível em: <<http://periodicos.unemat.br/index.php/ecos/article/view/953/960>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

COELI, Raicinaluz Leila; MOLINA, Maria Fátima. A importância do ato de ler: leitura como fator primordial no processo ensino e aprendizagem de literatura na Educação de Jovens e Adultos–EJA. **Trem de Letras**, v. 1, n. 2, p. 1-13, 2013. Disponível em: <<https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/tremdeletras/article/view/154>> Acesso em: 3 abr. 2016.

COLEMAN, James S. Social capital in the creation of human capital. **The American Journal of Sociology**, v.94, n.suppl., p. 95-120, 1988.

CORNELSEN, Ayrton Lolô. **O Plano Agache**. Palestra, 2004. Disponível em: <<http://www.lolocornelsen.com.br/porta1%20lolo/txt%20-%20palestra.html>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

CORRÊA, Hércules Tolêdo; PAIVA, Aparecida. Literatura & Alfabetização: impasses e possibilidades. **Via Atlântica**, n. 28, p. 179-198, 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/98628>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

CÔRTE, Adelaide Ramos e; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2011.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos/Livros, 2008.

DETLOR, Brian, et al. Student perceptions of information literacy instruction: the importance of active learning. **Education for Information**, n.29, p.147-161, 2012.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. **A information literacy e o papel educacional das bibliotecas**. 2001. 173 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2001.

DUDZIAK, Elisabeth Adriana. Information literacy: princípios, filosofia e prática. **Ci. Inf.**, Brasília, v.32, n.1, p.23-35, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/123/104>>. Acesso em: 25 dez. 2015.

EISENBERG, Michael B.; BERKOWITZ, Robert E. Defining *Information literacy*. In: _____. **Information problem-solving: the Big6 skills approach to library and information skills instruction**. Columbus, Ohio: Linworth Publishing, 1990. cap.1.

FARIAS, Christianne Martins; VITORINO, Elizete Vieira. Competência informacional e dimensões da competência do bibliotecário no contexto escolar. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.14, n.2, p.2-16, maio/ago. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pci/v14n2/v14n2a02.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

FERREIRA, Sandra Patrícia Ataíde; DIAS, Maria da Graça Bompastor Borges. A leitura, a produção de sentidos e o processo inferencial. **Psicologia em Estudo**, v.9, n.3, p.439-448, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v9n3/v9n3a11>> Acesso em: 18 abr. 2016.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. Estudos de uso e usuários da informação. Brasília, DF: IBICT, 1994. Disponível em: <<http://livroaberto.ibict.br/handle/1/452>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

FLUSSER, Victor. A biblioteca como um instrumento de ação cultural. **R. Esc. Bibliotecon. UFMG**, v.12, n.2, p.145-169, set. 1983. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2011/04/pdf_060cef0f58_0015776.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2016.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia**. 2.ed. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2007.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. 45.ed. São Paulo, Cortez, 2003.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Biblioteca Pública**: princípios e diretrizes. 2.ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2010.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Velhos problemas? Público, acervos, leitura e bibliotecários em cenas da história da biblioteca pública. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.19, n.esp. p.211-226, out./dez. 2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2277>>. Acesso em: 23 dez. 2015.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (Ed.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p.64-89.

GOMES, Luciano Ferreira; BORTOLIN, Sueli. Biblioteca escolar e mediação de leitura. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, v.32, n.2, p.157-170, jul./dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/11962>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

GOMES, Henriette Ferreira; LION, Samir Elias Kalil. As práticas gestoras na biblioteca universitária. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 17., 2012, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre: UFRGS, 2012. Disponível em: <<http://www.snbu2012.com.br/anais/pdf/4RAE.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2016.

GROSS, Melissa; LATHAM, Don. What's skill got to do with it?: information literacy skills and self-views of ability among first-year college students. **Journal of the American Society for Information Science and Technology**, v.63, n.3, p.574-583, 2012.

HATSCHBACH, Maria Helena de Lima; OLINTO, Gilda. Competência em informação: caminhos percorridos e novas trilhas. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v.4, n.1, p.20-34, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/64/78>>. Acesso em: 26 dez. 2015.

HILLESHEIM, Araci Isaltina de Andrade; FACHIN, Gleisy Regina Borles. Biblioteca escolar e a leitura. **Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v.8/9, p. 35-45,

2003/2004. Disponível em: < <https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/404/507>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

HSIEH, J.J. Po-An; RAI, Arun; KELL, Mark. Understanding digital inequality: comparing continued use behavioral models of the sócio-economically advantaged and disadvantaged. **MIS Quarterly**, v.32, n.1, p.97-126, mar. 2008.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS / UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (IFLA/UNESCO). **Manifesto sobre bibliotecas públicas**. [S.l.], 1994. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS / UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (IFLA/UNESCO). **Manifesto IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**: edição em língua portuguesa – Brasil, São Paulo. 2000. 4p. Disponível em: <<http://archive.ifla.org/VII/s8/unesco/port.htm>>. Acesso em: 1 mar. 2016.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS / UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION (IFLA/UNESCO). **Diretrizes IFLA/UNESCO para biblioteca escolar**. Tradução de Neusa dias de Macedo e Helena Gomes de Oliveira. São Paulo. 2005. 28p. Disponível em: <http://www.ifla.org/files/assets/school-libraries-resource-centers/publications/school-library-guidelines/school-library-guidelines-pt_br.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2016.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **Diretrizes da IFLA sobre os serviços da Biblioteca Pública**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2010.

INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS (IFLA). **IFLA School Library Guidelines**. 2. ed. Netherlands: IFLA, 2015.

JOHANNSEN, Carl Gustav. Innovative public library services – staff-less or staff-intensive? **Library Management**, v.35, n.6/7, p.469-480, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/LM-01-2014-0006>>. Acesso em: 24 dez. 2015.

KAJBERG, Leif. Emerging public librarian roles and skills. **Librarian Career Development**, v.5, n.1, p.12-22, 1997. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1108/09680819710159727>>. Acesso em: 31 dez. 2015.

KUHLTHAU, Carol C. Developing a model of the library search process: cognitive and affective aspects. **RQ: Reference Quarterly**, Chicago, v.28, n.2, p.232-242, winter 1988.

KUHLTHAU, Carol C. O papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar: espaço de ação pedagógica**. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 9-14.

LAI, Horng-Ji; WANG, Ching-Yi. Examining public librarian informations literacy, self-directed learning readiness, and e-learning attitudes: a study from Taiwan. **Malaysian Journal of Library & Information Science**, v.17, n.2, p.101-115, aug. 2012.

LEAHY, Cyana. **A leitura e o leitor integral: lendo na biblioteca da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

LEMOS, Antonio Agenor Briquet de. Bibliotecas. In: CAMPELLO, B. S.; CALDEIRA, P. T.. **Introdução às fontes de informação**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.101-120.

LIMA, Jônatas Dias. Uma biblioteca por dia até 2020. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 mar. 2013. Vida e Cidadania. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/uma-biblioteca-por-dia-ate-2020-b6ptuzmqmqstayq5pmhi065c9a>>. Acesso em: 23 mar. 2016.

MACEDO, Neusa Dias de (Org.). **Biblioteca escolar brasileira em debate: Da memória profissional a um fórum virtual**. São Paulo: Editora SENAC; Conselho Regional de Biblioteconomia 8ª Região, 2005.

MACHADO, Elisa Campos; ELIAS JUNIOR, Alberto Calil; ACHILLES, Daniele. A biblioteca no espaço público: estratégias de mobilização cultural e atuação sócio-política do bibliotecário. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.14, n.esp., p.115-127, out./dez.2014. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2263>>. Acesso em: 25 dez. 2015.

MACIEL, Alba Costa; MENDONÇA, Marília Alvarenga Rocha. **Bibliotecas como organizações**. Rio de Janeiro: Interciência, 2000.

MAN, John. **A revolução de Gutenberg: a história de um gênio e da invenção que mudaram o mundo**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MANESS, Jack M. Teoria da biblioteca 2.0: Web 2.0 e suas implicações para bibliotecas. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.17, n.1, p.43-51, jan./abr. 2007. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/831>> Acesso em: 28 mar. 2016.

MARDIKYAN, Sona; YILDIZ, Endam Ayçiçek; ŞİMŞEK, Mehmet Derya Ordu and Burcu. Examining the global digital divide: a cross-country analysis. **Communications of the IBIMA**, v.2015, 11 p., 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATA, Marta Leandro da; SILVA, Helen de Castro. Biblioteca escolar e a aplicação da proposta da competência em informação no ensino fundamental. **CRB-8 Digital**, v.1, n.3, p.28-39, dez. 2008. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/17>>. Acesso em: 4 abr. 2016.

MEDEIROS, Ana Ligia Silva. Desconhecida pela comunidade e desprezada pelas autoridades: a biblioteca pública no Brasil na opinião de atores políticos e pesquisadores. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ibict.br/bitstream/123456789/802/1/Tese%20final%20REV_Gilda%20nov%202015.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2016.

MILANESI, Luís. **Biblioteca**. 3.ed. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2013a.

MILANESI, Luís. Biblioteca Pública: do século XIX para o XXI. **Revista USP**, n.97, p.59-70, mar.-abr.-maio, 2013b. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/61685>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

MILANESI, Luís. **A casa da invenção**. 3.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

MIRANDA, Antonio. A missão da biblioteca pública no Brasil. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v.6, n.1, p.69-75, jan./jun.1978. Disponível em: <http://www.antoniomiranda.com.br/ciencia_informacao/art_missaobibliip.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2015.

MIRANDA, Silvânia. Como as necessidades de informação podem se relacionar com as competências informacionais. **Ci. Inf.**, v. 35, n. 3, p. 99-114, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n3/v35n3a10.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2016.

MORO, Eliane Lourdes da Silva; ESTABEL, Lizandra Brasil. Bibliotecas escolares: uma trajetória de luta, paixão e de construção da cidadania. In: MORO, Eliane Lourdes da Silva et al. **Biblioteca escolar: Presente!** Porto Alegre: Evangraf, 2011.

MOSELEN, Chris; WANG, Li. Integrating information literacy into academic curricula: a professional development programme for librarians at the University of Auckland. **The Journal of Academic Librarianship**, n.40, p.116-123, 2014.

MOURA, Rosa. Curitiba: construção e desconstrução de um mito. 2004. 9 p. Disponível em: <<http://www.mobilizacuritiba.org.br/files/2014/04/Curitiba-constru%C3%A7%C3%A3o-e-desconstru%C3%A7%C3%A3o-de-um-mito.pdf>>. Acesso em: 5 jan. 2016.

MOTA, Márcia Maria Peruzzi Elia da. Um olhar crítico sobre os testes de compreensão de leitura. **Avaliação Psicológica**, v.14, n.3, p.347-351, 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712015000300007>. Acesso em: 4 abr. 2016.

OLINTO, Gilda. Dimensões e medidas de acesso e uso da internet: múltiplas abordagens e evidências sobre o Brasil. **PontodeAcesso**, Salvador, v.3, n.3, p.428-449, dez. 2009. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/revistaici/article/view/3761>>. Acesso em: 24 dez. 2015.

OLINTO, Gilda. Bibliotecas públicas e uso das tecnologias de informação e comunicação para o desenvolvimento social. **InCid: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, v.1, n.1, p.77-93, 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42306>>. Acesso em: 24 dez. 2015.

OLINTO, Gilda; MEDEIROS, Ana Ligia. Capital social e biblioteca pública. In: ALBAGLI, Sarita (Org.). **Fronteiras da Ciência da Informação**. Brasília: IBICT, 2013. p.236-256.

PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andréa. Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE) – uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, v.20, n.1, p.173-188, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n1/v20n1a10.pdf>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

PEREIRA, Danilo Moura; SILVA, Gislane Santos. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) como aliadas para o desenvolvimento. **Cadernos de Ciências Sociais Aplicadas**, n.10, p.151-174, 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/cadernosdeciencias/article/view/884>>. Acesso em: 24 dez. 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. **Projeto de implantação das bibliotecas comunitárias “Farol do Saber”**. Curitiba: Prefeitura Municipal De Curitiba, 1993. 4 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Proposta de implantação das bibliotecas “Farol do Saber”**: estrutura e funcionamento. Curitiba: Prefeitura Municipal De Curitiba, 1994a. 8 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. Gerência de Logística. **Proposta de implantação das bibliotecas “Farol do Saber”**: estrutura e funcionamento. Curitiba: Prefeitura Municipal De Curitiba, 1994b. 8 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Relatório de informações gerais sobre os Faróis do Saber**. Curitiba: Prefeitura Municipal De Curitiba, 2001. 24 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Relatório Rede Municipal de Bibliotecas Escolares**. Curitiba: Prefeitura Municipal De Curitiba, 2010. 96 p.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA. Secretaria Municipal de Educação. **Rede Municipal de Bibliotecas Escolares de Curitiba**: Caderno Pedagógico. Curitiba: Prefeitura Municipal De Curitiba, 2014. Disponível em:

<http://multimidia.cidadedoconhecimento.org.br/CidadeDoConhecimento/lateral_esquerda/menu/downloads/cadernos_pedagogicos/Tecnologia%20e%20Difusao%20Educacional/Rede%20Municipal%20de%20Bibliotecas%20Escolares/Caderno%20Bibliotecas_portal.pdf>.

Acesso em: 2 abr. 2016.

PUTNAM, Robert D. Bowling alone: America's declining social capital. **Journal of Democracy**, v.6, n.1, p.65-78, 1995.

RASTELI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em biblioteca pública. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, v.18, n.36, p.157-180, jan./abr. 2013.

Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

RIBEIRO, Adriana; LEITE, Ramon Silva; LOPES, Humberto Elias Garcia. Análise do uso das redes sociais em bibliotecas universitárias brasileiras. **RDBCI**, v. 12, n. 3, p. 5-27, 2014. Disponível em: http://143.106.108.14/seer/ojs/index.php/rbci/article/view/4109/pdf_79.

Acesso em: 23 abr. 2016.

SERPRO. **Digitando o futuro, de farol a megaportal**. Disponível em: http://www4.serpro.gov.br/noticias-antigas/noticias-2005-1/20051005_01. Acesso em: 31 dez. 2015.

SILVA, Jonathas Luiz Carvalho. A multitemporalidade da biblioteca. **Revista Interamericana de Bibliotecología**, v.36, n.1, p.25-34, 2013. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0120-097620130001000002&script=sci_arttext. Acesso em: 5 mar 2016.

SILVA, Luiz Antonio Gonçalves da. As bibliotecas dos jesuítas: uma vida a partir da obra de Serafim Leite. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.13, n.2, p.219-237, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pci/v13n2/a14v13n2.pdf>. Acesso em: 26 fev. 2016.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da biblioteca escolar**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Nelson Rosário de. Planejamento urbano em Curitiba: saber técnico, classificação dos cidadãos e partilha da cidade. **Rev. Sociol. Polít.**, v.16, p. 107-122, jun. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n16/a07n16.pdf>. Acesso em: 4 jan. 2016.

SOUZA, Renata Junqueira de; LOPES, Leonardo Montes; VINHAL, Tatiane Portela. Biblioteca escolar: sobre o espaço e a formação do leitor. **Ensino em Re-vista**, v.20, n.2, p.397-410, jul./dez. 2013.

SUAIDEN, Emir José. A biblioteca pública no contexto da sociedade da informação. **Ci. Inf.**, Brasília, v.29, n.2, p.52-60, maio/ago. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n2/a07v29n2.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2015.

TARGINO, Maria das Graças. A biblioteca do século XXI: novos paradigmas ou mera expectativa? **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.20, n.1, p. 39-48, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/2645>. Acesso em: 6 abr. 2016.

VÁLIO, Else Benetti Marques. Biblioteca escolar: uma visão histórica. **Transinformação**, v.2, n.1, p.15-24, jan/abr.1990. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/transinfo/article/view/1670>. Acesso em: 20 mar. 2016.

VELLOSO, Mônica. A literatura como espelho da nação. **Revista Estudos Históricos**, v. 1, n. 2, p. 239-263, 1988. Disponível em: http://www.casarui Barbosa.gov.br/dados/doc/artigos/o-z/ferb_monicaaveloso_literatura_espelho_nacao.pdf. Acesso em: 15 fev. 2016.

WEITZEL, Simone da Rocha; CALIL JUNIOR, Alberto; ACHILLES, Daniele. Revisiones y reflexiones. Alfabetización informatic en las Escuelas: el papel del licenciado en Bibliotecología. **Rev. Interam. Bibliot.**, Medellín (Colômbia), v.38, n.3, p.213-225, set./dez. 2015. Disponível em: < <http://eprints.rclis.org/28098/1/v38n3a6.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

WELLMAN, Barry. Connecting community: on and off-line. **Contexts: understanding people in their social worlds**, v.3, n.4, p.22-28, 2004.

WHITACRE, Brian; RHINESMITH, Colin. Public libraries and residential broadband adoption: do more computers lead to higher rates? **Government Information Quarterly**, v.32, p.164-171, 2015.

XIE, Bo; BUGG, Julie M. Public library computer training for older adults to access high-quality Internet health information. **Library & Information Science Research**, v.31, p.155-162, 2009.

APÊNDICE A - LISTA DOS FARÓIS DO SABER DA CIDADE DE CURITIBA

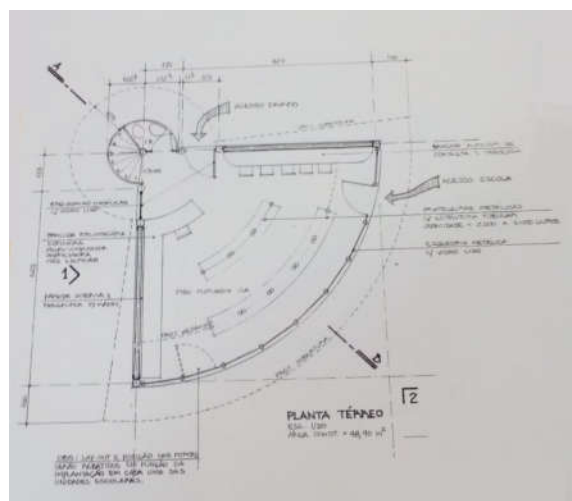
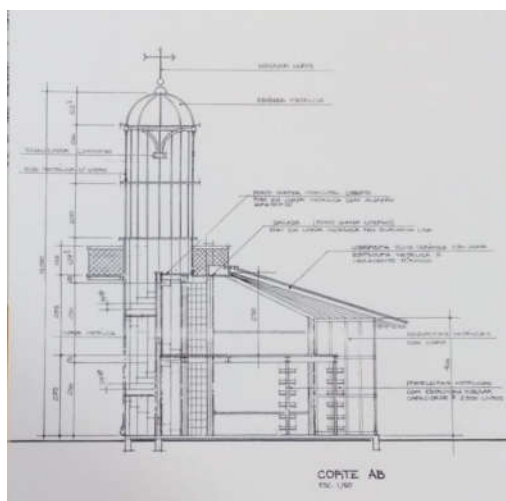
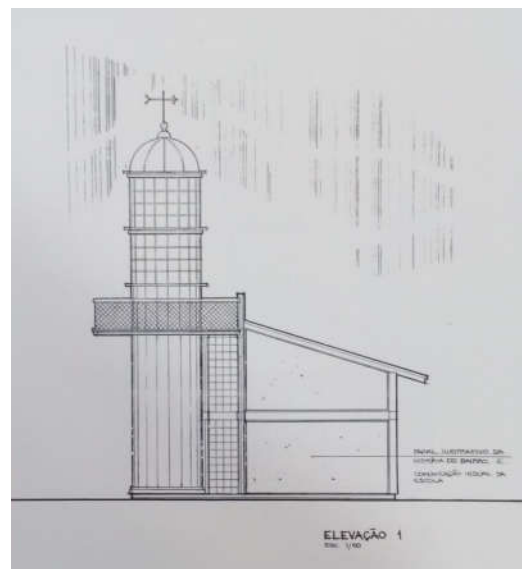
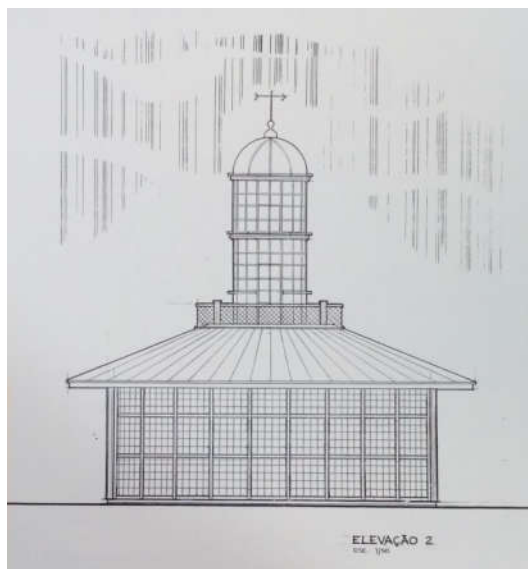
Organização por regional

REGIONAL	FAROL DO SABER	BAIRRO	TIPO	ENDEREÇO
Bairro Novo	Farol do Saber São Pedro e São Paulo	Umbará	Praça	Rua Luiz Nichele, 99
Bairro Novo	Farol do Saber Cecília Meireles	Sítio Cercado	Escola	Rua Milton Miramir Visinoni, 4
Bairro Novo	Farol do Saber Rubem Braga	Sítio Cercado	Escola	Rua Celeste Tortato Gabardo, 1090
Bairro Novo	Farol do Saber Senador Accioly Filho	Sítio Cercado	Escola	Rua Izaac Ferreira da Cruz, 3560
Boa Vista	Farol das Cidades	Pilarzinho	Praça	Rua Eugênio Flor, 30
Boa Vista	Farol do Saber Antônio Machado	Barreirinha	Praça	Rua Joel Jensen Júnior, s/nº
Boa Vista	Farol do Saber Antônio Callado	Bacacheri	Escola	Av. Luiza Gulin, s/n
Boa Vista	Farol do Saber Gilberto Freyre	Santa Cândida	Escola	Rua Ayrton Luciano Franco, s/n
Boa Vista	Farol do Saber Heitor Stockler de França	Bairro Alto	Escola	Rua Rio Iriri, 504
Boa Vista	Farol do Saber João Guimarães Rosa	Bairro Alto	Escola	Rua Jornalista Alceu Chichorro, 180
Boa Vista	Farol do Saber Manuel Bandeira	Pilarzinho	Escola	Rua Saturnino Arruda dos Santos, 80
Boa Vista	Farol do Saber Telêmaco Borba	Atuba	Escola	Rua João Batista Scucato, 80
Boa Vista	Casa Encantada	São Lourenço	Especial	Rua Francisco Schaffer, s/n - Vista Alegre
Boqueirão	Farol do Saber Aristides Vinholes	Xaxim	Praça	Rua Primeiro de Maio, 1206
Boqueirão	Farol do Saber Albert Einstein	Xaxim	Escola	Rua Ayrton Pizzatto Gusi, 241
Boqueirão	Farol do Saber Fernando Pessoa	Boqueirão	Escola	Rua Prof. José Nogueira dos Santos, 1272
Boqueirão	Farol do Saber Luís de Camões	Alto Boqueirão	Escola	Rua Ulisses Geraldo Moro, s/n
Boqueirão	Farol do Saber Mário Quintana	Boqueirão	Escola	Rua O Brasil Para Cristo, 588
Cajuru	Farol do Saber César Pernetta	Uberaba	Escola	Rua Capitão Leônidas Marques, 6480
Cajuru	Farol do Saber Emiliano Pernetta	Cajuru	Escola	Av. Jornalista Aderbal G. Stresser, 651
Cajuru	Farol do Saber Herbert José de Souza	Uberaba	Escola	Rua Atílio Piotto, 60
Cajuru	Farol do Saber Pablo Neruda	Capão da Imbuia	Escola	Rua Clávio Molinari, s/n
Cajuru	Farol do Saber Samuel Chameki	Cajuru	Escola	Rua Paulo de Frontin, 780
CIC	Farol do Saber Frei Miguel Bottacin	Cidade Industrial	Praça	Rua Orlando Luiz Lamarca, 430
CIC	Farol do Saber Fernando Amaro de Miranda	Cidade Industrial	Escola	Rua Robert Redzinski, 150
CIC	Farol do Saber Joaquim Nabuco	Cidade Industrial	Escola	Rua Arthur Martins Franco, 577
CIC	Farol do Saber Padre Antônio Vieira	Cidade Industrial	Escola	Rua Hilda Cadilhe de Oliveira, s/n
CIC	Farol do Saber Sérgio Mercer	Cidade Industrial	Escola	Rua Padre Estanislau Piasecki, 1037
CIC	Farol do Saber Vinícius de Moraes	Cidade Industrial	Escola	Rua Emílio Romani, 316
Matriz	Farol do Saber Emílio de Menezes	Bigorrilho	Praça	Rua Cândido Hartmann, 1675
Matriz	Farol do Saber Gibran Khalil Gibran	Centro Cívico	Especial	Av. João Gualberto, 141
Pinheirinho	Farol do Saber José de Alencar	Pinheirinho	Escola	Rua Valentin Nichele, 486
Pinheirinho	Farol do Saber Tasso da Silveira	Pinheirinho	Escola	Rua Brasília Pery Moreira, 17
Pinheirinho	Farol do Saber Roberto Barrozo	Novo Mundo	Escola	Rua João Ribeiro Lemos, 361
Pinheirinho	Farol do Saber Clarice Lispector	Novo Mundo	Escola	Rua Luiz Leopoldo Landal, s/n
Pinheirinho	Farol do Saber Dona Pompília	Tatuquara	Escola	Rua Ernesto Germano Francisco Hannemann, 592
Portão	Farol do Saber Tom Jobim	Santa Quitéria	Praça	Rua Curupaitis, 1449
Portão	Farol do Saber Castro Alves	Fazendinha	Escola	Rua Daniel Mikovski, 191

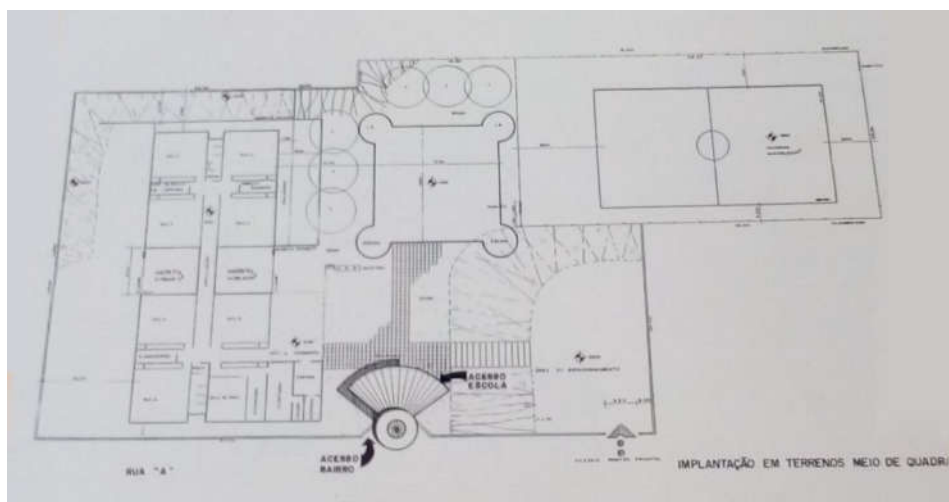
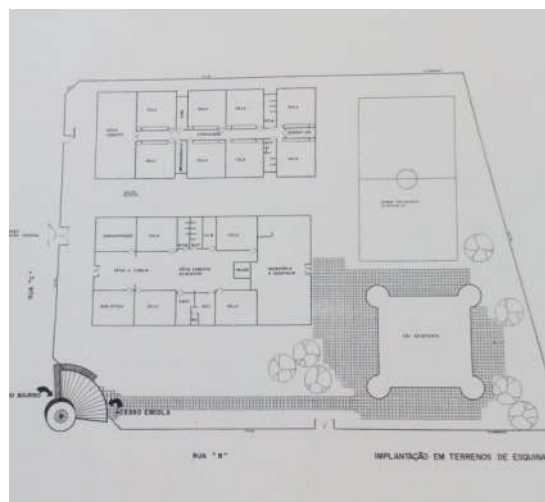
Portão	Farol do Saber Rocha Pombo	Portão	Escola	Rua Itacolomi, 700
Portão	Farol do Saber Hideo Handa	Água verde	Especial	Praça do Japão, s/nº, Batel
Santa Felicidade	Farol do Saber Aparecido Quinaglia	Santa Felicidade	Praça	Rua Alcides Darcanchy, 570
Santa Felicidade	Farol do Saber Machado de Assis	Vista Alegre	Praça	Rua Arthur Leining, 635
Santa Felicidade	Farol do Saber Dante Alighieri	Santa Felicidade	Escola	Rua Zem Bertapelle, 55
Santa Felicidade	Farol do Saber Gonçalves Dias	São Braz	Escola	Rua Alexandre Marcoski, 190

APÊNDICE B – ARQUITETURA DOS FARÓIS: PROJETO ARQUITETÔNICO

FAROL DO SABER: **Minibiblioteca de bairro**. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1994.



Plantas do modelo tradicional do Farol do Saber



Plantas demonstrando a interação do Farol do Saber com as escolas: entrada dupla

APÊNDICE C – ROTEIRO DA ENTREVISTA

Prezado Gestor,

O Sr. está sendo convidado para participar, como entrevistado, de uma pesquisa sobre os Faróis do Saber de Curitiba.

Tema da minha pesquisa de dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação no convênio PPGCI IBICT/UFRJ, o estudo tem por objetivo identificar o perfil institucional dos Faróis, assim como dos profissionais alocados nas unidades, suas motivações e qualificações.

O Sr. foi escolhido como único entrevistado desta etapa; sua posição na gestão do sistema de Faróis o coloca em destaque como principal conhecedor de seu funcionamento; e sua colaboração é fundamental para o sucesso do trabalho. Citações de trechos da entrevista no trabalho serão submetidas a sua prévia aprovação.

Meu nome é Paulla Pereira e estou sob orientação da professora e pesquisadora Dra. Gilda Olinto.

Agradeço imensamente sua participação, é muito importante para meu estudo!

Bloco 1: O Farol como instituição

1. Em sua opinião, quais são as principais missões dos faróis?
2. A que você atribui o sucesso e a continuidade da iniciativa? Quais foram as principais conquistas? E quais são os principais problemas atuais?
3. Como se caracteriza a gestão dos faróis? O que é centralizado na Secretaria e o que fica a cargo das unidades?
4. Como são financeiramente mantidas as unidades? Elas têm orçamento individual e são responsáveis pela sua execução ou o orçamento é centralizado na secretaria?
5. Durante a pesquisa constatee que algumas unidades possuem projetos com outras empresas, privadas e públicas. Elas têm autonomia para estabelecer parcerias com ONGs ou outra fonte de recursos?
6. Como você avalia as experiências dos dois tipos de farol: em escolas e em praças públicas?
7. Como caracterizaria a sua gestão e os problemas que atualmente enfrenta?

Bloco 2: Os tipos de Farol, suas atividades e seu público

8. Quais as grandes diferenças entre os dois tipos de faróis?
9. Como você caracteriza o público dos dois tipos de faróis? Como define a comunidade alvo?
10. Quais são os principais recursos, serviços básicos disponíveis ao usuário nos faróis: infraestrutura, acervo, serviços, etc, oferecidos regularmente? O que é básico e garantido a todos os faróis, e a cada tipo de Farol: de praça e de escola
11. Os projetos/atividades desenvolvidos nos Faróis são propostos pela secretaria ou são elaboradas pelos agentes? Há autonomia para os agentes? Quais são os principais projetos/atividades atualmente em destaque nos dois tipos de faróis?
12. Como se dá a interação e troca de experiências entre as unidades?
13. Como vê o papel dos faróis no desenvolvimento:
 - a) do hábito de leitura
 - b) no apoio à escola
 - c) no desenvolvimento da competência no uso das TICs?

Bloco 3: Os profissionais dos faróis: os agentes de leitura e outros

14. Quais são as categorias de profissionais envolvidas na atuação dos faróis? E como se distribuem esses profissionais na rotina diária? Existe algum responsável por cada Farol individualmente?
15. Quais são as atribuições básicas dos agentes de leitura nos faróis? Há alguma diferença entre esses agentes nos dois tipos de Faróis?
16. Quais são as competências exigidas dos agentes de leitura? Nos dois tipos de faróis?
17. Qual é a formação profissional típica dos agentes de leitura dos Faróis hoje? Há mais de um perfil?
18. Como esse profissional é escolhido? E treinado? Que tipo de treinamento (em atendimento ao público, em formação de hábito de leitura, em uso da internet para acesso a informações)?
19. Os profissionais têm competência e são treinados como gestores?
20. Para os profissionais do Farol ligados às escolas – há alguma interação do Farol com o projeto pedagógico da escola onde estão alocados?
21. Como você avalia a atuação dos agentes de leitura nos faróis? Considera satisfatória? Nos dois tipos de faróis?

22. Que competências específicas você gostaria que estivessem presentes ou fossem mais desenvolvidas nos agentes de leitura atuantes nos faróis? Há alguma mudança de perfil sendo planejada?
23. Há bibliotecários atuando nos faróis como agentes? Vê vantagens ou desvantagens deste tipo de formação profissional para atuar nos faróis?
24. Como os agentes são acompanhados? Há algum tipo de avaliação de desempenho?
25. Qual a sua impressão da satisfação do profissional de informação atuando atualmente nos faróis?
26. Gostaria de sugerir alguns aspectos das competências dos profissionais de informação a serem identificadas pela minha pesquisa?
27. Gostaria de conhecer a opinião desses profissionais sobre algum tópico específico?
28. Que outras sugestões você gostaria de dar para incluirmos no questionário que será aplicado aos agentes de leitura que atuam nos faróis?
29. Há algum outro comentário que você queira fazer sobre a entrevista?

Bloco 4: Informações sobre o entrevistado

30. Qual a sua formação profissional: curso de graduação e outros cursos de formação?
31. Qual foi a sua trajetória profissional até o cargo atual.
32. Como a formação e experiência têm contribuído para a sua atuação no farol.
33. Qual é sua idade.

MUITO OBRIGADA!

APÊNDICE D – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS AGENTES DE LEITURA

Prezado Agente de Leitura.

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa qualitativa, sobre os Faróis do Saber da cidade de Curitiba. Seu objetivo é apresentar um panorama sobre o funcionamento da instituição e, em especial, da função de agente de leitura, essencial para o sucesso dessa empreitada. Gostaria de saber quais são suas atividades e suas opiniões sobre a prática profissional nos Faróis.

Meu nome é Paulla Pereira, e sou mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação no convênio PPGCI IBICT/UFRJ. Esse questionário faz parte da pesquisa que dará origem à minha dissertação, sob a supervisão da Profa. Dr. Gilda Olinto.

Obter informações e ouvir sua opinião é essencial para compreendermos o funcionamento dos Faróis. Garanto que as respostas são confidenciais, e as não serão analisadas individualmente, mas como um conjunto de informações para geração de estatísticas. Sua participação é voluntária, mas ressalto que é muito importante para o sucesso do meu estudo!

Qualquer dúvida acerca do conteúdo, questão ou comentário, por gentileza, entre em contato através do e-mail paulla.pereira@outlook.com ou do telefone (41)9188-7727.

Muito obrigada!

As primeiras perguntas visam conhecer um pouco o seu Farol

1. Qual é a média diária aproximada de usuários que o Farol atende?

2. Qual é a média diária aproximada de empréstimo de acervo?

3. Para que finalidade o Farol é mais utilizado?

☐ Leitura e consulta ao acervo

☐ Uso dos computadores

☐ Outra. Qual?

4. Seu Farol tem atualmente parcerias com outras instituições?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Com quais instituições, e com que finalidade? _____

5. Seu Farol apresenta ênfase em algum tipo específico de acervo?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Qual/quais? _____

6. Indique o número de computadores disponíveis para os usuários do seu Farol

7. Seu Farol disponibiliza outros equipamentos tecnológicos para os usuários?

Não

Sim. Qual/quais? _____

8. Qual é a média diária de uso do computador?

9. Você acha que os computadores do seu Farol têm sido utilizados por pessoas da comunidade que não têm facilidade de acesso em outro local?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Qual é o perfil desses usuários? _____

10. O Farol oferece treinamentos de uso do computador?

- ☐ Não
- ☐ Sim

11. Se sim, responda:

Qual costuma ser o público? _____

Quem costuma ministrar o treinamento? _____

Que tipo de treinamentos são ministrados? _____

12. No uso do computador, com que frequência são notadas as seguintes aplicações:

Acesso ao e-mail _____

Busca de notícias _____

Pesquisas escolares _____

Uso de redes sociais _____

Jogar no computador _____

Acesso a portais e serviços governamentais _____

Necessidades da vida diária (currículo,
busca de emprego, consulta ao holerite...) _____

13. Você observa diferença de frequência e interesse no uso do computador por jovens do sexo feminino o e masculino?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Quais são essas diferenças? _____

14. O agente de leitura costuma ser solicitado para auxiliar no uso da internet?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Geralmente para quê? _____

15. Em qual regional está localizado seu Farol?

- ☐ Bairro Novo
- ☐ Boa Vista
- ☐ Boqueirão
- ☐ Cajuru
- ☐ CIC
- ☐ Matriz
- ☐ Pinheirinho
- ☐ Portão
- ☐ Santa Felicidade

16. Como é classificado o Farol em que você atua?

- ☐ Farol do Saber em Escola
- ☐ Farol do Saber em Praça
- ☐ Farol do Saber Especial

As perguntas de 17 a 22 tem por objetivo averiguar as particularidades dos Faróis de Escola

17. As atividades para estudantes são definidas:

- ☐ Pelos agentes do Farol
- ☐ Pela equipe pedagógica responsável
- ☐ Em conjunto, agentes do Farol e equipe pedagógica

18. Os alunos costumam buscar o Farol do Saber espontaneamente?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Para que tipo de atividades? _____

19. Você costuma ser procurado/a por professores para atividades em conjunto?

- ☐ Não
- ☐ Sim. De quais séries / disciplinas, geralmente? _____

20. Você costuma participar das atividades de pesquisa escolar propostas pelos professores aos alunos?

- ☐ Não
- ☐ Sim. Como? _____

21. Entre essas atividades ligadas à pesquisa escolar, quais você costuma realizar no Farol?

	SIM	NÃO
Utilizar obras de referência	_____	_____
Pesquisar na internet, através de sites	_____	_____
Pesquisar na internet, através de catálogos virtuais	_____	_____
Se outras atividades ligadas à pesquisa escolar, quais?	_____	

22. Como costuma ser sua interação:

Com a coordenação da escola? _____

Com o Núcleo Regional de Educação? _____

As próximas perguntas são sobre as atividades desenvolvidas para sua comunidade

23. Sobre as atividades do Momento Cultural:

Quais foram as atividades implementadas em 2016? _____

Descreva a que você gostaria de destacar: _____

24. Quais atividades você desenvolveu em 2016 no seu Farol?

	SIM	NÃO
Roda de leitura	_____	_____
Contação de histórias (hora do conto)	_____	_____
Criação literária	_____	_____
Palestras informativas sobre assuntos gerais	_____	_____
Exposições	_____	_____
Discussão sobre livro previamente selecionado	_____	_____
Cursos	_____	_____
Oficinas	_____	_____
Atividades de valorização da cultura local	_____	_____
(do bairro / municipal / estadual)		

Outro(s). Qual/quais? _____

25. A comunidade do entorno utiliza o espaço do Farol para agendar atividades de interesse próprio?

☐ Não. Por que? _____

☐ Sim. Qual/quais? _____

Agora gostaria de obter algumas opiniões e conhecê-lo(a) um pouco

26. Em sua opinião, qual tem sido a principal contribuição dos Faróis do Saber em Curitiba?

27. Como você avalia a atuação dos Faróis ao longo do tempo?

28. Você gostaria de propor alguma nova atividade de Momento Cultural?

☐ Não

☐ Sim. Qual/quais? _____

29. Que outras sugestões você daria para o seu Farol?

30. Você fez cursos de treinamento para atuar nos Faróis?

☐ Não

☐ Sim. Qual/quais? _____

31. Você gostaria de fazer algum treinamento específico?

☐ Não

☐ Sim. Qual/quais? _____

32. Você usa ferramentas de internet para divulgar suas atividades, como blogs, redes sociais etc.?

☐ Não

☐ Sim. Qual/quais? _____

33. De qual tipo de leitura você gosta mais?

34. Sobre leitura:

Qual é seu autor favorito? _____

Que autor você recomendaria para um aluno de Ensino Médio? _____

35. Você costuma se comunicar com outros Faróis de Curitiba?

☐ Não

☐ Sim. Com que finalidade? _____

36. Se sim, com que frequência?

☐ Eventual

☐ Mensal

- ☐ Semanal
- ☐ Diária

37. A quem você se reporta em caso de necessidade administrativa?

38. Em qual turno você trabalha no Farol do Saber?

39. Qual é seu nível educacional?

- ☐ Nível médio
- ☐ Nível superior
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado / Doutorado

40. Qual é a sua formação profissional?

41. Quais São ou foram suas outras experiências profissionais?

42. Qual é sua identificação de gênero?

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

43. Qual é sua faixa etária?

- ☐ Até 30 anos, inclusive
- ☐ Entre 31 e 45 anos, inclusive
- ☐ Entre 46 e 60 anos, inclusive
- ☐ Acima de 61 anos

44. Você costuma se identificar em qual grupo racial?

- ☐ Negros
- ☐ Pardos
- ☐ Amarelos
- ☐ Indígenas
- ☐ Brancos

Considerações finais

45. Agradeço muito sua participação! Convido/a para acrescentar alguma informação e fazer comentários e/ou críticas a esta pesquisa.

